O QUE ESTÁ MAIS ALÉM

ALICE M. KAULBACK

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

Em 1933 o meu filho Ronald partiu numa expedição ao Tibete e no seu regresso escreveu um livro em que menciona que eu possuo a faculdade de conhecer qualquer coisa do que esteja a ocorrer nas vidas dele, e do meu outro filho quando se encontram afastados da minha presença. Com relutância, prometi ao Ronald que quando regressasse da sua segunda viagem ao Tibete lhe daria conta da história do que sucedera, e quando ele regressou após uma longa ausência de quase dois anos, comecei a cumprir essa promessa.

Os meus filhos estiveram longe de mim durante quase seis anos. Em outono de 1932, Bill juntou-se ao seu regimento na Índia e, enquanto lá esteve, passou dois meses no Tibete, a viajar com um criado nativo e, na verdade, esteve lá ao mesmo tempo que Ronald, embora estivessem a centenas de quilómetros de distância. Mais tarde, quando estacionado no Sudão, obteve licença para fazer uma viagem ao deserto da Líbia, acompanhado apenas por cameleiros e um guia ocasional. Ronald permaneceu em casa durante pouco mais de um ano, antes de regressar ao Tibete, em 1935.

Sempre tive muito receio dos perigos e dos problemas que pudessem acometer aqueles que amo, e posso dizer com certeza que teria ficado constantemente angustiada se fosse deixada no escuro com respeito a eles, pois simplesmente não teria suportado a expectativa e a incerteza daquelas longas semanas e meses de espera sem notícias; mas sempre tive conhecimento deles, um conhecimento tão claro e tão constantemente provado como correto que geralmente conseguia continuar sem medo e sentir como se eles estivessem perto de mim. Desde 1929 que soube em termos gerais o que lhes aconteceria e a mim própria; e alguns anos mais tarde, pela minha própria mão, comecei a receber informações que raramente estavam, ou estão, erradas.

Foi, contudo, depois de o Ronald e o Bill terem ido para longe que a escrita começou a tomar a forma de descrições vívidas, com tantos detalhes, que passamos a falar dessas “visões” como

“imagens,” pois são imagens por palavras que retratam coisas que os meus filhos estão a fazer, as pessoas com quem estão, os locais em que estão e, por vezes, o que estão a dizer ou a pensar. A princípio, quando essas imagens vieram a mim, incluí-as com alguma timidez nas cartas que enviei aos meus filhos, interrogando-me se estariam de alguma forma corretas. Para meu alívio, responderam pela afirmativa, e logo, à medida que mais e mais pormenores me foram fornecidos, lhes enviei cópias dactilografadas, após guardar outras para mim, que arquivei em livros separados.

As que lhes foram enviados regressaram com as suas notas, confirmando o que foi visto ou apontando as discrepâncias; por vezes dizendo que uma imagem estava errada no que dizia respeito ao evento real, mas que a ideia de fazer exatamente isso lhes tinha passado pela mente; e de vez em quando, dando-me a conhecer que a imagem era inteiramente errada. Isso raramente acontecia, pois havia quase sempre certos pormenores que se mostravam certos. Que isto não é telepatia será, creio, demonstrado neste livro; mas terei de recuar doze anos para mostrar a sequência de acontecimentos que levou a tudo isso.

O meu marido falecera subitamente em novembro de 1929, falecimento que sucedeu de forma inteiramente inesperado, porquanto, embora ele tivesse estado muito doente por causa de um ataque cardíaco na primavera, estávamos confiantes de que ele estivesse a melhorar. Estávamos em casa de uma amiga na Escócia quando ele faleceu ─ num momento ele encontrava-se aparentemente de saúde e no momento seguinte deitado morto ─ e enquanto permaneci a seu lado nessa noite, a sentir que tinha vivido um número incontável de anos desde que isso sucedera, pensei: “Se for possível a alguém regressar, tu hás de voltar a mim.” E assim veio a suceder.

Durante 1924 e 1925 eu tinha tido uma pequena experiência na área da matéria psíquica, e os resultados de três sessões, uma com a Sr.ª Vicars, a seguinte com a Sr.ª Barkel, e uma terceira com a Sr.ª

Garrett revelaram-se excecionais nos seus resultados o suficiente para nos mostrar, ao meu marido e a mim que, mesmo que aquilo que me fora dado a conhecer tivesse tido origem na minha mente, todas as três médiuns mostravam possuir uma faculdade sobrenatural admirável.

Em cada um dos casos deu-se a comprovação inequívoca do meu irmão Frank, que tinha sido morto na Grande Guerra logo em 1915. Eu não falava nesses detalhes e poucos eram aqueles que tinham conhecimento do que tinha ocorrido. A partir de 1926 eu afastei-me de Londres e pouca oportunidade tive de proceder a experimentos práticos, mas sempre senti ânsia de saber mais; e dois meses antes de o meu marido falecer, eu arranjara, numa das sociedades em que a Sr.ª Garrett operava, oportunidade de marcar três sessões com ela após o regresso de uma ronda de visitas que estávamos para fazer.

Um dia, ao conversar com o meu marido, eu subitamente disse: "O que eu não daria para saber se o que ouvi dizer é verdade. Pensas que poderias vir comigo à Sr.ª Garrett?" Ele respondeu que sim, por também desejar saber o que acontece. Três dias volvidos ele estava morto, e quando lá fui, fui sozinha. Foi no dia 26 de Novembro, doze dias após a morte do meu marido, quando tive esta sessão; ao chegar à Aliança Espiritualista de Londres, tornou-se bastante óbvio que ninguém aí tinha qualquer conhecimento do que ocorrera, o que também se aplicava à Sr.ª Garrett, por eu vir a perceber que ela não tinha qualquer lembrança de alguma vez me ter visto antes, e eu me recordar que centenas de pessoas a tinham procurado nesse interlúdio.

Ela rapidamente entrou em transe, e eu descobri que que falava por ela era o seu controlador, Uvani. De modo impassível e calmo ele traçou o quadro dos acontecimentos dos passados oito meses, dando-me ao longo de aproximadamente duas horas a mais irrefutável das provas do e sobre o meu marido, e em boa verdade

soube que eles tinham cumprido com a palavra que dera e que se encontrava ali comigo.

Dessa altura em diante procedi a um estudo intensivo das questões psíquicas e experimentei muitos dos mais refinados médiuns; porem, (e isto é muito importante), mantive a investigação que fiz inteiramente secreta. Não dizia a ninguém quando tinha uma marcação; jamais falei com as médiuns nem a ninguém a elas ligados, sobre mim própria ou os meus assuntos; e raramente dei a menor informação a alguém com respeito ao que me fora dito. Mantive um registo completo de tudo quanto ocorreu, e as provas que me foram vertidas pelo meu marido foram absolutamente espantosas.

Havia pouco do que tinha ocorrido nas nossas vidas que não fora mencionado, e para refutação da velha teoria de que tudo aquilo procedia da minha mente subconsciente, muito foi o que foi revelado que ainda não ocorrera. Para referir apenas um exemplo: anos antes sequer de o Ronald ter ideia que iria tornar-se explorador eu soube que ele viria a sê-lo, embora tivesse mantido toda a menção disso para mim própria.

Poderá haver quem leia isto que não faça a menor ideia do que se quer dizer com isso de ‘médium’ e do que sucede nas sessões. Quando as marcações são feitas com as médiuns através das diversas Sociedades Psíquicas, este é o método geral de procedimento. As médiuns não vivem nas dependências mas estão presentes nas alturas marcadas; vão diretamente para as salas que são usadas para o seu trabalho, e desconhecem com quem venham a ter a reunião. O visitante entra sem se apresentar, e não faz menção do nome próprio. Ambos, médium e participante sentam-se em silêncio durante uns minutos; então, a última ─ se for uma médium de transe ─ desliza para a inconsciência. Por regra, nada de alarmante ou de estranho sucede nesse transe.

A médium invariavelmente mostra-se quase normal e natural, e para o espectador é praticamente como se fosse dormir. De repente ele ou ela ergue-se e começa a falar, só que a voz e a personalidade são diferentes das da médium. A profundidade do transe varia consideravelmente, algumas entram em sonos muito profundos, de que levam muito tempo a despertar quando tudo está terminado, enquanto outras saem suavemente e rapidamente voltam a si, de novo com enorme facilidade. A minha própria experiência foi quase inteiramente com médiuns de transe, e descobri, no caso praticamente de todas que consultei (e muitas foram) que jamais formulavam qualquer pergunta no seu estado de vigília, nem procuraram qualquer informação sobre mim em qualquer altura.

Penso que a forma mais fácil de compreender a comunicação entre este mundo e o outro passará por se tentar esquecer quaisquer ideias ortodoxas e fixas que se possa ter sobre o assunto. Pensem em vós como tendo chegado a esse outro mundo e descoberto que é muito semelhante àquele que deixaram; os seus sentimentos são os mesmos, a sua memória mostra-se intacta e deseja voltar para alguém que ama. De repente descobre que é possível fazê-lo com a ajuda de um telefone humano chamado médium, e que as mensagens podem ser dadas por si a um operador (ou controlador) e transmitidas por ele, ou ela, através desse médium.

Por outras palavras, é como seria na Terra se alguém que nunca tivesse usado um telefone lhes pedisse para ligar a um amigo, dizendo o que gostaria que lhe dissessem. Não poderiam enviar a vossa mensagem sem o aparelho adequado, e é exatamente isso que um médium mental (em oposição a um físico) é; um telefone humano muito sensível. Assim, não deveria existir qualquer significado sinistro associado ao termo “médium,” que neste caso implica apenas alguém que serve de médium de comunicação entre uma pessoa que passou pela morte corporal e outra que ainda está na terra.

Não vou falar em detalhe dos extraordinários resultados do trabalho que fiz nos meus primeiros dois anos, mas passarei rapidamente para a altura em que eu própria me desenvolvi psiquicamente e me tornei na minha própria intermediária. Com toda a franqueza, a Sr.ª Garrett não tem qualquer interesse nas pessoas que a consultam, ela não conheceu nada sobre mim durante os primeiros seis meses da associação que tive com ela ─ nem sequer o meu nome durante um período considerável de tempo ─ e até ao presente não tem conhecimento nenhum de algo que diga respeito à minha vida passada, e muito pouco da presente.

Enquanto se encontrava num profundo transe, e completamente inconsciente do que se estava a passar, o seu controlador, Uvani, revelou-me continuamente factos sobre mim própria e aqueles que me eram queridos, junto com uma profusão de provas detalhadas de que então estava inteiramente inconsciente.

Gostaria que o vissem (Uvani) como uma pessoa objetiva ─ um Árabe muito reservado, orgulhoso e calmo ─ que fazia tudo quanto podia para ajudar a tornar tudo claro. No meu caso ele prosseguiu com regularidade de um assunto para outro, por vezes fazendo uma pergunta (só para acabar por lhe responder de imediato, ele próprio), por vezes usando as suas próprias palavras singulares, para de súbito falar exatamente como meu marido teria feito, e usar as próprias palavras que ele teria usado. Eu mal falava. Em tempo algum dei alguma informação sobre nós próprios, e à medida que Uvani falava, eu anotava quase tudo quanto ele dizia.

Ao longo desta série de comunicações a comprovação (colectada) foi estarrecedora, não só através da Eileen Garrett como também as outras médiuns a quem recorri ─ Charles Glover Botham, Annie Brittain, a Sr.ª Clegg, o Sr. Mason, Estelle Roberts, a Sr.ª Dowden, a sobejamente conhecida médium de escrita automática, e Frances Campbell, que não é médium de transe mas vê por forma clarividente. Aludo agora ao trabalho dos primeiros

meses, porque após esse período consultei outros médiuns, alguns dos quais falarei mais.

Uvani invariavelmente falava do meu marido como o "seu senhor," e foi durante a minha décima visita que ele calmamente observou: "O seu senhor diz o seguinte: 'Da próxima vez que eu vier não usarei interprete nenhum. Virei eu próprio falar. Detesto ter que ser explicado por terceiros'." Uvani então disse de imediato: "Ele fez muitas coisas estranhas na sua vida mas esta será uma das mais bizarras. Ele nunca imaginou vir a puxar os cordelinhos do outro lado."

Eu perguntei: "Uvani, será ele capaz de vir a falar ele próprio?" Ao que Uvani respondeu: "Ele diz que sim, Madame, e ele mostra ser um homem determinado e de grande força de carácter. Aquilo que disser ele fará, ele fará." Isso sucedeu cinco meses após o falecimento do meu marido, e foi o começo de um dos períodos mais estupendos da minha vida. Durante os seguintes dezoito meses Uvani veio somente três vezes, em cada de cujas ocasiões não permaneceu mais do que alguns minutos, para passar a ser o meu marido sozinho quem conversou comigo. De que tenha sido ele em pessoa não tenho a menor dúvida.

As séries iniciais de comunicações dadas através de Uvani foram excecionais, notáveis na continuidade que tiveram, e muito exatas; mas foram num certo sentido transmitidas na vez de outro, e agora podíamos conversar diretamente um com o outro. Na Eileen Garrett encontráramos o instrumento perfeito. Não só o meu marido mostrou a recordação mais clara de tudo quanto tínhamos feito em conjunto, como cada vez mais se tornou evidente que toda a sorte de coisas que se passaram relacionadas comigo e os meus filhos (os quais se encontravam ambos em Cambridge) era do seu conhecimento. O cuidado que teve connosco foi exatamente como tinha sido, só que o conhecimento e a compreensão que apresentava ter eram infinitamente mais vastas. Coisas que o teriam deixado

aborrecido certa vez, agora pareciam triviais; era o que estava por baixo, e não à superfície, que tinha significado.

O meu grande desejo era o de manter quaisquer preocupações longe do seu conhecimento, mas descobri que se me sentisse preocupada com alguma coisa ele sempre parecia ter já conhecimento disso. Se tivessem algum assunto a empreender ele falava dele sem que o interrogasse; se estivesse para se aproximar uma entrevista, que me tivesse sido difícil, ele teria conhecimento; e à medida que as semanas e os meses foram passando, eu percebi cada vez mais em pleno que agora sempre sabia em mim própria, de algum modo, o que fazer; que todo receio que me era afastado, e que não mais me encontrava em dúvida sobre como controlar, em termos financeiros ou outros.

Porém, no Outono de 1931 a Sr.ª Garrett estava de partida para a América, e embora houvessem muitos outros médiuns ótimos com quem trabalhar, não havia mais nenhum que pudéssemos utilizar precisamente da mesma maneira. No dia em que ela partiu tivemos a última conversa através dela, por um período muito longo, e enquanto eu tentava imaginar como deveríamos vir a ser capazes de conversar de novo diretamente um com o outro, o meu marido disse: "Vamos fazer uma tentativa com o lápis." Consequentemente, após a Sr.ª Garrett partir, tentei em muitas ocasiões durante as três semanas seguintes ver se conseguiria que alguma escrita involuntária ocorresse, mas não foi senão até 12 de novembro que obtive algum êxito.

Nessa noite sentei-me com papel e lápis e aguardei por volta de vinte minutos, enquanto nada sucedeu, mas então, lentamente e de forma débil, a minha mão começou a mover-se. Deu-se uma tentativa de escrever uma palavra, que não consegui ler; alguns pequenos círculos foram feitos, com o lápis a passar sobre as linhas vezes sem conta; a seguir o meu nome, que foi escrito diversas vezes de forma bem legível, e por fim uma frase curta da parte do meu marido. Nessa primeira tentativa, cada letra era feita com a maior

das dificuldades, pelo que ao todo devo ter estado duas horas absorvida no que iria acontecer. No dia seguinte verificou-se uma melhoria, que prosseguiu pela primeira semana, e formei frases de forma bem distinta com cada palavra separada.

A 20 de Novembro fiz uma visita à Srª. Dowden, achando que talvez o maior poder de que gozava pudesse, em alguma medida, comunicar comigo. Sentei-me a seu lado e ocasionalmente ela colocava a mão sobre a minha; verificou-se a mesma formação lenta e cuidadosa de palavras, e enquanto me encontrava com ela não houve muito que eu fizesse. Alguma força tinha, sem dúvida, vindo dela, porém, nessa mesma noite em casa deu-se uma grande melhoria porque uma página de papel de ofício foi cheio de uma escrita muito juntinha.

Depois disso continuei a trabalhar por conta própria, e iniciou-se um período de formação que se prolongou até 2 de dezembro, ou seja, durante quinze dias. Durante esse período, foram gastas horas na elaboração laboriosa de cartas, como uma criança a aprender a escrever. Ganchos e cabides, linhas retas e curvas, tudo foi praticado e aperfeiçoado, até que, aos poucos, se tornou mais fácil de manusear. Mesmo depois desse treino alguns dias foram completamente improdutivos, sem o mínimo movimento do lápis; e em nenhum momento foram preenchidas mais de oito linhas em papel A4 até 26 de dezembro, quando a escrita se tornou demasiado pequena (como que para poupar energia), e consideravelmente mais foi conseguido.

No dia 3 de fevereiro, por exemplo, foram escritas quatrocentas e sessenta palavras em vinte e três linhas e meia, o que significa uma média de pouco mais de dezanove palavras e meia por linha; enquanto, no dia 14 de fevereiro, três meses depois de eu ter começado, foi escrita uma folha inteira de papel A4, e a partir desse dia não houve mais dificuldades, pois a escrita começava invariavelmente de imediato e continuava com facilidade. diminuindo cada vez mais. A escrita ainda se apresentava muito

pequena, mas foi aumentando gradualmente, até que, no dia 29 de fevereiro, assumia o tamanho normal, e desde então tem-se mantido assim.

A acrescentar ao meu marido, eu tinha três outros comunicadores constantes, e é muito raro que mais alguém escreva através de mim. O primeiro deles foi o meu irmão Frank. Mas depois ele e o meu marido escreveram treze linhas em duas horas e um quarto O Frank vem quase sempre primeiro (exceto quando o meu marido vem falar) para me dizer que gostaria de falar comigo. A 17 de Junho de 1932, interroguei-me se Uvani poderia possivelmente vir e explicar-me algo. Ele escreveu quase de imediato, e desde então, tem vindo sempre nos últimos nove anos. Por fim veio Abdul Latif, que tanto controla a Sr.ªa Garrett como Miss Francis. Veio ter comigo pela primeira vez a 18 de dezembro de 1932.

O treino que tive foi bom. Infinitos esforços foram tomados na formação de palavras, e nunca foi permitido nenhum método desleixado. Tudo era muito típico da eficiência e minúcia do meu marido. Com a chegada de Uvani, porém, tudo se tornou ainda mais metódico. Num primeiro momento, bastava-me, ao escrever, apenas pensar numa pergunta ou comentário para receber uma resposta; mas se assim tivesse continuado, não haveria registo da conversa que tivesse levado a qualquer assunto específico. Tornou-se, por isso, necessário instituir algum outro sistema, para que se pudesse ver também aquilo que eu próprio tinha dito.

A partir desse momento, a força que empregava a minha mão era sempre suspensa abruptamente para que eu pudesse fazer os meus comentários, que anotava a lápis vermelho para os distinguir da escrita involuntária. Cedo se tornou claro que Uvani era o responsável pelo controlo mais rigoroso, pois o meu marido, Frank, e Abdul Latif eram mais tolerantes e ainda assim responderiam se eu apenas pensasse no que queria dizer, em vez de escrever também. O Uvani nunca dizia nada até eu ter anotado a hora, o dia, o mês e o

ano; dizendo que era muito importante que não houvesse negligência nisso, para que se pudessem manter registos completos. De vez em quando tentava ver se conseguia convencê-lo a responder caso o questionasse desnecessariamente ou não estivesse de acordo com o seu sistema, mas descobri que o lápis permaneceria imóvel até que eu fizesse o que sabia que ele esperava que eu fizesse. As únicas exceções a essa regra eram (e ainda são) quando estava muito cansado; e depois, por vezes, dizia: "Não vou ser inflexível. Façam o que quiserem"; ou palavras nesse sentido.

Quando esta minha escrita começou, eu tinha como certo que era o que se chama “automática,” mas estava errada quanto a isso, pois gradualmente percebi que não havia nada de puramente automático nisso. É indispensável dedicar toda a minha atenção ao que estou a fazer, da mesma forma que dedicaria toda a minha atenção a uma pessoa que me dissesse algo de grande interesse. Na verdade, esta é uma comparação adequada, porque embora as palavras não sejam audíveis, parece que as ouço com uma consciência interior e, portanto, esta escrita é controlada através do meu cérebro e não diretamente através da minha mão, como no caso da maior parte da escrita automática.

É verdade que desde a altura em que o meu marido faleceu eu obtive provas excessivas da continuação da sua existência. Foi da sua parte que as mais perfeitas evidências e testes cruzados chegaram, e é ele quem me mantém constantemente fornecida de novidades sobre os meus filhos. Sei que essencialmente nunca estivemos separados, que as nossas vidas prosseguiram juntas; mas tudo quanto a ele dissesse respeito me tocava de tal modo profundo que achei que não poderia contar nada da nossa própria história.

Por isso, à exceção de uma referência ocasional a ele, ou de um relato das ações dos nossos rapazes feito por ele ─ ou pelo Frank ─ escrevi este livro originalmente em torno de duas pessoas tão conhecidas por muitos, Abdul Latif e Uvani.

Desde então, porém, Eileen Garrett publicou um livro muito interessante, '*A Minha Vida como Busca do Sentido da Mediunidade.*' Ela sublinha a sua crença de que estes dois seres, Abdul Latif e Uvani, são, com toda a probabilidade, parte da sua própria personalidade, e que é na realidade uma faculdade, profundamente enraizada nela própria, que lhe permite fornecer informações àqueles que acorrem a ela. Não é de surpreender que a Sra. Garrett tenha esta ideia sobre os seus controladores. Vêm ter com ela apenas quando está em transe (e, portanto, inconsciente), não deixando qualquer impressão posterior; mas pode ser tristemente desconcertante para muitas pessoas ler que, o que para elas era uma prova convincente da sobrevivência dos seus entes queridos é, na opinião da Sra. Garrett, a sua própria recolha das suas mentes subconscientes.

É por essa razão que, para além de registar algumas das experiências pelas quais Abdul Latif e Uvani me deram provas das suas individualidades distintas, estou a acrescentar algumas das provas sobre o meu marido que Uvani me forneceu através da Sra. Garrett. Incluo, pois, a maior parte das duas primeiras sessões que tive com ela após a sua morte.

Eileen Garrett

II

A SENHORA GARRETT conta no seu livro que no Verão de 1929 percebeu que estava demasiado cansada de dar sessões para comprovação. Ela sabia que muitas pessoas extraíam deles um grande conforto; mas agora sentia que queria uma investigação científica dos seus estranhos poderes e obter, se possível, alguma explicação satisfatória com respeito a eles. Não era de admirar, por

isso, que parecesse aborrecida e desinteressada quando, a 26 de dezembro tive uma sessão com a Sr.ª Garrett e entrei no pequeno quarto em que ela me aguardava; e eu menciono isto por causa da diferença ter sido marcante quando Uvani assumiu controlo. Ela mal pronunciou palavra antes de entrar em transe, e então ouvi a voz calma de Uvani:

"Saudações, amiga. A paz esteja contigo, na tua vida e no teu trabalho, e na tua casa.

"Encontro-me num ambiente Escocês-Celta. Encontram-se duas senhoras presentes e dois cavalheiros. Um deles é mais jovem, ou assim parece ─ de meia-idade. O outro é um tanto mais velho."

Por isto soube que Uvani estava no bom caminho. Desde 23 de outubro que estávamos na Escócia com uma amiga e a sua filha, e a morte do meu marido ocorreu na noite de 14 de novembro, justamente doze dias antes da sessão. No dia seguinte um dos meus irmãos veio ter comigo. O nosso anfitrião era diversos anos mais velho do que o meu marido, que estava com cinquenta e um anos.

Sentei-me em absoluto silêncio enquanto Uvani continuava sem interrupção. Disse-me que via agora duas senhoras, e a descrição que fez da primeira foi uma descrição muito boa da mãe do meu marido. Ele deu detalhes da doença que a vitimou, e falou em dois nomes relacionados com ela que a mim não me disseram nada. Coloquei-os de lado, porém, mas anos volvidos descobri que esses dois nomes, Sarah e Elizabeth eram os nomes da sua bisavó e avó. A segunda descrição aplicava-se em determinados aspectos à minha própria mãe. Uvani disse: "Há qui uns nomes, Isabella e Margaret. Ouço Belle ou Bella. A Margaret está relacionada com o lado da sua mãe. Há um nome, MacDonald ligado a ela."

Todos esses nomes soaram uma nota familiar, por o nome da minha mãe ter sido Margaret, e Isabella, que conheci como tia Belle, era sua meia-irmã o que cheguei a saber uns nove anos posteriormente que falecera em dezembro de 1929. A irmã da minha

própria mãe, que tinha morrido antes de eu nascer, tinha casado com um homem chamado MacDonald. Ele também havia falecido fazia muitos anos.

Uvani então continuou a falar sobre a Margarida, sem dizer nada sobre o facto de ela ser minha mãe:

"Ela diz que você tem mudado de residência. Ela está a levar-me de volta agora para a primavera passada. Desde então, você tem enfrentado problemas, enfrentando dificuldades ─ não financeiras ─ mas em relação à saúde e choque e assuntos a deixar em ordem. Provavelmente estão envolvidas mudanças."

Tudo isso era verdade. A doença do meu marido tinha começado com um ataque de angina na primavera anterior. Estávamos muito perturbados e estávamos a mudar-nos desde então. Mudanças estavam envolvidas, pois o meu marido havia comandado o primeiro batalhão do seu regimento e os meus filhos e eu estávamos a deixar a casa oficial o mais rápido possível.

Em seguida, Uvani falou de Margarida, vendo os seguintes incidentes:

"Vocês vão para o estrangeiro em breve, muito em breve, para a época festiva. É possível que seja na primavera, mas certamente que irá, e estou certo de que será muito em breve. Ela vê uma casa com uma bela perspetiva no campo. Você vai procurar casas e belos jardins."

Eu não tinha a menor intenção de ir para o exterior, pelo que essa ideia me pareceu bastante fantástica. Acontece que, no entanto, uma semana depois recebemos um convite urgente de alguns amigos na Madeira que tinham acabado de ter conhecimento da notícia da morte súbita do meu marido. Não tínhamos feito outros planos e os rapazes estavam ansiosos por ir, por isso, como pensei que seria menos triste para eles ir de imediato, o Natal encontrou-nos na Madeira. O que tinha sido dito acerca de casas e jardins estava

estranhamente certo. Os nossos amigos tinham uma casa de cidade com um lindo jardim, e outra casa nas montanhas, que estava cercada pelos mais belos terrenos compostos por hectares de flores. Nos terrenos dessa casa de montanha ficava a casa grande em que viviam durante os meses de verão, mas havia também outra que em tempos tinha sido a morada da família. Fui levada a ver esses jardins e as casas, e só quando isso aconteceu é que o que me tinham dito voltou a mim.

"Agora há a sensação de que você tem que procurar algo ou alguém, e há pensamentos muito tristes, como se alguém estivesse a sair da sua vida. Ir embora e ainda assim não indo embora. Ela diz: "Quem teria pensado que o fim estava tão próximo?"… Davi. Há um nome assim. Ela gostava muito dele."

Este nome em si não significava nada para mim, mas eu tratava o meu marido de 'Dady' quando falava com ele, não sobre ele.

E então Uvani disse: "Não posso captar tudo com clareza agora. Há uma confusão"; mas, dito isto, as coisas tornaram-se imediatamente muito claras, pois ele prosseguiu em frente, e as provas que agora deu foram a descrição mais surpreendentemente precisa do Harry ─ meu marido.

"Agora há um senhor que tenta passar. Ele está atrás da senhora e tem vontade de rir e de ser feliz. Ele é muito charmoso, dotado de profunda simpatia, mas muito reservado, e nem sempre conseguia expressar-se. Sentia as coisas muito intensamente e não podia dizer tudo o que tinha no coração. Ele por vezes mostrava-se sem cerimónias e brusco, e sempre ia direto à questão. Parecia estar sempre a fazer alguma coisa; uma personalidade muito vital. Não gozava de boa saúde, mas não estava confinado a um sofá. Nunca se poupou e era muito consciencioso. Nem sempre era fácil de lidar, mas tinha grande charme, e quando alguém o conhecia era muito atraente. Era retraído e dizia coisas estranhas e inusitadas de uma

maneira que era inteiramente característica. Tinha uma profundidade de caráter muito grande e uma vitalidade bastante marcada.

"Ele tinha uma coleção de livros e um grande gosto por coisas mecânicas. Parece-me ─ Uvani ─ que ele também tinha um grande gosto por voar."

Isso estava correto. Lembrei-me de que, em Catterick, em 1915, ele tinha feito alguns voos, e embora tivesse apenas um braço, tendo perdido o outro na Grande Guerra, ele próprio tinha tomado conta da máquina. No verão de 1928, ao fazer um curso militar em Netheravon, ele também tinha feito alguns voos.

"Ele tinha-se em muito boa conta e tinha uma viatura muito boa. Você o reconheceria de uniforme? Ele não passou de uniforme, mas parece que ele possa ter estado no exterior de uniforme, e esse uniforme está ligado a ele numa idade mais jovem. Ele está a mostrar algo sobre a cabeça. Um tipo estranho de boné. É chamado boné militar, e parece ter sido usado em ocasiões especiais."

Tudo isto era claramente evidente. Harry tinha alguns meses antes da sua morte reintroduzido um boné para os policias usarem quando saíssem vestidos com a farda formal de noite. Quando a espécime do boné chegou dos fabricantes, ele levou-me de imediato para o seu estúdio para o ver com ele, e ficamos os dois muito satisfeitos com a aparência dele.

"Ele passou de repente. Sim, há agora uma forte impressão de que foi muito rápido. E de novo uma impressão de gostos por coisas mecânicas. Ele estava sempre a fazer algo com ─ parece modelos ─ ou pequenas coisas que exigiam reparação. O lado inventivo podia ter lugar na sua vida, mas não fazia parte dela."

Era verdade que ele estava sempre a fazer coisas que exigiam reparações, e era maravilhosamente inteligente com uma mão. Além disso, ele tinha inventado muito recentemente uma correia especial

com a qual podia, com uma mão, prender caixas na parte de trás do nosso carro.

"Tenho a impressão agora de que ele era um soldado, mas estava sempre a mexer em máquinas e ferramentas. Sempre terrivelmente ocupado consigo próprio. Por vezes ele tinha a maneira mais alegre, mas era preciso estar com ele para conhecê-lo bem. Agora vou descrever a aparência dele.

Harry Albert Kaulback

"Face lateral estreita; parecia mais ampla quando visto de cara cheia. Os olhos azuis parecem encovados; pestanas escuras. Pele clara, sem muita cor. Nariz reto alargado na base. Não, não é reto: agora consigo ver mais claramente. Vejo que o rosto é fino e comprido; um queixo muito determinado ─ um queixo obstinado ─ ele próprio diz isso. Boca bem marcada; uma forma muito decisiva de o definir; não larga, mas generosa; assume um olhar frio quando está sério, mas muito diferente quando sorri. Uma testa muito boa. Cabelo claro que parece estar a ficar um pouco fino. Tem um brilho no cabelo; ele acaricia uma mecha do cabelo que não fica como ele quer."

Acho que a maioria das pessoas que o conheciam reconheceria Harry a partir desta descrição. Era muito característico dele mostrar-se a acariciar uma mecha de cabelo, pois sempre fazia isso quando saía ao vento sem chapéu.

"Voz bem modulada. Ele parece jovem, tem maneiras muito jovens. Ele foi muito rápido. Mais uma vez tenho a impressão de uma terrível reserva por vezes, outras vezes nem tanto. Olhar sinistro, muito atlético. Ele agora está a mostrar quantidades de fotos ligadas ao Exército e da sua meninice. Pilhas de fotos de si próprio."

Os detalhes sobre ele próprio são verdadeiros. No que diz respeito às fotos, dois dias antes desta sessão, a 24 de novembro, eu tinha encontrado uma grande quantidade de fotos de Harry, tal como descrito, e tinha estado a vê-las. Ele teve muitas tiradas em diferentes épocas em menino e quando era cadete no R.M.C., Kingston. E estas que eu tinha eram cópias que, na nossa juventude, ele me tinha passado.

"Ele foi direto para o Exército como profissão. Mostra muitas fotos em uniforme e à civil mas mais uma vez tenho uma forte impressão de que ele não estava a usar uniforme quando passou. Capacete! Há uma foto dele com um bigode grande. Ele está a acariciar o bigode. Tenho uma forte impressão de que era grande, depois foi curto e arrumado; posteriormente voltou a usá-lo grande. Ele mostra-se claramente a arranjar o bigode."

Mais uma vez, tudo isto é verdade. Tive muitas fotos dele tiradas durante a nossa vida de casados e, como ele estava de licença médica, ele não usava uniforme há algum tempo antes da sua morte. A foto mencionada por Uvani mostrava-o fardado, a segurar o capacete, e foi tirada nos tempos em que ele usava um bigode grande. A sequência apresentada por Uvani sobre o bigode de Harry está correta, pois em diferentes momentos ele o usou-o dessa maneira. Apenas alguns dias antes de morrer ele perguntou-me se eu preferia que fosse pequeno ou um pouco maior do que antes, de modo que pareceu bastante natural que ele usasse isso como uma prova adicional da sua identidade.

"Mais uma vez forte impressão de passar de forma muito repentina. Mostrado como se incapaz de respirar, como se tivesse

problemas cardíacos. É-me mais difícil ver com clareza quando eles passaram há muito pouco tempo ─ para aqueles que os amam é mais fácil de contatar.

"Sucedeu como um choque, um grande choque. Grande peso no peito; problemas cardíacos entrou em coma; não recuperou. Quando adoeceu pela primeira vez não antecipou a morte."

Uvani parou por um segundo ou dois e então disse muito suavemente: "Madame, este é o seu senhor? Ele agora está a dizer: 'Quem teria pensado que isso iria acontecer no meio de toda a nossa felicidade e alegria?' Fui de viagem na primavera. E repete: 'Este ano, em França, quem teria pensado que isto iria acontecer?'"

Fomos a Osborne na primavera e estivemos em França durante algumas semanas, até nem dois meses antes da sua morte.

A esta altura, fiz uma pergunta: "Uvani, ele está feliz?"

"Ele não está feliz. Há uma certa pungência. Não, não, não, Madame, como ele pode estar feliz? Ele está a aceitar essa mudança filosoficamente, mas ele é demasiado dedicado para estar feliz. Ele não queria partir. Um homem de precisão e atividade, preocupado com coisas que não tiveram lugar nos seus assuntos. Preocupava-se sem dizer muito. Ele foi muito obediente, tentou protegê-la.

"Ele diz: 'Como posso ir embora e esquece-te? Não pense em mim infeliz por mim próprio, mas com aqueles montes de planos ─ partir na aurora dessas coisas!" Uvani explicou ainda: "Ele foi exatamente quando você tinha planeado tudo. Ele diz: 'Ela não deve pensar que eu esqueço. Vou fazer por ser filosófico, mas queria ficar.'"

"Neste momento, você e só você, é necessária a ele. Ele tinha grande profundidade de caráter. Ele passou em estado de inconsciência, consigo a seu lado. Ele não podia tomar conhecimento de si e você não sabia que ele tinha acabado. A última coisa que ele soube, e percebeu, era a sua mão no ombro dele,

mesmo que ele não pudesse dizer uma palavra. Ele sabia que você estava lá, mesmo durante o coma.

"Depois da sua alma deixar o corpo, ele voltou muito rapidamente. Quando você estava a esfregar a mão dele, a sua alma tinha ido embora, mas ele sabia que você estava a fazer isso. Ele viu-se no seu caixão, de pé ao seu lado, olhando para si mesmo. Ele segurou o seu braço e olhou para as flores que você tinha colocado no caixão. Ele diz: 'Eu peguei nelas e olhei para eles contigo antes do fim'. Ele diz que você se inclinou sobre a testa dele e o beijou e, quando o fez, pensou que era realmente apenas a casca dele e que sentiu que não era realmente ele."

Todos os factos, tal como me disseram a meu respeito, são acertados. Quando ele estava no seu caixão, peguei duas rosas das flores que tinha colocado no seu quarto, e coloquei-as ao lado dele. Uvani referiu as palavras exatas que eu tinha dito a Ronald e Billy enquanto eles estavam ao meu lado a olhar para ele.

"Ele queria que você soubesse de tudo isso, e que ele não sofreu. Ele viu-a a tirar um anel e a coloca-lo de novo."

Quando eu estava a esfregar-lhe os pés, ao mesmo tempo em que o médico estava a fazer tudo o que podia por ele, pensei que a minha aliança de casamento pudesse magoá-lo. Coloquei-a sobre a mesa e, quando o médico me disse que não podia fazer mais nada, dei por mim de uma forma atordoada a colocá-la de novo.

"Você esteve com ele durante toda a noite; tocou-lhe os olhos e a cabeça e depois saiu da sala. A vida cortada de vez. Ele passou muito rapidamente e depois, imediatamente, voltou. Ele diz: 'Não me senti tão mal, e tu passaste por isso por não conseguires acreditar que estava a acontecer."

Isto também é verdade com respeito a mim.

Uvani então disse: "Há uma impressão de estar em algum lugar, mas nenhuma impressão de uma sepultura ─ e ainda assim algum

lugar ─ em algum lugar, algo que tem que ver com o seu corpo. Ele fala de jardins de recordação, mas não de sepultura, nada de sepultura. Pensa em algum tipo de memória, mas sem qualquer lápide. Tudo parece lindo com ele. Nada dele permanece. Parece haver uma dispersão qualquer e flores. Belo é o final."

Harry odiava sepulturas e, conforme desejava, o seu corpo foi cremado. Estava escuro e húmido, e num pântano solitário na Escócia as suas cinzas foram espalhadas, com algumas flores, imediatamente após a cremação.

"Há flores em casa, cachos de flores e algumas perto de uma foto. Ele vê-a no seu santuário e sorri. Ele particularmente quer que você saiba destas pequenas coisas."

Quando voltei para a casa de Aldershot sem ele, senti que tinha que ficar no seu estúdio. Deu-me a sensação de estar mais perto dele. Normalmente, ele trabalhava lá sozinho. Ele chamava ao seu estúdio 'santuário'.

"O casamento significou muito para ele; dá-lhe tamanha profundidade de sentimento. Não foi apenas um acontecimento na sua vida. Ele diz que vai encontrar muito o que fazer, mas estava tão feliz antes de ir. Por vezes tinha-se sentido infeliz, tinha estado mórbido e deprimido. Em outubro, tudo parecia tão bom; você e ele tinham feito planos e ele está com saudades de si, mas você pode ajudá-lo na sua casa."

Em outubro, fizemos planos para uma rodada de visitas, e organizamos o que faríamos mais tarde. Saímos de casa para o início destas visitas no dia 14 de outubro.

"Ele diz: Tu sabes o que eu costumava dizer. Eu realmente não acreditava que poderíamos entrar em contato com o mundo espiritual."

"Ele quer que você não pense que esteja a sofrer qualquer alucinação. Vai ter muito cuidado com o que faz e acredita que vai ultrapassar as dificuldades aparentemente intransponíveis.

"Ele vê-a a ir a uma gaveta, onde há cartas, e de pé junto a uma escrivaninha. Há uma senhora na sala enquanto você está a lê-las. Há recortes de jornais. Também há referências à sua vida anterior em cartas; cartas de militares e não militares ─ uma grande quantidade escrita."

Tudo isso se mostra acertado. Havia quantidades de cartas de toda a sorte de gente depois que Harry morreu, e eu coloquei-as numa gaveta. A senhora era uma senhora que veio ficar comigo quando voltei para casa e que partiu na manhã do dia desta sessão. Ela havia cortado algumas notas dos jornais.

"Ele fala de novo de outubro, e de tudo o que aconteceu ─ tudo quanto o acometeu. Forte impressão de um carro e ir para a costa leste, ou para leste, mas ele passou exatamente antes."

O lugar onde ficáramos hospedados situava-se no oeste da Escócia, e pretendíamos ir para o leste na manhã de 15 de novembro. Isso provou ser no dia seguinte à sua morte. A primeira paragem que fizemos seria Ilkley, no Yorkshire.

"Vê-a de novo com algumas das cartas ─ não todas ─ e sem muito coração para as revisar todas."

Mais uma vez, isso está correto, pois enviei algumas das cartas ao Ronald e ao Billy.

"Ele diz que tem entrado em contato com a mãe de vez em quando. Foi levado para descansar, mas não conseguiu descansar. Ele sentiu a necessidade de estar consigo o tempo todo ─ ele estava tão doente com tudo aquilo. Como poderia ele estar em repouso quando aconteceu assim?

"Há uma grande impressão de estar tão feliz por ele ter visto o menino, ou meninos. Tinha-os visitado em algum estabelecimento de ensino. Há uma impressão de um rapaz – possivelmente de dezasseis."

No caminho para o norte, no dia 16 de outubro, paramos em Cambridge para ver os meninos, e partimos no dia seguinte. Essa foi, é claro, a última vez que Harry os viu. Bill estava com dezoito anos na época.

"O relógio dele. Tem uma corrente, e uma coisinha redonda no final que não é bem plana, um pouco alteada. Tenho a sensação de querer abri-lo. Na gaveta há um anel."

A coisa redonda foi descrita com precisão (exceto que é um pouco oval), pois era o pequeno medalhão de ouro que continha a miniatura da mãe, que se abre como um pequeno relógio. Harry tinha-a sempre no fim da sua corrente de relógio. Quando Uvani mencionou um anel numa gaveta, de repente interroguei-me do que havia acontecido ao anel de sinete de Harry. Encontrei-o numa gaveta no estojo de couro em que ele guardava todas essas coisas.

É preciso perceber que Uvani falava quase sem pausa. Ele depois disse:

"Ele tem um corpo novo. Ele está a tocar a parte superior do braço esquerdo."

Quando o braço lhe foi despedaçado na Grande Guerra, foi amputado perto do ombro.

Depois vieram algumas menções comprovativas colocadas sob a forma de perguntas, mas Uvani não esperou para ser respondido. Ele perguntou:

"Ele era muito dextro com o braço direito e o carro?"

Era, pois podia fazer quase tudo com um braço, e isso era especialmente percetível com um carro. Ele conseguia dirigir qualquer carro que tivesse as mudanças à direita.

"A marca na perna! Lembra-se?"

Ele tinha uma cicatriz de uma queimadura muito ruim que ele tinha feito quando era muito jovem.

"Ele veio, o seu senhor, perto de si à noite. Você estava a chorar e não conseguia dormir. Ele veio e passou a mão pelo seu cabelo, para trás e para a frente. Você mal tinha sido capaz de suportar a dor, e ele veio até si. Você soube tudo sobre isso."

Isso aconteceu na noite seguinte à morte do Harry. Eu tinha ido para a cama no quarto de vestir que se abria para fora do quarto em que o corpo dele estava deitado. Eu tinha acabado de apagar a luz, e estava a sentir-me de coração destroçado, quando de repente soube que ele vinha a cruzar o quarto na minha direção mim. Ele ficou a meu lado, e eu pude sentir a mão dele no meu cabelo a acaricia-lo durante cerca de trinta segundos. Depois fui dormir.

"Ele quer que você saiba que você estava muito certa sobre os meninos." (Uvani deu-me alguns detalhes íntimos, terminando com: "Não, não, não, ele não está nem um pouco preocupado com os meninos"); depois prosseguiu: "Acho que os rapazes estão em ambientes diferentes, mas de alguma forma juntos."

Isso estava correto, pois ambos estavam no Pembroke College, mas Ronald residia no College e Billy em quartos do lado de fora.

"Vejo-o, ao seu senhor, num estúdio. Ele estava a planear algo e a anotar pequenas coisas. Livros de referência à volta dele. Preocupa-o que não ter terminado os planos que tinha."

Isso ocorreu no dia da sua morte no estúdio do nosso anfitrião. Harry estava muito ocupado planear a rota para a nossa viagem de

carro para Ilkley, e a organizar o resto de nossa viagem de volta para casa.

"Ele diz: 'Olhas para cima por vezes e quase me vês. Em breve me verás com mais clareza.'

"Ele diz: 'Há um jardim e tu estás a deixá-lo.'"

Harry sempre costumava rir de mim com o jardim pertencente à nossa casa em Aldershot. Antes de irmos para lá, tinha sido muito negligenciado, e muitas vezes eu o levava para ver o que eu esperava que pudesse ser uma melhoria; mas a maioria das coisas plantadas lá nunca atingiu as minhas expectativas.

"Há um cachorro que passou. Ele diz: "A vida uma vez concedida nunca se desvanece." Tu eras muito mais dedicada a ele do que ele."

O único cão que eu já tive foi um pequeno Yorkshire terrier e eu gostava muito dele. Tinha morrido sete anos antes. Muitos detalhes sobre este pequeno cão foram dados através de diferentes canais.

"Há uma impressão de respiração muito dificultada. Você tinha coisas que você carregava para isso, para ajudá-la nesses momentos? Ele diz: 'Não precisas mais da caixa' e sorri. Não há mais espasmos."

Desde o final de julho eu sempre carreguei uma caixa de nitrito de amilo, em cápsulas, para o caso de ele sofrer um retorno da dor.

"Ele agora diz que sente um grande conhecimento por ser capaz de ver as coisas de dois pontos de vista. Ele tem uma grande visão e perceção, e um grande sentimento de consciência, e de ser capaz de ver como as pessoas são. Sem dor. Sente agora uma nítida impressão de uma grande letargia que sobreveio depois que ele sofreu dor; e de uma dor nos ombros; ambos já se evaporaram."

A exaustão era uma característica marcante após os ataques de dor, e após o segundo ataque na noite de 8 de novembro, ele sofreu dores muito fortes nos ombros. Eu coloquei-lhe uma garrafa de água quente nos ombros para facilitar.

"Vejo-o agora a ir para uma gaveta e a mostrar coleções de pequenos quadros em livros; talvez medalhas. Há um sentimento de desilusão. Empreendimento em filatelia. Ele estava a fazer algo sobre isso a 9 ou a 11 de novembro. As imagens são de papel colorido, malva, rosa, azul, com cabecinhas e figuras sobre elas. Contudo, ainda não rende nada; vai ser dececionante."

À medida que Uvani pacientemente me passava essa informação, pensei como era notável. No dia 16 de outubro, a caminho de Londres, antes de seguirmos para o norte, Harry deixou a sua coleção de selos para ser vendida na leiloeira Glendining. O catálogo do leilão em que os seus selos seriam vendidos chegou a 11 de novembro, dizendo que a venda seria a 15 de novembro. Quando esta evidência foi apresentada, a minha mente voltou a isso, porque ao mesmo tempo em que Harry estava a olhando para esse catálogo, estávamos à espera de escutar ─ o Serviço de Armistício. Quatro dias depois desta sessão, a 30 de dezembro, chegou um cheque da leiloeira Glendining de £42 1s. Harry esperava muito mais. Antes de isso ser mencionado por Uvani, no entanto, eu tinha esquecido completamente esses selos.

"Já pensou em comprar outro carro? Ele está feliz por o dele ter sido devolvido."

Harry tinha comprado um carro Sunbeam algumas semanas antes de morrer, logo após o nosso regresso da Bretanha. Ninguém além de Harry alguma vez o dirigiu, e eu nunca mais o vi depois de ele falecer. Foi devolvido da Escócia para a Mann Egerton's em Londres, e eles o venderam-no de novo.

"Ele vê-a a passar livros em revista."

Eu tinha estado a arrumar os papéis dele, que estavam em capas de fólio, e a rever livros sobre dividendos e contas.

"Está aqui alguém chamado Frank."

O meu irmão Frank foi morto na Grande Guerra em 1915.

"O seu senhor acha que você carrega os fardos que ele carregou.

Ele diz: “Eu sou uma realidade. Tenho me esforçado por to dar a saber.'

"Diverte-o ver alguém sentado numa cadeira ligado à pessoa que fumou o 'cachimbo terrível’. Alguém pertencente ao 'cachimbo terrível’ está na casa."

A amiga que tinha acabado de me deixar era a esposa do homem em relação a quem Harry costumava dizer isso, a rir.

"Ele tem sentido falta da música na casa. Ele diz: "Ellie [Allie] querida, au revoir. Vou voltar e ter a minha informação completada. Obrigado por seres tão corajosa. Eu nunca suspeitei que tivesses isso em ti. Os meninos estão bem. Abençoo-te e todo o amor do mundo. Eu nunca soube, até te deixar, o quanto me importava."

E depois houve silêncio. Eu tinha estado sufocado em lágrimas durante a maior parte do tempo em que Uvani estivera a falar, mas eu esperava conseguir gravar todo o conhecimento do que eu estava a sentir longe dele, e certamente não mostrei sinais de emoção quando a Sra. Garrett voltou à consciência. Ainda tinha o meu coração destroçado, mas eu fui embora certo na minha convicção de que Harry ainda vivia.

III

A vez seguinte que fui a Eileen Garrett foi no dia 9 de dezembro, e Uvani foi direto à questão. Durante esta sessão, eu não disse absolutamente nada.

"Madame, você perdeu um marido. Bem, antes de me deixar fazer-lhe qualquer descrição dele para transmitir identidade, ele pede-me para lhe dizer isso ─ para lhe dar sua mensagem. Ainda não o vi para o descrever. Só sei que o que vem, vem de uma personalidade muito querida, e muito vívida e enfática. Esta é a mensagem:

"Agora alcancei um estado de felicidade que tu pediste e esperaste para mim. Este estado que sobreveio tornou-se extaticamente mais intenso desde que tive a perceção de que posso entrar em contato contigo mentalmente, e espero que em breve o contato seja estabelecido simplesmente entre nós os dois. Tenho razões especiais para te dar esta mensagem antes de ser reconhecido pelo controlador. Uma dessas razões é que eu queria referir o fato de que estive em contato contigo há menos de cinco dias através da instrumentalidade de uma certa "Lily." Isso deixou-me mais confiante."

"Não sei se ele quer dizer isso como um símbolo. Ele transmite-me a forte impressão de que a meticulosidade ─ podemos chamar-lhe meticulosidade intelectual que ele tinha ─ o teria levado a julgar, se ele estivesse aqui em vida, o tipo de pessoas através das quais era necessário estabelecer comunicação. Ele agora diz:

"Dou por mim a chegar literalmente a uma 'caixa telefónica' para falar contigo, e as 'caixas telefónicas' foram alteradas. Houve duas, mas ainda estou em condições de entrar em contacto contigo.

"Perguntaste acerca da minha felicidade. Deixa que te diga o seguinte: há um sentimento de outra coisa que produz felicidade; uma certeza dentro de mim sobre duas questões. Primeiro, que tu e eu nos encontramos como nunca nos tínhamos encontrado antes, e que não há nada no teu coração além de amor e compreensão e completo esquecimento das coisas que poderiam ter sido desagradáveis de recordar. A segunda é a certeza da minha necessidade de ti e da tua necessidade de mim, e de que isto não é o

fim. De que eu posso ver e desfrutar da vida contigo, e que nós pegamos os fios soltos juntos de novo ─ apenas em circunstâncias tão imensamente diferentes. A principal diferença está em que me encontro num país a pensar em si, em vez de me sentar ao seu lado a falar consigo; pois este é um país para mim, onde, graças a Deus, o meu velho coração não me vai deixar mal-humorado ou me cruzar no caminho de fazer as coisas de novo. Com a ajuda que me dão, aguardo ansiosamente o momento em que poderei fazer-me sentir, ouvir, realizar, aceitar."

A frase sobre o coração dele é dada nas palavras exatas que Harry teria usado em vida, e eu estava certa de que, com as precauções tomadas, a Sra. Garrett não poderia ter tido conhecimento de que eu tinha tido uma sessão com Charles Glover Botham, o médium que tem por controlador uma criança chamada Lily.

"Agora," disse Uvani, "a sua mãe está aqui. Recebo uma impressão dela, mas ela vai esperar. Ninguém pode intrometer-se entre você e ele agora. Vou dar-lhe uma impressão dele, o seu marido.

"Ronda os cinquenta; pode ter andado por volta dos quarenta e cinco, mas tenho uma forte impressão de cinquenta. Eu sinto isso ─ algures pelo início dos cinquenta, embora ele pareça muito alegre e rapaz. Ele é um homem muito bonito. Ele apresenta-se tão bem, e há um sentimento muito fresco de ao ar livre ao redor dele. Ele adorou o ar livre. Vejo-o em trajes de lã, de que parecia gostar muito. Você tem uma foto dele vestido assim."

Deparei-me com essa foto uma semana depois. É verdade que adorava andar ao ar livre e, como já disse, tinha cinquenta e um anos.

"Ele tem uma pele muito clara. Uma testa ótima. Aspeto divertido em torno da boca. Muito crítico. Muito exigente. Muito justo. Não desperdiçava muitas palavras; muito rápido na tomada de

decisões. Era o que ele habitualmente era, no entanto, por vezes, podia ser muito diferente disso. Tinha os pés bem firmes na terra, e sem ser materialista ele ainda o era, embora tivesse um profundo senso religioso inato. Acreditava na distribuição do justamente devido a todos.

"Ele tinha uma grande desconfiança e reserva e, embora muito querido pelas pessoas que conhecia, e muito charmoso, não era fácil de conhecer. Ser seu amigo significava alguma coisa. Uma voz muito agradável. Ele não era homem que dissesse muito sobre si próprio, ou quando algo estivesse errado. Ele tinha muito bons ombros. Ele parece ter sido muito robusto a certa altura, mas ele mostra uma certa flacidez nos ombros. Por um momento mostrou-se muito bem, depois deixou cair os ombros."

Isso, é claro, mostrava o efeito da perda do braço esquerdo muito perto do ombro, o que resultou no ombro direito ser mais baixo do que o esquerdo.

"Vejo-o no estrangeiro ─ na Índia ─ de uniforme. Ele poderia ter estado aposentado. Não sei se era um soldado profissional. Ele parece bastante cansado ao redor dos olhos; parecem ser olhos que olham para longe no espaço. Ele usava óculos, embora não o tempo todo. Boca muito firme. Uma boca muito firme. Um queixo ótimo. Uma forma firme de fechar a boca.

"Ele está muito próximo de nós agora. Ele quer que eu diga que é uma passagem recente. Estou a ouvir algo sobre o dia 14."

Faleceu no dia 14 de novembro.

"Ele deu passos muito rápidos para se livrar das condições que assaltam aqueles que passaram muito recentemente. Quando uma personalidade não está aqui há não muito tempo, por vezes é difícil dizer qualquer coisa além de uma condição nebulosa, mas este homem não é vago em absoluto. Ele não está minimamente estacionado entre os dois estados de vida. Ele atribui isso ao fim que

teve. Ele diz que foi limpo, saudável e decente. Ele diz: 'Afinal, por que não? Aqueles do exterior sabem do que se trata."

Uvani então disse: "Ele evidentemente tinha assistido a um processo de enterro. Não gostou do processo, nem da forma como foi conduzido, mas diz: "Acho que a ideia intrínseca, higiénica, subjacente foi útil e correta." Ele podia entender por que eles deram a esses restos humanos uma saída rápida e acelerada, porque, enquanto houver uma desintegração em curso na coisa que se conhecia como nossa, ela deve, obrigatoriamente, conter a essência de nós próprios, ou o "ego" nela. Deve existir algum tipo de simpatia com ela.

"Foi por isso que ele suscitou o negócio Indiano. Embora ele não gostasse do modo deles, ele concorda que todo ser humano deve seguir o caminho que ele escolheu; para os elementos, uma saída rápida, célere e limpa, deixando o mundo mais limpo pela maneira da sua dissolução."

Harry havia colocado grande ênfase no facto de que queria ser cremado, e eu pude reconhecer claramente a opinião dele na matéria, interpretada da melhor maneira possível por Uvani.

"Ele diz: 'Descubro já, na curta relação que tive contigo, que eu posso dar-te tanta coisa não indo direto à questão, mas trabalhando em torno da questão.'

"Ele tem estado muito próximo de si. Ele recebeu a sua mensagem de que você estava à procura de um encontro rápido com ele. Ele diz: ‘O que achaste dos esforços que empreendi há alguns dias? Acho que não me saí muito mal. Dois canais diferentes; talvez haja um terceiro. Isso já te passou pela cabeça?’"

Eu tinha andado a pensar que gostaria de experimentar a Sra. Brittain. Alguns dias depois, descobri que tinha cometido um erro na minha consulta com a Sra. Garrett e que tinha chegado demasiado tarde a ela. A meu pedido, a L.S.A. ligou para a Sra. Brittain, que

atendeu de imediato. Nenhum nome foi mencionado; ela jamais me tinha visto antes e não sabia quem eu era, mas a sessão que se seguiu esteve cheia de factos comprovativos.

"Eu tenho que avisar que ele pode comunicar através do terceiro canal. Ele vai fazê-lo. Ele quer, nestes primeiros dias, dar-te um conhecimento tão absoluto da sua presença que tu não duvides, em nenhum período posterior, que ele esteve aqui. Agora ele dá uma gargalhada. Ele não era um sujeito tão entusiasta quando estava aqui consigo a ponto de a deixar sem chão em matérias destas. Com as melhores intenções do mundo, ele sempre lançou um balde de água fria sobre o seu idealismo ─ mas apenas num sentido específico." (Uvani aqui interrompeu a fim de explicar: "Acredito que ele quer dizer num sentido psíquico.") ‘Eu queria continuar a viver, mas não podia estar certo disso.’

"Ele tinha sentido de humor; uma forma estranha de se expressar; uma filosofia própria. Ele não gostava de ser apressado em nada; gostava de o fazer no devido tempo. Ele diz que muitas vezes teve problemas com homens da *red braid* porque queria ver os dois lados de um contra-ataque."

Aqui, Uvani estava obviamente a tentar transmitir a ideia de ‘Oficiais do Estado-Maior’ e a tentar esclarecer alguma questão militar, sem conseguir fazê-lo.

"E continua: 'Estou ansioso por te deixar participar da minha visão, para que possas ver este país através dos meus olhos.' Ele diz-lhe: ‘Encontro-me num país tão real, acredita, como qualquer outro por que já passei. As luzes e as sombras, que tu tanto haverias de apreciar, são requintadas; luz solar e sombras, e sistema solar e planetário. Tudo maior, belo, mais intenso. A cor, por exemplo, é uma coisa indescritível, e acho que a maneira certa de to explicar é dizendo que se sente tudo dentro de nós, por assim dizer. Está-se mais desperto, pelo que tudo é mais vigoroso.

"’O que me agrada é que a minha nova forma corporal, embora não contenha nenhuma das limitações do velho cangalho, é tão real para mim no lado emocional. Por isso me sinto grato. Ser real, ainda poder falar, perceber e compreender, ainda ser apreciador tanto à maneira antiga como à nova, achar que a mudança é mais externa do que interna, tudo me agrada; pois, embora eu não fosse exatamente uma criatura de hábitos, eu odiava ser forçado a qualquer coisa sem tempo para um preparo. E embora a minha saída deste teu velho planeta tenha sido acelerada, não posso dizer que as propriedades de funcionamento tenham mudado muito. Digo-te isto com alegria, porque, quando nos encontrarmos, quero ser como fui, e sentir que tu e eu seremos (se não na forma, pelo menos na personalidade) ainda tu e eu daqui a um milhão de anos. Não penses que continuo infeliz. Tu tornaste possível que eu aceitasse, e realmente gozasse, a vida contigo através dos teus olhos; enquanto eu, pela minha parte, espero que nenhuma noção preconcebida te impeça de ver a vida comigo através dos meus olhos.’"

Harry por vezes falava de si próprio como um velho cangalho quando se referia ao braço perdido ou à doença.

Uvani de seguida fez-me uma daquelas perguntas que nunca esperou ver respondidas. ‘Ele alguma vez precisou ir embora e deixá-la com um bebé, uma criança? Não dava para a levar com ele. Ele foi em serviço. Ele disse que era melhor você ficar em casa por causa do menino, ou bebé.’ Agora ele diz o seguinte: ‘Encaro esta separação como significando não mais do que isso, em muitos aspetos menos; porque deveres, o posicionamento, a vida, a sociedade, para não falar de todas as coisas mundanas que compõem o complemento da chamada vida, muitas vezes tiravam as ideias a um sujeito durante a sua expressão diurna. Mas agora não há nada que se intrometa entre mim e tu. Possua agora a mesma ambição que tinha então de construir um lar para ti e os meus filhos. Continuo a ter a mesma ambição, e estou com afinco a esperar com ansiedade, não de partir, nem do dia em que fazemos as malas juntos, mas do dia em que fizeres as malas e a travessia.’

"Madame, o seu marido não diz apenas 'eu amo-te. Eu quer-te, mas ele está a expressar a sua personalidade. Ele tem tanto a dizer. Essa é a mensagem, e esse é o estado de espírito em que ele está."

Isto refere-se a 1912, quando Harry foi juntar-se ao regimento dele na Índia, e eu fiquei para trás com um bebé e um menino: Ronald, com 2 anos e 6 meses, e Bill com 11 meses. As crianças, a ama e eu seguimos Harry seis meses depois em um navio de tropas.

"Ele diz agora: 'Recebeste uma carta de um dos rapazes muito recentemente. As coisas estão a correr muito bem. Meu querido, meu velho Ron. Eu só desejo ao Céu poder lá ter estado por um momento para apreciá-los, abençoá-los e não os subestimar; porque, ao olhar para mim agora, acho que te subestimei.'"

Esta mensagem, com o nome de Ron, veio sem a menor hesitação e, mais uma vez, foi proferida da maneira que o Harry teria feito.

Em seguida, veio uma conversa, com uma cadeia de elos de comprovação, sobre o servo soldado do Harry, e logo em seguida foi mencionado o nome cristão do major que tinha sido o segundo em comando do Harry. Harry sempre o tratava por esse nome.

"Agora, ele está a dizer: 'Billy. Meu querido velho Billy. O meu coração parece ter-se apagado mil vezes.' Uvani então comentou: "Parece-me que o coração dele foi para o Ron e o Billy, como se eles significassem muito para ele." Ele viu alguém próximo a si chamado Geoffrey, mas ele não o contatou; só o viu. Ele também sabe que tem sido útil a si em muitos aspetos."

Era verdade. Um subalterno a quem sempre tratamos pelo seu primeiro nome, Geoffrey, tinha vindo ver-me diretamente quando regressei da Escócia, depois da morte de Harry, e tinha dado o seu melhor para me ajudar.

"Agora ele continua: 'Não me quero debruçar sobre o passado; o passado terminou. Já agradeceste a todos os amigos pela lamentável

trapalhada?’ (Uvani: "Ele quer dizer a passagem dele!") Gostaria que fosse possível transmitir-lhes os meus agradecimentos, mas receio que pensem que não estás tão equilibrada quanto poderias estar, e imagino as sobrancelhas arqueadas deles. Mas foi um verdadeiro porto em meio à tempestade, aquele que partilhei. Não que fosse o que eu queria à época. Foi repentino e inesperado, partir como eu parti. As coisas estão arrumadas? Há muitas coisas boas a ser reconhecidas e deixadas em ordem, mas não estão tão ruins assim."

Isto, claro, tem a ver com a bondade dos nossos amigos na Escócia, onde ocorreu a morte de Harry.

"Aldershot. Uma memória muito viva para ele. Você dirigiu até lá? Lembra-se?

O batalhão de Harry estava estacionado em Aldershot. Nós tínhamo-nos afastado de lá para ir nessa rodada de visitas, e tínhamos constantemente ido e vindo dela anteriormente.

"Um dos filhos dele está no Exército? Espera que os dois entrem, mas diz: ‘Sinto que um pouco mais tarde, anota aquilo que te digo, o mais novo vai impacientar-se um pouco. Já paira no ar.’” Em seguida, Uvani fez uma pausa: "Não, não o mais novo, mas o mais velho. Já paira que ele possa querer fazer outra coisa." Mais uma vez, ele repetiu o que parecia estar a ouvir o Harry a dizer: "Eu acho que ele não vai dar descanso! Não propriamente, mas é difícil saber qual a melhor coisa a fazer. Mas, sabendo que tu sempre foste capaz de lidar com eles infinitamente melhor do que eu, continuarás a controlar tudo bem."

Uvani muitas vezes fala dessa maneira, ao descrever algum incidente ou evento nas suas próprias palavras e, de repente, transmitir algumas frases aparentemente assim que chegam até ele. Por vezes, como no caso da última parte da sua última frase, é exatamente como Harry teria falado comigo própria ─ e é por essa razão que eu permito que ela fique.

"Muito em breve vão estar consigo. Ele está tão feliz que vocês estarem todos juntos."

Ambos voltaram para casa no dia 11 de dezembro.

"Agora estão a aproximar-se fortes condições Escocesas: 'David.' Ele tentou dizer isso antes."

Mais uma vez, pensei que se tratava de uma tentativa de deixar claro o nome que lhe chamei; ou seja, Dady.

"Paton. Teve alguma conversa com ele. Algo a ver com ele. Ele diz: 'Eu estava lá na mesma altura, a tentar fazer com que percebesses que eu estava lá.' Normalmente, ele próprio teria feito esse arranjo. Era algo relacionado com o carro. Havia algo de sugestivo de artigos relativos a ele. Ele ficou muito feliz por ter visto isso."

No dia 29 de novembro, tive que ir ao Mann Egerton's para ver sobre o descarte do Sunbeam do Harry. O gerente telefonou a dizer que lamentava muito ter de se ausentar, mas que, se eu tivesse de ir naquele momento específico, ele arranjaria outra pessoa que me atendesse e estivesse a par de tudo sobre o carro. Este nome mais outros detalhes, que estão corretos, surgiu sem hesitação; e no início de 1931 confirmei o nome quando me deparei com uma carta dirigida ao meu marido em que Mann Egerton falava do Sr. Paton como estando à procura de um assunto qualquer para ele, e afirmava que ele se tinha envolvido de perto no negócio. Eu não tinha conhecimento dessa carta anteriormente.

"Margaret, relacionada com o lado da sua mãe, está aqui. Ele diz: "Sinto-me muito egoísta por ter ficado no caminho dela.'"

O nome da minha mãe.

Uvani, ainda a repetir o que estava a ouvir da parte do Harry, disse em seguida: " 'Estou feliz por acompanhar a nossa vida diária. Lembra-te disso, ainda é nossa, e mesmo que o que eu pensava ser

um destino cruel me tenha tirado literalmente do "volante," isso não significa que eu tenha deixado de estar a teu lado.’ "

Isto deveria ter sido, claro, praticamente literal, mas é uma ilustração apropriada tendo em conta o facto de que todos os nossos planos foram feitos para deixar a Escócia na manhã de 15 de novembro e ir de carro para Yorkshire. Tínhamos o carro pronto e tudo arrumado. Harry morreu logo depois de se deitar na noite anterior. Ninguém alguma vez conduziu o carro dele além dele próprio.

"Ele agora diz: 'Encontrei aqui mais força, tolerância, humildade e uma maior compreensão. Deus te guarde até que nos encontrarmos de novo; uma reunião para a qual já me estou a preparar e não devo chegar de mãos vazias. Nunca penses por um instante sequer que me estejas a atrasar. Estou a levar-te consigo. O final desta semana estabelece um marco. Parecerá possível que tu e eu tenhamos estado longe um do outro há tanto tempo ─ e ainda assim tão pouco tempo? Estarei contigo, pois, muito mais compreensiva e alerta. Nesta data não me pegarás na mão em despedida. Eu virei a ti, e tomarei as tuas, e dar-te-ei algum sinal definitivo durante o dia da minha presença contigo.’

Eu não tinha percebido (pois eu estava a contar o tempo desde que Harry me deixou do dia da semana em que aconteceu ─ uma quinta-feira), que 14 de dezembro, o sábado seguinte, fazia apenas um mês do dia em que ele falecera. Então Uvani disse muito baixinho: "Ele foi-se, Madame."

IV

ASSIM como eu tinha muito cuidado para que ninguém, exceto os meus filhos, soubesse das investigações psíquicas que eu estava a realizar, e que as provas bastante conclusivas que me chegavam de todos os lados fossem para meu próprio convencimento; assim também tenho estado muito determinada em testar a minha própria mediunidade. Desde o dia em que Uvani me chegou diretamente

pela primeira vez, certamente parecia ser a personalidade que eu já conhecia tão bem através da Sra. Garrett, por apresentar o mesmo estilo de fala e a mesma formalidade ao seu redor, embora esta última fosse menos aparente do que quando ele falava através da sua médium de transe. No entanto, eu queria provas definitivas de outras fontes que não a minha própria escrita de que era realmente ele quem escrevia pela minha mão.

As pessoas muitas vezes interrogam-se por que aqueles que controlam as mentes inconscientes dos médiuns em transe geralmente devem ser de origem Pele-vermelha ou Oriental. Pelo que ouvi dos outros e descobri, no próximo estágio da existência não há compulsão em fazer este ou qualquer outro trabalho, e é uma questão de opção individual. O ato de morrer não altera as características de cada um, e é fácil entender por que os Índios Pele-vermelhas deveriam escolher ser controladores, pois a sua religião era essencialmente psíquica nas perspetivas. Isto também se aplica a algumas das raças Orientais; mas, em todo o caso, os Asiáticos são geralmente desprovidos de inibição e constrangimento e, estando mais acostumados ao pensamento abstrato e à ideia da continuação do espírito inalterado pela morte, parecem naturalmente mais aptos a realizar esse trabalho.

Comecei os meus testes cruzados com Uvani em agosto de 1932, sentindo um grande interesse desde o início. Ao tentar manter o curso por ele indicado, estou a excluir todas as provas apresentadas nestas sessões, para além das que têm a ver com o que Abdul Latif e Uvani me disseram que iriam tentar apresentar.

Nestes experimentos usamos os seguintes médiuns, que menciono na ordem em que fomos a eles pela primeira vez para este trabalho.

(1) Grace Cooke, que é controlada por um Índio Norte-americano, White Eagle.

É absolutamente impossível neste livro prestar homenagem suficiente ao trabalho primoroso de White Eagle, por muito que eu gostasse de o fazer. Uso a palavra "requintado" deliberadamente, por não haver outra que possa descrever tão apropriadamente a intrincada rede de provas e informações que ele me deu ao longo destes anos que o conheci, e, quando com ele, percebo cada vez mais que estou na presença de um ser muito grande, possuidor de profunda compreensão e conhecimento. Ao longo das diferentes jornadas do Ronald e do Bill ele deu-me informações constantes e corretas sobre eles; e não há mais ninguém que possa transmitir mensagens tão completa e claramente organizadas por aqueles que escrevem através de mim, embora isso talvez não seja aparente nos trechos que escolhi para este livro. Fizemos muitos testes através dele.

(2) Kathleen Barkel, que tem por controlador outro Índio Pele-vermelha chamado White Hawk.

Apesar de termos tido apenas um teste cruzado inicial através do White Hawk da Sra. Barkel, tive muito a ver com ele, e sempre fico impressionado com a extensão do que ele vê e sabe sobre nós e a forma como trabalha tão de perto com aqueles que me procuram. Acho que o que ele me diz está entrelaçado com factos comprovativos, e que, embora haja muita alegria em White Hawk, há igualmente uma estranha profundidade, que se evidencia não apenas na precisão das suas informações, mas nos ensinamentos que vêm através deles.

(3) Nina Francis. O controlador, Lúcio, que tem a seu cargo foi um Italiano, anteriormente um abade.

Uma das características mais marcantes da evidência de Lúcio foi-me dada na primeira vez que o conheci, quando ele traçou toda a minha vida de criança, descrevendo muitos assuntos sobre os quais ninguém além de mim teria qualquer conhecimento. Isso foi em 1930, e dois anos se passaram antes que ele voltasse a falar comigo

de novo; mas bem que poderia ter sido apenas no dia seguinte, pois ele imediatamente voltou ao que havia dito anteriormente.

Uvani já vinha até mim há quase dois meses, e eu tinha o maior desejo de ver se ele conseguia comunicar claramente comigo através de outras médiuns. Eu tinha marcado um encontro com a Sra. Cooke para o dia 12 de agosto de 1932 e, na noite anterior, com a ideia disso acima de tudo, Uvani respondeu-lhe escrevendo:

"Uvani está aqui. Sou eu, Madame. Frank disse-me que você estava à minha espera. Acho que você falará comigo e terei todo o prazer em lhe dizer tudo o que puder."

Disse-lhe o que queria saber: se poderia ser outra personalidade a vir que não o Uvani que tanto fizera por nós através da Sra. Garrett, e que eu estava, em todo o caso, a pensar que poderia ser impossível ele falar comigo através de outra médium que não a sua. A isso Uvani respondeu:

"É o Uvani, através do qual o seu senhor falou pela primeira vez, quem vem, e que se vê honrado com essa vinda. Tenho estado, e estou, muito grato ao seu senhor, e a Frank, seu irmão, por me permitir este privilégio. Fá-lo-ei. Vou aparecer e dizer: ‘White Eagle; Uvani para cumprimentar a Madame, e dizer que tem notícias a transmitir relacionadas com o instrumento através do qual opera; que está satisfeito com tudo o que está a ser feito e está contente.’ Referir-se-á, como sabe, a si própria."

Durante a sessão que tive no dia seguinte, Eagle White mostrou, como sempre, o conhecimento mais aproximado do que estava a acontecer-me. Observou agora:

"Uvani está aqui, e diz o seguinte: ‘Que ele tem grande respeito por si e pelo seu senhor; que ele está muito feliz por vir ajudá-la; ele está-lhe grato a si por tê-lo deixado vir falar consigo, pois muitas conversas felizes você teve, você e ele a sós, não através de uma médium. Ele é um velho amigo seu."

"Por que fala ele do seu mestre?" Eagle White pensou intensamente por um momento, e de seguida disse: "Agora ele diz: 'senhor,' se preferir ─ é tudo igual ─ mas 'senhor,' se preferir.

"Ele continuará a ajudá-la, e que O Grandioso a abençoe. Ele já lhe insinuou que está muito satisfeito, muito feliz com o seu médium. Conhece Abdul Latif? Ele estava com Uvani no início quando você veio pela primeira vez aqui."

Naquela mesma noite, Uvani escreveu através de mim:

"Estou aqui, Uvani, e quero dizer-lhe que consegui dar notícias a White Eagle, embora, na transmissão, algumas das que procurei dizer tenham sofrido um desvio. No entanto, é White Eagle excelente no seu trabalho, e é alguém que pode fazer trabalho para si na vibração acertada. Eu referia-me a si quando falei do meu médium. Agora vou despedir-te, e que goze sempre de toda a felicidade no seu meio."

Não demorou muito para que Uvani organizasse outra comunicação cruzada para me informar através de um outro controlador da associação que tinha comigo. Desta vez, a médium seria a Sra. Barkel, e a 28 de setembro ele escreveu o que pretendia fazer:

"Amanhã, através do White Hawk, direi as seguintes palavras: "Dirá à Madame que Uvani está aqui; que Ele envia todas as saudações a ela e aos seus entes queridos, e que em breve muitos serão os ditos que cercarão a sua médium?"

Eu disse: "Acha que será capaz de fazer isso através do White Hawk?"

"Sim. Eu conheço o controlador e posso transmitir mensagens através dele. Fá-lo-ei, e você fará disto que eu disse um teste. As palavras farão, mais uma vez, conforme sabe, referência a si própria e a nenhum outro. White Hawk não saberá a quem me refiro. Por

enquanto, tudo será mantido em segredo. Deixo-a agora. Que todas as bênçãos estejam consigo e com todos quantos eu tanto amo."

No dia seguinte, houve novamente uma excelente sessão, em que White Hawk me forneceu muitas evidências à sua maneira vívida. Demorou algum tempo até ele me transmitir a mensagem de Uvani, mas ela finalmente veio:

"Uvani está aqui. Você está lembrada de que ele prometeu ajudá-la e ensiná-la, e sempre ele torna possível alcançá-la durante alguma parte do dia. Por que ele a trata por Madame? "Diga à Madame que eu, Uvani, a saúdo, e lembro-me sempre com carinho dos seus muitos atos de gentileza. Vocês são amigos há muitos anos, mesmo antes de saberem. Uvani diz que devo transmitir-lhe *salaams* da parte e Abdul Latif. Você lembra-se que ele falou consigo. Uvani tem vindo a tentar desenvolvê-la de alguma forma. Não sei se ele tem tentado usar a mão, mas desenvolvê-la de alguma forma. Por que Uvani cria hieróglifos para mostrar a White Hawk?. . . Frank! Por que sinto que por vezes ele se aproxima da sua mente e a impressiona?"

Eu não respondi, mas esperei por White Hawk. Então ele riu e, evidentemente, as palavras seguintes que ele proferiu foram aquelas que estava a ouvir do Frank. "Guardar a porta' seria mais correto, White Hawk."

[Conforme mencionei no primeiro capítulo, é quase invariavelmente Frank quem apresenta qualquer um que queira escrever através de mim. Isso nunca aconteceu no meu caso, mas muitos que praticam escrita automática acham que eles se tornam instrumentos temporários de entidades estranhas e indesejáveis. Frank pode, pois, muito bem ser chamado de "guardião da porta" no que me diz respeito.]

White Hawk parou de falar, pôs-se à escuta durante um tempo muito em silêncio, e depois repetiu lentamente:

"Uvani diz: 'Madame, somos apenas o cordão no qual as pérolas da experiência estão enfiadas. Quando todas as experiências tiverem passado, chega-se ao fecho, que é composto pela grande pérola da sabedoria; e, quando o cordão está completo, passará a adornar-nos o pescoço, para que outros o contemplem, e no brilho das pérolas recolher igualmente sabedoria."

Isso completou o que me foi dito quanto à presença de Uvani, mas naquela mesma noite ele escreveu:

"Eu quero falar consigo sobre a palestra do dia de hoje através do White Hawk. Eu disse mais do que uma vez o que eu pretendia dizer, pois me parecia que o momento era propício, e que eu lhe daria uma prova direta de que é Uvani quem controla, e quem escreve através de si. Por isso variei o que eu tinha dito que iria ser dito, e na alteração disse muito do que foi feito. Não falei, com todas as letras, do que vai suceder, mas sabia que eu estava a dizer tudo o que podia para que me compreendesse. Eu tinha comigo Abdul Latif. Ele está sempre interessado, pois tem respeito por si."

Quando acorri pela primeira vez à Sra. Garrett, tomei como certo que somente Uvani falava através dela, mas um dia ela por acaso mencionou outro controlador cujo nome era Abdul Latif, e disse-me que as pessoas às vezes vinham especialmente falar com ele, e que ele era capaz de as curar. Para a Sra. Garrett (sempre cética quanto às identidades distintas de Uvani e Abdul Latif) isso não significava nada ─ na verdade, ela mostrava-se pouco interessada. Para mim também significava pouco, além do facto de que eu não tinha percebido até então que mais de um controlador poderia usar o mesmo médium.

Muitos meses depois, e muito depois de Uvani ter deixado de me procurar regularmente através da Sra. Garrett, ele apareceu de repente quando eu estava com ela. As primeiras palavras que proferiu foram:

"O seu senhor diz que Uvani pode vir por um momento falar. Abdul Latif (honrado seja o seu nome) virá conhecê-la; só que da próxima vez, não hoje."

Por esta altura, já tinha ouvido falar muito de Abdul Latif, e tinha recolhido certos factos dos quais, na minha ignorância, nada conhecera anteriormente. Eu sabia agora que um grande Persa com esse nome tinha vivido há quase oitocentos anos, que, além de ser um médico famoso dotado de perspetivas muito avançadas, fora igualmente um viajante, teólogo, matemático, historiador, versado em lógica e filósofo. Escreveu, ao todo, cento e sessenta e cinco obras, uma das quais se encontra na Biblioteca Bodleiana. Era esse Abdul Latif que deveria ser o controlador da Sra. Garrett. Eu fiquei muito interessada e curiosa para ver que tipo de pessoa ele seria.

A 3 de março de 1931, exatamente uma semana depois de Uvani me ter revelado a sua intenção, mal a médium entrou em transe, Abdul Latif começou a falar comigo; um ser extraordinariamente vigoroso e viril, a dar-me conta, com grande poder de descrição e de imagens orientais, de muitas coisas estranhas que ocorreram durante a sua vida. Nessa altura não tomei nota, e passado algum tempo ele deixou-me, dizendo que no futuro deveríamos ter mais que ver um com o outro.

Um dia, quando me estavam a falar através da escrita, tive uma dor de cabeça excruciante. Imaginando que resposta poderia receber, eu disse: "Uvani, a minha cabeça dói-me muito. Pode fazer algo por isso?" Uvani respondeu: "Lamento infinitamente não possuir o dom de cura, Madame, mas vou perguntar a Abdul Latif." Alguns minutos depois, ele voltou; mais uma vez o meu lápis escreveu, e recebi uma mensagem de Abdul Latif no sentido de que se eu bebesse um pouco de água fria e ficasse junto à janela aberta, respirasse profundamente, antes de me deitar tranquilamente na minha cadeira durante um curto período de tempo, a dor de cabeça passaria. Eu fiz isso, e logo fiquei perfeitamente bem de novo.

Tivemos uma oportunidade real de descobrir o que Abdul Latif poderia fazer quando, alguns dias antes de Ronald partir para o Tibete, tanto ele como eu fomos acometidos pelo sofrimento. Uma noite, fui derrubada por um táxi, e meu pé e perna direita foram bastante feridos. Eu não pensei que fosse nada grave quando aconteceu, e ainda caminhei para casa cerca de cem metros; mas quando cheguei lá tinha o pé estava muito inchado e, em pouco tempo, tornou-se muito doloroso. Olhei para ele desesperada, pois já não conseguia pô-lo no chão, e a cada momento a dor piorava. Desta vez, Abdul Latif veio e escreveu através da minha mão, dizendo-me o que fazer e como atá-lo. Duas horas depois, estava a doer mais do que nunca, pelo que peguei no meu lápis e foi escrito o seguinte: "Estou aqui ─ Abdul Latif. Vou agora ver o que pode ser feito. Você está com dor. Tomarei nas minhas mãos o pobre pé. Vai deitar-se e relaxar, para que lhe seja dado algum descanso? Em breve você ficará aliviada. Peço-lhe agora que deixe de escrever. Você pode sentir-me, ou por porventura não." Alguns minutos depois: "Tratei-a. Voltarei esta noite. Abdul Latif."

Depois disso, o meu pé parou de doer momentaneamente, e eu dormi absoluta e profundamente naquela noite. Tive dores intercaladas durante as duas semanas seguintes, mas em alguns dias estava capaz de andar, e o inchaço gradualmente diminuiu à medida que melhorava.

Ronald desenvolveu gripe no dia seguinte a esse acidente, e ficamos mais do que consternados, pois o barco dele deveria partir para a Índia dentro de poucos dias; mas ele já estava demasiado interessado no que estava a acontecer, e decidiu que, a título de experimento, ele também seria tratado apenas por Abdul Latif. Três vezes ao dia, Abdul Latif disse-me o que fazer por ele, dando-me detalhes minuciosos, que cumprimos fielmente.

Isso deu-nos a oportunidade de fazermos um teste com Abdul Latif, e, por escrito, ele combinou vir falar comigo através da senhorita Francis, a quem ele tinha começado a controlar quando a

Sra. Garrett fora para a América. Um dia antes de eu ir até ela, ele falou-me sobre isso, dizendo:

"Eu, Abdul Latif, estou a falar. O seu menino está a caminho da recuperação. Quando ele se levantar, não sentirá nenhum efeito nocivo, pois a cura será completa. Quando a temperatura se mostrar há algumas horas normal ele poderá levantar-se, mas sem sair de casa até que eu considere prudente. Isso não tardará muito.

Peça-lhe que suporte pacientemente a estadia na cama, e faça com que o cuidado seja uma coisa necessária. Enquanto lá estiver ele ganha força, a constipação desaparece. Ele levantar-se-á livre de problemas. E amanhã, quando a minha voz falar através da médium, eu orientá-la-ei ainda mais a ele."

A senhorita Francis estava a fazer todo o seu trabalho no British College of Psychic Science, e eu tinha combinado lá a minha consulta com ela, a 20 de janeiro de 1933. Aqui está um relato muito resumido dela. Lúcio veio primeiro, falando fácil e naturalmente sobre Ronald e sua jornada futura, da qual, escusado será dizer, a médium nada sabia. Na verdade, eu tinha dito muito pouco sobre isso a alguém, pois, por conta deste meu trabalho, nunca quis que qualquer informação sobre nós ou os nossos feitos fosse conhecida. Essa reticência da minha parte aplicava-se igual e naturalmente, aos controladores. Lúcio logo me deixou, dizendo pouco antes de ir: "O seu menino vai ser endireitado. Diga-lhe que Abdul Latif cuidará disso." Depois, riu. "Abdul Latif disse-me para não me alongar demasiado. Tenho de ir."

Houve uma pausa enquanto o controlador mudava, e então Abdul Latif manifestou-se, falando de Ronald desde o início, e retomando imediatamente o caso. Eis um pequeno excerto da intervenção dele relativa ao que tinha sido feito:

"Você vê, eu cheguei aqui. Como o achou esta manhã?"

Eu disse: "Abdul Latif, você sabe, ao falar aqui, de que maneira você me tem dado instruções acerca dele?"

"Mas é claro que sei. É uma maravilha para mim eu poder usá-la para a escrita. As minhas mãos são as suas mãos; o meu toque, o seu toque. Ele vai ficar suficientemente bem para sair. Ele não deve ser descuidado, especialmente quando vai para as partes onde há grande calor.

"Sabe, no meu tempo eu viajei muito. Eu não era apenas médico. Como o seu filho, eu fiz mapas. Aquilo que vivemos permanece connosco. O interesse geográfico permanece comigo. No meu tempo fiz um grande estudo da geografia do mundo inteiro; no que havia para ser conhecido, eu mergulhei. Toda a minha alma estava nisso, tal como a dele está.

"Sobre o seu pé, Madame. Quero falar disso. Estava muito ferido, os nervos também. Não é, pois, surpreendente que tenha sofrido muita dor. Em breve estará completamente recuperado, palavra de Abdul Latif. Eu tenho enviado mensagens através da sua mão estes dias em que tenho trabalhado através de si, para o menino. Já está no quinto dia, cinco dias desde que cheguei. Uvani mandou-me o chamado."

Ninguém além de Ronald e eu tínhamos qualquer conhecimento do que tinha vindo através de mim sobre a sua doença, ou que Abdul Latif estava a escrever. Apenas o Ronald, o Bill e eu sabíamos que Uvani escrevia, e nenhum de nós alguma vez tinha falado sobre a escrita aos demais. Ocasionalmente tinha sido abordado por outros controladores que falavam comigo, mas eu nunca me tinha alargado sobre o que aconteceu nem mesmo a eles. Em particular, foi um ponto de evidência impressionante quando Abdul Latif falou sobre mapas, pois a criação de mapas (cartografia) havia se tornado um interesse especial para Ronald e ele fez muito disso nessa jornada.

Naquela mesma noite, Frank perguntou-me se Uvani poderia falar comigo, e fiquei surpreendida quando, em vez de Uvani vir, conforme eu esperava, foi escrito o seguinte:

"Abdul Latif está aqui, pois Uvani posicionou-se generosamente a um lado para que eu possa falar. Regozijo-me com o facto de ter surgido a oportunidade de me dirigir a si esta manhã. É bom, de uma forma diferente, confirmar o facto de que sou eu próprio, Abdul Latif, que venho escrever pela sua mão. Tenho, assim, outro meio de entrar em contacto com o seu plano, um canal claro, no qual derramo as minhas palavras. Tenho muito prazer em falar com sigo e o seu filho, creia-me."

Então ele deu-me mais instruções para o tratamento, e continuou a fazer isso até Ronald partir para a Índia a 24 de janeiro. Ele conseguiu sair no dia 21, seis dias após o início da gripe, e sem sequelas.

Abdul Latif só voltou no dia 3 de fevereiro, quando, escrevendo através de mim, me deu detalhes sobre a saúde de Ronald como uma preliminar para confirmar esses mesmos detalhes através da Miss Francis cinco dias depois.

Ronald Kaulback

V

BILL deixou Cambridge, e chegou a hora de ir para a Índia. Muito em breve Ronald também estaria de saída para longe, para lugares inacessíveis. Pensei nos dias em que eram meninos e nos tempos em que estávamos os quatro juntos. Dois de nós nunca mais nos separaríamos, mas eu tinha o coração dorido com a perspetiva de uma longa separação dos rapazes, e, com a consciência da certeza, também, das longas semanas e meses de suspense em que o Ronald seria inteiramente incapaz de me enviar qualquer notícia. E então, de repente, descobri que, não importa onde eles estivessem, eu tinha uma sensação de estar perto deles e que, de alguma forma, nunca me foi permitido ficar sozinha. Eu sabia que deveria sempre ouvir falar deles ─ disso eu não tinha a menor dúvida ─ mas só depois da partida do Bill é que os relatos detalhados que chamamos de *"quadros"* começaram a ser-me apresentados.

Um dia o meu marido disse que tentaria dizer-me o que Bill estava a fazer no momento em que estava a falar comigo. Essa primeira tentativa continha uma descrição correta dos aposentos do Bill em Bombaim, e foi seguida por outras pequenos *quadros* das suas atividades. Para começo, costumo tê-las dadas ao meio-dia, ou seja, à hora que coincidiria com o que o Bill estava a fazer por volta das cinco horas (hora de Bombaim); mas então descobrimos que isso era muito restritivo, e então eu anotava o que me era dito a qualquer hora do dia ou da noite. Bill mantinha um diário de propósito para relembrar os eventos de cada dia; e quando Ronald partiu nas suas expedições, teve, necessariamente, que guardar um também, a fim de registar tudo o que ocorria nas suas viagens.

Foi assim que pudemos ver a exatidão, ou não, de tudo o que me foi dito acerca deles. No caso do Ronald, muitas dessas fotos tiveram que esperar por uma confirmação até ele retornar para casa. Na primeira vez que esteve no Tibete, poucas cartas chegaram até

ele, e durante a sua segunda expedição nenhuma foi recebida. Facilita a verificação, é claro, as "visões" conterem tantos detalhes e, com o passar do tempo, se terem tornado muito mais completas do que no início. Devo salientar que, enquanto estas coisas me são ditas, é como se eu estivesse a ouvir alguém que, detentor de uma visão melhor do processo do que eu, esteja a descrever o que se está a passar. Pausas ocorreriam, em que eu costumo fazer algum comentário, e então mais era dado; e o fim só chegava quando o *quadro* ou *imagem* desaparecia.

Durante muito tempo adotamos o mesmo procedimento: se os meus dois filhos estivessem fora, o *retrato* do Ronald vinha primeiro (sendo escrito em um livro separado do do Bill), e assim que terminava eu anotava o do Bill. Quase sempre são-me dados no decurso normal da nossa conversa: pego nos livros, escrevo neles o que me é dito e depois continuamos a conversar.

Nos primeiros tempos, eu simplesmente perguntava aos meus filhos sobre essas coisas nas minhas cartas; mas, quando se tornaram uma característica constante da escrita psíquica, enviei-lhes cópias datilografadas para comentários, ficando com outras para mim. Arquivei todos esses documentos por ordem cronológica. É uma questão de interesse que, embora, no início, as *imagens* tendessem a mostrar-se acertadas no tempo ─ até mesmo com relação à hora ─ elas logo se alteraram a esse respeito, e seriam dadas tantas vezes antes do evento, ou depois dele, como no dia certo. No início, apenas o meu marido me dava detalhes dessa maneira; mas logo foi feito por Uvani, e um pouco mais tarde por Abdul Latif e Frank.

Ronald não seguiu Bill para a Índia durante três meses, de modo que os primeiros *quadros* que eu apresento são inteiramente sobre o último.

Bill Kaulback

29 de novembro de 1932

Harry: "Queres perguntar isto ao Bill? Ele esteve, esta manhã, a fazer alguma coisa com um cavalo e a ver se lhe convinha?"

Bill estava nesse momento em Bombaim. Ele escreveu em resposta a dizer que no dia 29 ele tinha pensado em comprar um cavalo. Todos os cavalos chegaram, no entanto, no dia seguinte, dia 30, e a compra não foi concluída.

13h (ou seja, 18h no horário de Bombaim). 5 de dezembro de 1932.

Harry: "Eu vi o Bill. Ele estava com dois homens e duas mulheres num carro, de ida para algum lugar onde iriam encontrar várias pessoas."

Eu perguntei: "Foi hoje?"

"Sim, hoje, mas a hora não está muito clara, pois foi há pouco tempo. Às vezes, misturamos as coisas quanto à hora exata. No entanto isso foi uma coisa muito recente."

Na resposta, Bill disse:

"No dia 5 de dezembro fui com outros dois do regimento e duas raparigas a um 'thé dansant' no Hotel Taj Mahal, cerca das seis horas, de modo que isso se enquadra."

22 de dezembro de 1932

Harry: "Billy está no comboio que vai para Calcutá."

Quando chegou uma carta do Billy, tinha sido escrita no comboio que ia para Calcutá, na mesma data. Ele havia deixado Bombaim na noite anterior, segundo disse.

12h30m 30 de dezembro de 1932

Harry: "Bill partiu para Bombaim. Ele está de volta. Ele teve um momento feliz e está de volta ao trabalho animado. Quando ouvires notícias dele, ele vai confirmar isso."

Mais tarde, nessa mesma noite, mais algumas informações me foram dadas:

"Bill está em segurança e está a dormir no comboio. Eu vi-o."

Bill escreveu em resposta, dizendo:

"Saí de Calcutá a 30 de dezembro e cheguei aqui (Bombaim) a 1 de janeiro."

Eis um *retrato* que se mostrou inexato, ou, pelo menos, em parte.

12h35m 15 de janeiro de 1933

Harry: "Eu estive junto ao Bill. Ele está de viagem rumo às colinas com um destacamento de homens ─ a caminho agora, mas ele não vai permanecer por muito tempo. Ele voltará com outro destacamento de homens. Pergunte-lhe sobre isso quando escrever.

"Além disso ele acaba de ir para os arredores de Bombaim, e fez um piquenique com algumas pessoas, que te irá contar."

Bill, ao escrever sobre essas visões, disse:

"Estes pequenos quadros são muito agradáveis e estou a guardá-los todos juntos. Um grande número de coisas está absolutamente correta, mas uma ou duas não, embora mais

frequentemente no tempo do que nos detalhes ─ e isso não é de admirar. No dia 15 de janeiro não estava de folga com um destacamento de homens, mas é verdade que tinha acabado de fazer um piquenique com outros dois numa praia a alguns quilómetros de distância, onde tomámos banho e passámos o dia."

O primeiro retrato de Uvani foi a seguinte:

Por volta do meio-dia. 18 de janeiro de 1933

"Ele, seu filho jovem, passa bem em todos os modos. Ele prospera e é viril, saudável e vigoroso. Eu estive perto dele neste dia. Ele estava na água, e estava a ser levado num barco a remos até a costa por *coolies*.* Nesse barco sentavam-se outros dois homens com ele. Pergunte-lhe, por favor, Madame, se eu vi bem."

**(N.T.: Traballhadores braçais)*

Da carta do Bill:

"No dia 18 de janeiro, Uvani viu-me a desembarcar de um barco a remos, vindo de um dos navios de guerra, no porto. Isso está bastante correto, e é curioso, porque geralmente vamos numa lancha a motor, só que desta vez ela avariou, e fomos forçados a contratar uma embarcação local."

Agora também podemos apresentar *quadros* relacionados com o Ronald. Em novembro de 1932, ele tinha combinado ir com F. Kingdon Ward, o famoso botanista e explorador, numa expedição ao Tibete. À última da hora, juntou-se a eles B. C. Brooks-Carrington, que os acompanhou para fazer um filme cinematográfico a cores naturais de partes da viagem. Ronald deixou a Inglaterra a 24 de janeiro de 1933. Desembarcou em Bombaim no dia 15 de fevereiro, e chegou a Sadiya, a última cidade de Assam, no dia 30, a quem se juntou o capitão Kingdon Ward alguns dias depois. A 9 de março, os três partiram para o Tibete pela rota do Vale de Lohit, chegando a Shikathang, a sede de inverno do governador de Zayul, a 2 de abril. A 15 de julho, devido a um problema na permissão oficial para

entrar no Tibete, Ronald e o Sr. Brooks-Carrington tiveram que voltar atrás, enquanto o capitão Kingdon Ward prosseguiu o seu caminho para o norte. Estava agora no meio da monção, e o Vale de Lohit estava intransponível, pelo que eles fizeram o seu caminho de volta sobre as montanhas para a Birmânia, e marcharam para o sul, passando por Fort Hertz rumo a Myitkyina, o terminal ferroviário, onde chegaram a 13 de novembro de 1933.

No momento em que Ronald estava a caminho do Tibete, eu estava a receber a notícia de Bill sobre os seus "quadros," e a descobrir que muito do que foi dado noo caso dele estava correto e me levou a sentir confiante de que eles devem ser bastante precisos no caso do Ronald também. Descobri, também, que as informações que recebi através da Sra. Cooke e da Senhorita Francis coincidiam com o que chegava diretamente a mim, e que quando a Sra. Garrett chegou, no verão de 1933, a mesma coisa ocorreu com ela.

Aqui está um dos primeiros *quadros* que vieram acerca dele.

11h25m 11 de fevereiro de 1933

Harry: "Quando escreveres ao Ron, diz-lhe que o vi no dia em que abarcou em Port Said, com uma rapariga, a caminhar pela rua. Ele parou e comprou várias coisas, e eles tomaram um refresco num restaurante. Depois eles caminharam de novo, e logo depois eu vi-o no barco dele, debruçado na amurada. De repente, lembrei-me que queria dizer-te isto e, por alguma linha de raciocínio, vi tudo de novo com toda a clareza."

Isto foi-me dito nove dias após o Ronald ter chegado a Port Said. Enviei-lhe estes detalhes e, antes de desaparecer nas selvas de Assam, ele respondeu:

"Aquele bocado acerca de mim em Port Said estava certo, palavra por palavra. A rapariga era uma Americana muito simpática."

Naquela mesma manhã, logo depois de me contar sobre o Ronald, isso foi escrito acerca do Bill.

11 de fevereiro de 1933. Por volta do meio-dia.

Harry: "Eu também vi o Bill, é claro. É o que está a acontecer agora. Acabei de vislumbrá-lo sentado com outras quatro pessoas. Ele está vestido com flanela, com mangas de camisa arregaçadas, e a gola da camisa arregalada. Ele está debruçado sobre uma mesa, a falar com os outros, e está a falar-lhes do Ron. Pergunta-lhe isso."

O comentário do Bill foi:

"Fui visto a conversar com algumas pessoas ao redor de uma mesa e a falar do Ron. Muito acertado. Eu estava no Deolali Club, e ele estava para chegar no dia seguinte."

10h14m 14 de fevereiro de 1933

Uvani: "Vejo a chegada do rapaz, aquele a quem você chama Ronald, no dia de hoje, e que ele está bem e de bom humor; vi que o rapaz Billy está lá a encontrar-se com o irmão. Seguiram para uma habitação onde o rapaz fica. Isso eu vi, Madame."

No dia 15, Uvani escreveu o seguinte:

"Pode ser que, ao dar notícias do seu rapaz, que eu vi na frente do que era o tempo, mas que eu vi que foi realmente falado, e você ouvirá. Tenho muita vontade de ajudar. Farei sempre tudo o que estiver ao meu alcance. Sei, também, que estão bem e que o seu coração pode ficar sossegado. Peço ao Grande Deus que os guarde a todos."

Na carta de Bill escrita em 18 de março, ele tem uma resposta para isso:

Uvani viu a chegada do Rony um dia antes do que aquele em que chegou. Os detalhes estavam bastante acertados. O Rony estava no mar no dia 14 e atracou cedo no dia 15. Eu não vi Rony até por

volta das 10h do dia 15. Vejo que Uvani, mais tarde, diz que pode estar a ver antecipadamente."

11h45m 18 de fevereiro de 1933

Sobre o Ronald.

"Madame, Abdul Latif. Saudações. Vim dizer que o seu rapaz foi vacinado."

Ronald, na sua carta escrita de Sadiya, Alto Assam, a 3 de março, disse:

"Fui vacinado a bordo do navio três dias antes de chegar a Bombaim. A vacina não fez efeito, mas não me estou preocupar com isso!"

11h35m 18 de março de 1933

Harry: "Eu vi o Billy. Neste momento, ele está a assistir a alguma corrida que está a decorrer. Tem um homem ao seu lado. Eles estão muito envolvidos em tudo o que está a acontecer."

O Bill diz:

"Muito acertado. Eu estava nas corridas. O General estava lá comigo, e a Sra….. e cerca de cinco outros. Tínhamos estado a perder, e espero que eu estivesse a tentar colher sugestões. De qualquer forma, a minha atenção estava definitivamente no local."

10h25m 8 de abril de 1933

Uvani: "Vi em relação ao rapaz mais novo, o seguinte: sete homens a marchar em sincronia. Com eles estava o seu rapaz, aquele chamado Billy."

Surgiu um ponto morto, e eu disse: "Mais alguma coisa, Uvani?"

"Vi-o a dar a palavra de ordem, a chamá-los a cumprir as suas ordens, a cujo comando se voltaram para um lado, com a obediência de soldados treinados. Vi isto há pouco tempo, mas é no mesmo dia que lhe falo."

Bill diz na sua carta de 3 de maio de 1933:

"Montei a guarda naquela manhã, às 7h45, e a horaeros era quase a indicada por Uvani. Muito provavelmente é a isso que ele se refere."

Os ‘retratos’ começavam agora a ficar mais detalhadas, e isso é mostrado nas duas seguintes dadas por Uvani.

11h 23 de abril de 1933

Uvani: "Isto diria eu em relação aos seus rapazes, pois eu tomei nota. Quer inscrever essas palavras no livro do rapaz mais velho?

"Madame, agora é a hora da noite no caso do Ronald, ele está em repouso. A labuta do dia está terminada, ele está empenhado em algum trabalho que está a envolvê-lo. Ele tem um pequeno animal nas mãos, cuja pele é necessária para o fins científicos, pele essa que ele está gentilmente a remover desta pequena criatura."

Houve uma pausa e eu disse: "Uvani, isso está a acontecer agora?"

"Enquanto escrevo, está a acontecer. O menino senta-se numa pequena cadeira à porta dessa tenda. À sua volta estão figuras em movimento, pois estão a ser feitos preparativos para a confeção de uma refeição. Eles estão nesse lugar por um curto período de tempo."

"Mais alguma coisa, Uvani?"

"Não, Madame, salvo isso. Pergunte ao seu rapaz que tipo de criatura selvagem é essa com que ele lida."

Ronald diz:

"Isso deve referir-se à noite de 17 de março, em que um coolie trouxe quatro pequenos morcegos, que eu matei e esfolei para o Museu de História Natural."

Depois, o ‘retrato’ para o Bill, escrito, claro está, no seu próprio livro. 11h14 do mesmo dia.

"Isso eu vi. O rapaz Billy, que está sem roupa, deitado em uma cadeira comprida. Muito calor ele tem, pois tem feito exercícios violentos. Ele tem uma grande atadura branca na testa."

"Com que propósito, Uvani?"

"Simplesmente com o propósito de absorver correntes de água que jorravam da sua cabeça, por causa da transpiração extrema gerada por esse exercício. Ele fala com outro, também com calor, que está perto. Vemos vislumbres estranhos."

"Isso é tudo?"

"Tudo por enquanto, Madame. Ele está bem."

A observação que o Bill fez sobre este ‘retrato’ foi:

"Lembro-me perfeitamente desse incidente. Ocorreu no Clube, mas a data escapa-me."

Uvani tinha algo a dizer-me pessoalmente:

"Sei que se não pudéssemos aproximar-nos, tirando a cortina que vela os seus entes queridos, restar-lhe-ia total solidão. Quando se provar que estas coisas assentam em verdadeiro facto, então será de grande valor assistir a este trabalho que nos esforçamos por fazer, mas é principalmente por amor a si, mãe destes rapazes, que procuramos sustentá-la com novidades. Isso você bem sabe. Fico sempre feliz por isso ter sido feito, sabendo tão bem que a invadiria

a desolação se você ficasse sem notícias dos três a cuja guarda tem o seu coração. Mas você sente-os perto a todo o instante."

Eis aqui alguns ‘quadros’ do Abdul Latif. Aqui está um sobre o Billy:

11h47m 26 de abril de 1933

"Quero escrever isto sobre o jovem, aquele por quem também sinto interesse, pois para mim são todos vocês como os botões de um ramo. Vendo um, vejo todos. Percebi neste momento o rapaz com uma caneta, a escrever num livro, com o pensamento ocupado, os dedos em rápido movimento. Ele tem um cachorro grande perto dele, e na sala estão outros três, todos homens."

Então o meu lápis parou, e eu perguntei:

"Você terminou, Abdul Latif?"

"Não, fiz uma pausa para uma análise mais aprofundada. Isto interessa a Abdul Latif. O rapaz magoou o joelho há um ou dois dias. Não foi coisa séria, mas ele tem uma contusão à superfície. Pergunte-lhe, Madame, se ele a vai por ao corrente da causa."

O Bill diz:

"Não me lembro do incidente de escrita em especial, mas certamente que desta vez caí e raspei o joelho na esteira de coco ─ a jogar badminton ─ por esta altura. Na verdade, só agora se curou devidamente."

O ‘quadro’ do Ronald desta data estava atrasado. Ele diz que deve ter ocorrido em Shikathang, no Tibete, de onde partiram em 18 de abril.

Abdul Latif estava a falar comigo (por escrito, claro) na manhã de 16 de maio, quando disse:

"Tenho um pequeno assunto para falar com respeito ao seu rapaz, aquele a quem chama Ronald."

Ele então falou-me de uma lesão que o Ronald tinha feito na mão, e quando o Ronald foi capaz de confirmar isso, ele disse que estava bastante correto, embora fora do tempo. Ele sofreu um corte profundo na mão direita, que teve que trazer amarrada de 31 de março a 10 de abril. Então Abdul Latif descreveu-me um pequeno quadro sobre o Bill. Eram 11h14 quando ele o viu:

"Vejo o rapaz com as suas vestes brancas a preparar-se para sair. Ele está profundamente absorto em pensamento, a interrogar-se se deverá prosseguir com a vestimenta que tem diante dele, ou deixá-la de lado e equipar-se com outras roupagens? Ele decidiu."

Perguntei: "De que maneira, Abdul Latif?"

"Que a primeira coisa que ele pensou vai se enquadra na ocasião, e pegou no casaco ele o vestiu-o."

Billy diz com respeito ao sucedido:

"Sim. Eu tinha a intenção de ir andar com a Sra. . . . que vive no bangalow próximo. Mas começou a chover, e eu estava indeciso se deveria usar a minha capa de chuva ou não, enquanto me dirigia para lá para ver o que ela ia fazer. Afinal, não fomos andar a cavalo."

11h35m 23 de maio de 1933

Abdul Latif: Sobre o Bill.

"Eu vi o segunite: O rapaz sentou-se numa sala comprida. Há apenas homens, e muitos reunidos num saguão em torno de uma mesa, e sobre ela estão iguarias de primeira, que são servidas por homens treinados para esse fim. O rapaz Billy, sentado entre dois jovens animados, ri com frequência, pois são todos jovens, e nenhuma preocupação especial recai sobre eles."

Houve uma pausa e eu perguntei:

"Abdul Latif, haverá um sinal especial a dar, de modo que ele possa fixar o momento?"

"Ah! Isso pude observar mais facilmente. No entanto, permita-me que dê um pequeno pormenor que pode servir. Diga-lhe, que quando se vestiu com as vestes cerimoniais, não encontrou nenhuma camisa limpa, como desejava. Chamou um sujeito que servia, e pediu-lhe imediatamente que encontrasse a roupa, e de alguma forma obscura obteve-a, pelo que o rapaz se regozijou. Eu estava a tomar nota. Isso foi causa de diversão para mim.

O Billy diz:

"Sim. O General levantou-se, olhou para nós, e o seu A.D.C. era um velho amigo de Bombaim. Reinava muita jovialidade. Lembro-me apenas do incidente com a camisa.

O Ronald disse que o 'quadro' dele nessa ocasião era demasiado vago para situar, mas que estava certo em substância.

11h10m 2 de junho de 1933

Uvani: Sobre o Ronald. "Eu posso vero o seu rapaz. Está agora a debruçar-se sobre uma pequena mesa, muito pequena, pois não passa de uma mesa de improviso. Nele estão papéis cobertos com escrita. Ele está a ocupar-se."

"Olhei para ver o que mais haveria. Ele está a trabalhar muito duro em todos os sentidos. Ele não se poupa. Ele está bem."

"Houve alguma coisa de errado com ele?"

"Não que tenha qualquer importância, Madame. Porventura em pequenos aspetos, mas ele recuperou rapidamente e em todos os momentos. Tenha sempre a mente tranquila. O seu filho está em boas condições."

Com relação ao que o Ronald diz:

"Absolutamente correto. Isso foi em Ata. Um dia péssimo, pelo que aproveitei a oportunidade para continuar com o mapa, usando a mesa plana para desenhar, muito de improviso e muito pequena."

No 'quadro' do Bill, o momento estava não batia certo. Pensou que se referia ao 27 de maio.

18h20m 5 de junho de 1933

Harry: Estou aqui... e eu vou falar contigo acerca do Ron. Ele está bem e a dormir profundamente. Ele tem trabalhado nas suas observações; porque o mapa o envolve-o, e ele está a fazer progressos. Em breve ele estará de mudança para outro lugar que fica mais a oeste, e que é bem perto de onde eles se encontram agora. Estou muito feliz com ele, e tu também estás, pois tu és muito calma mentalmente. Vou tentar em breve obter mais 'quadros' reais para te dar."

O Rony diz:

"Bastante correto em todos os sentidos. Nesse dia ainda estávamos em Ata, mas no dia 8 mudamo-nos seis milhas para oeste para um pequeno acampamento."

11h36 6 de junho de 1933

Harry: "Está um dia muito chuvoso, com torrentes de chuva, e é difícil ver com clareza, mas o Rony está bem coberto e está com três nativos. Eles estão a ver o que têm ao seu redor, e estão com várias outras pessoas que eles encontraram nesse lugar.

"Vejo o Rony a falar com um deles, mas ele acha difícil levá-lo a entender. Então um dos homens de Rony fala para ele, e o homem rapidamente compreende o significado. Ele está a mostrar-lhes algo que está escondido por árvores, e todos os quatro estão a olhar com grande interesse. O Rony provavelmente lembrar-se-á disso, um dos homens dele é muito pequeno."

O lápis parou, e perguntei se havia algo mais:

"Vou ver. Sim, há um grande monte onde eles estão de pé, com bandeiras de oração a esvoaçar em serpentinas sobre ele. Mas onde fica o lugar, não sei."

Desse ‘quadro’ o Ronald diz:

"Isso refere-se a 31 de maio, quando fui de Ata até Chutong para procurar um lugar de campismo. Eu tinha apenas dois nativos comigo, Chumbi e o chefe de Ata, mas este último é pequeno. No caminho de volta, paramos num monte coberto de bandeiras de oração, enquanto eu perguntava onde um vale arborizado do outro lado da geleira levava. Um pouco mais tarde, conversamos com algumas pessoas que moravam perto."

Depois veio o ‘quadro’ do Billy:

11h47 da mesma manhã.

“Na verdade, nesta data eu ainda estava no comboio a caminho de Port Sudan, mas a imagem é uma boa da minha sala no refeitório em Khartoum, por isso está alguns dias adiantada.”

11h13 da manhã. 7 de Janeiro de 1934.
Uvani.

“Isso não está a ser inscrito no livro de registos do rapaz?”

“Não, Uvani, está terminado. Haverá um novo amanhã.”

“Está bom. Mas isto também está bom, por isso não importa. O rapaz, Billy, deixou o distrito onde agora está hospedado.”

“Para uma pequena visita, talvez?”

“Ele foi para o motor, que se move rapidamente, nada sendo aparente quanto aos meios; ele tendo, pouco antes de eu escrever, confiado a si próprio, a outros dois e uma vasta variedade de artigos no seu interior. Estes consistiam em vários volumes de grandes

pacotes que continham comida, também o necessário para filmagens de caça. Então, fazendo com que o carro se movesse rapidamente, virou-se alegremente, saudando com chamadas, pois havia muitos de pé nos portais de um grande edifício à medida que passavam. Lá estava Billy, sentado perto, um jovem grande, muito gordo, com o rosto cheio de prazer, o cabelo escuro. Ele irradiava prazer. Depois, sentado, rodeado por muito menos tralha, um homem muito mais magro, também cheio de prazer, a mente, como as dos outros, cheia de antecipação. Agora isto verdadeiramente foi visto! Uma pequena imagem, tão leve quanto uma coisa, ainda assim vista."

Billy, escrevendo de Khartoum, a 22 de Janeiro, envia estes comentários:

"Isto é excelente. O grande edifício seria o hotel onde parámos para mudar do meu carro para aquele que eventualmente se avariou. A única coisa que levávamos era comida."

"O jovem grande seria X. Acho que Ron o conhecia. Ele é gordo, mas é engraçado ouvi-lo a descrever assim."

"O terceiro, sentado atrás, seria Y, muito magro e literalmente sobrecarregado com caixas de armas, caixas de cartuchos e por aí fora. Uma excelente imagem. Vou incluir uma fotografia dos dois homens tirada nesse dia. A nossa pilha de aves, cerca de quarenta, está em frente de Y."

Não houve nada de telepático no incidente seguinte que relato, pois assim que soube que Bill se estava a debruçar sobre alguém que estava ferido, fui tomado pelo medo de que ele pudesse ter atropelado um homem enquanto conduzia, e este medo manteve-se até eu estar seguro de que não era esse o caso.

10h30 da manhã. 19 de Janeiro de 1934.

Frank.

"Vou fazer um retrato, por isso vamos ouvir o livro de Bill. Isto é o que acabei de ver, uma cena algo invulgar. Billy, e à sua volta um número de nativos. Parece estar a acontecer algo:"

"Vejo Bill inclinado sobre um homem que parece ter sido ferido. Ele está muito quieto."

"Agora não te deixes levar por nenhuma ansiedade. Eu sei que o que aconteceu não teve nada a ver com o Billy. Ele deparou-se com isso de repente. Um homem branco estava deitado e claramente ferido. Ele é um homem branco. Vejo o Billy a olhar para o que está a fazer. Chamou dois nativos. Eles correram para lá. Ele tirou o seu casaco e colocou-o debaixo da cabeça do homem. Agora vejo-o a lavar a cabeça do homem. Há sangue sobre ela."

Houve uma longa pausa e perguntei:
"Consegues continuar?"

"Sim. Não vejo qualquer sinal de vida no homem, mas ele não está morto. Deve ter uma concussão. Há vários outros homens brancos. Eles levantaram o homem e já o levaram."

"E agora o Billy está a fazer isto. Limpou as mãos com um lenço húmido. Começou a andar e está a ir o mais depressa que pode para um edifício. Penso que é um hospital. Agora lembra-te: tudo isto nada tem a ver com o Billy. Ele estava a andar sozinho."

Bill escreve o seguinte a partir de Khartoum, no dia 31 de Janeiro, e diz que este evento foi doze dias antes:

"Hoje houve um jogo de râguebi, e eu, por não poder jogar por causa do joelho, fui assistir. Perto do fim do jogo, o defesa da equipa adversária conseguiu escapar, e no momento em que o nosso defesa (Cabo G.) se preparava para o travar, ele saltou para o ar e acertou com os pés no topo da cabeça de G., rasgando-lhe o couro cabeludo. G. ficou inconsciente e a cabeça dele começou a sangrar abundantemente. O jogo foi interrompido. Um dos jogadores foi buscar lenços para fazer um curativo à ferida, e depois vi o próprio

G., que já tinha recuperado, ir até ao meu carro e ir a correr para o hospital para levar pontos."

"O incidente do casaco não é totalmente correto, pois foram dois soldados que chamei pelas coisas, e não coloquei o casaco debaixo da cabeça dele — isso pode ter sido feito por outra pessoa antes de eu chegar. Lavei a cabeça mais tarde antes de seguir para o hospital. Havia um grande número de nativos à volta."

22h19. 12 de Fevereiro de 1934.

Abdul Latif:

"Agora, nesta hora em que o jovem rapaz está deitado, parece adormecido; ainda assim, mesmo adormecido, vejo-o em mim. Durante o dia, a imagem foi observada com clareza."

"Ele estava ocupado com a sala que — sendo dada ao exército — está constantemente cheia com os membros desta companhia de homens. Sentado à mesa estava um. Ele tinha autoridade sobre toda a companhia. Vi-o primeiro; depois, esse homem foi dispensado, e outro ocupou o seu lugar; muitos, por sua vez, todos tendo algo que causava conversa, estavam por se pronunciar. Billy era um dos presentes. Ele tinha homens com quem tinha escrito palavras. Ele leu em voz alta; depois foi dada a consideração devida, após a qual o rapaz, sentando-se, escreveu mais. Tudo isto aconteceu. Está claramente descrito? Conta ao senhor, pedindo a sua interpretação. Para Abdul Latif pareceu ser uma conferência onde assuntos sérios estavam iminentes."

"Depois de isto estar terminado, voltei a ver Billy, a andar por uma passagem, a conversar com um homem alto e magro. Estavam a falar. Billy estava a ir para o carro que ele conduz tantas vezes, mas que desta vez não foi visto por mim."

De Billy:

“Soa muito como o gabinete do comandante de manhã, julgando infratores. Tive um caso nessa manhã que foi parar ao comandante. Um sentinela adormeceu no posto, e tive de dar testemunho de como o encontrei, etc. Isso escrevi.”

“Não me lembro do homem alto. Quase nenhum dos nossos oficiais. Acho que me sentei e escrevi.”

11h da manhã. 28 de Fevereiro de 1934.

Uvani.

“Primeiro, deixa-me dizer-te de forma breve o que o rapaz (que durante alguns dias viajou pelo deserto) fez. Levando consigo um grande grupo de homens, continuavam sempre a marchar, atravessando largas zonas até alcançarem terras férteis onde o solo era húmido, com abundância de água e também sombra. Tinham muitos modos de atravessar, que eram difíceis, pois o terreno era acidentado, com algumas dificuldades para subir; mas a viagem foi realizada com rapidez. O rapaz, sabendo como liderar, cumpriu bem os seus deveres. Agora para uma imagem clara:”

“O rapaz está no seu quarto. Está a escrever, e ao seu lado estão dois rapazes. Eles esperam, mas estão impacientes, dizendo-lhe que, se está tudo bem, devem ir rapidamente, pois o tempo é precioso. Billy, imóvel, continua. Não mostra qualquer perturbação. Com calma, prossegue a sua tarefa. Depois levanta-se, dizendo que vão partir em breve. Por um momento, fica pensativo, depois vai até um grande baú e abre-o. Procura algo lá dentro. Então retira um artigo que é uma peça de roupa. Coloca-o sobre si; depois, olhando-se num espelho, sai apressadamente. Vejo-o em movimento rápido. Ele persegue os dois amigos. Estão novamente juntos e agora a entrar no carro.”

Bill enviou a sua versão deste momento na carta de 13 de Março, de Khartoum. Ele diz:

“Este foi o meu primeiro dia em casa, e lembro-me bem da ocasião — embora tenha ocorrido ao entardecer. Tinha acabado de regressar da viagem ao deserto da garganta de Shabluca.”

Uvani escreveu: “Há um grande interesse neste método: posso comunicar diretamente; o contacto estabelecido é tão completo. Com os outros tenho de ter um intermediário. Contigo como médium, os meus pensamentos chegam rapidamente ao seu destino.”

Respondi: “Mas alguns pensamentos são impossíveis de serem passados para mim.”

“Como explicar? Senhora, tal como é no teu mundo, assim é aqui. Existem barreiras, pois não? Muitas coisas permanecem por dizer — naquilo que as barreiras não podem ultrapassar. São poucos os que conseguem trazer pensamentos até ti; e mesmo assim, muito do que vem deste plano não pode ser transcrito em termos terrenos.”

“Quero dizer, Uvani, que às vezes, quando gostarias de me dar notícias de outras pessoas no teu plano que pertencem a eles, é difícil, não é?”

“Sim. Pois no mundo há instrumentos mais adequados para isso do que tu. Tu própria foste dotada de um presente especial. Com um instrumento vibrante como tu, totalmente consciente quando em contacto com este plano, as emoções daqueles que vêm podem subir até ti — assim ouves muito do que está na alma de quem fala; mas, no teu caso, os teus rapazes, o mesmo tipo de prova não é dado. Se pudéssemos combinar tudo num só, seria perfeito, mas não é possível.”

XII

O momento chegou em que o Bill ia entrar no Deserto da Líbia, e eu sabia que, depois de deixar Cartum, seria muito improvável que ele conseguisse enviar-me mais do que as notícias mais escassas. Durante os meses de inverno, soubera, através de um velho amigo de Cambridge, que estava na região dos Camarões, que um francês,

recentemente regressado de uma expedição através do deserto central do Saara, ouvira rumores de uma tribo de tuaregues sobre uma cidade arruinada situada em algum lugar a leste das Montanhas Tibesti. Dizia-se que tinha sido o centro de um império, mas que agora estava engolida pelas areias do deserto. Esse viajante, ao que parecia, não conseguira procurar a cidade devido à falta de água, mas passara a informação na esperança de que alguém mais afortunado conseguisse lá chegar.

Quando o Bill soube disso, foi imediatamente atraído pela semelhança com as histórias que, desde as primeiras dinastias no Egito, falavam de uma grande capital chamada Zerzura, situada muito a oeste do Nilo, mas em ruínas e submersa pelas areias em avanço, séculos antes de alguém ouvir falar da civilização da Grécia e de Roma. Dizia-se que essa cidade estava cheia de tesouros, enquanto no Palácio o Rei e a Rainha dormiam o sono dos encantados. Bill aproveitou essa oportunidade, que lhe parecia boa demais para ser ignorada. Decidiu que, se fosse possível, atravessaria o deserto e procuraria essa "Cidade Branca", que era o objetivo dos exploradores há cem anos.

Os seus planos amadureceram, e, com a sorte a seu favor, decidiu partir no início de abril de 1934.

Aconteceu que ele também não conseguiu concluir a sua viagem, devido, em parte, às dificuldades com a água, quando se aproximava da região de Tibesti, e, em parte, ao receio de ultrapassar o tempo de licença. Estas duas razões impediram-no de seguir a etapa final da viagem pelo deserto, a partir da última oásis perto das Montanhas Ennedi. Ao todo, durante as nove semanas da sua jornada, percorreu mil e cento e cinquenta milhas de automóvel e cerca de mil ou mais de camelo, num percurso que ia de Cartum a El Obeid, em Darfur, e daí para o noroeste, de camelo, até à Oásis de Fada, onde deu meia-volta para Abesher e o sul. Durante as suas andanças (que coincidiam em parte com as rotas do conhecido explorador Hassenein Bey), encontrou uma vasta área de cultura

paleolítica, com fragmentos de cerâmica e pinturas rupestres em ocre vermelho e branco, datando de 5000 a.C., até então desconhecida e previamente insuspeitada tão a sudoeste no Deserto da Líbia.

Eu teria estado numa constante ansiedade em relação ao Bill, não fosse o facto de sempre saber notícias dele. De forma constante e fiel, recebi notícias dele, além das pequenas imagens dos seus feitos, e, embora às vezes tivesse um terrível receio de que ele pudesse ter-se perdido no deserto ou não conseguisse encontrar água, sempre o medo era afastado, não tanto pelas imagens descritas, mas porque sempre me diziam que não lhe aconteceria mal nenhum e que estaria seguro.

14h47, 3 de abril de 1934.

Uvani: "Estou a tentar captar a visão do jovem rapaz enquanto escreves. A imagem surge assim:

"O rapaz está sentado numa sala com três homens. É muito espaçosa, mas com poucos móveis. Não há muito que contribua para o conforto ocidental. Julgo, Madame, que é uma sala mais usada para a condução de negócios. Com o rapaz estão três homens, todos ocupados a conversar - não sobre um só assunto: vejo que todo o tipo de ideias vêm prontamente às suas mentes e, enquanto a conversa prossegue, tomam refrescos. Também fumam.

"O rapaz, Billy, tem a intenção de fazer esta viagem, e esses homens de várias formas estão a prestar-lhe ajuda. Ele está bem equipado. Tal como o seu irmão, estas viagens dão-lhe satisfação. Nenhum filho de vosso senhor, o pai deles, poderia viver uma vida de repouso monótono. Como mulher nascida para ser mãe de homens verdadeiros, compreenderás isto, e a tua recompensa, Madame, é grande, pois eles têm muito amor por ti, e por isso estão de facto unidos.

"Billy está totalmente seguro da sua ida, calmo, resoluto. Vai correr bem, e na sua ida estará protegido. Disse eu."

Bill diz o seguinte:

"Esta é uma imagem correta. Estamos a discutir questões com os Oficiais do Corpo de Camelos em El Obeid sobre ir até El Fasher em camiões."

16h20, 8 de abril de 1934.

Uvani: "Eis que agora vos dou o que vejo sobre o jovem rapaz. Verdadeiramente, as suas andanças actuais transportam-me para a minha vida na terra, os ventos do deserto, as areias do deserto, as longas viagens. Vejo-me diante de uma cena. Aparece-me com clareza.

"Billy sentado sobre um camelo, como alguém que está bem habituado a andar dessa forma, tão seguro que está. Em outro camelo está um homem que é o guia. Ele também cavalga. E ainda sobre outro camelo está um homem que é responsável pela alimentação do rapaz, e que é o servo. Vejo outros vários; há vários animais, uma comitiva.

"O rapaz está bem, muito feliz. Tudo o que faz traz-lhe grande satisfação. Ele também encontra a sua felicidade ao viajar pelo caminho inexplorado.

"Vou dar-vos palavras constantemente. Frank disse que traz uma imagem amanhã; Abdul Latif e vosso senhor nos dias seguintes."

Billy diz:

"Segunda-feira, 9 de abril, o primeiro dia com os camelos. Uma marcha nocturna das 4h às 7h. Imagem correta, comitiva como descrita."

17h36, 15 de abril de 1934.

Uvani: "O jovem rapaz. Vejo-o e começo por dizer: fica em paz. Ele vai bem. Nada afecta a sua saúde.

"Ele está agora, mais uma vez, no deserto. Familiar é para Uvani a sua noite escura e aveludada. Quase posso sentir que os muitos anos que passaram desde o fim da minha vida terrena nunca existiram, pois vejo-o a fazer o que tantas vezes fiz.

"Ele ainda está sobre a sua besta. A pequena comitiva, vejo-os a viajar lentamente, e o ar parece doce. A noite acaba de cair - o sol tinha pouco tempo estava alto nos céus - e o abençoado frescor já os toca com gratidão. Vão viajar mais uma distância, pois têm um objetivo."

Houve uma pausa, e perguntei a Uvani se ele tinha terminado.

"Tenho dois pequenos detalhes. Um, houve um pequeno problema, um camelo teve um acidente. Foi rapidamente resolvido, mas causou um atraso. Dois, o homem que actua como guia é digno. Ele tenta proteger o rapaz de inconvenientes. Percebi isso, por isso não há motivo para alarme."

Billy diz:

"Esta imagem está correta. Obtive um novo guia nas Fontes de Furawia, Sinnein Hassein, um bom companheiro. Fomos atrasados das 14h30 às 16h30 devido à necessidade de dar água ao camelo do guia. Não estava pronto para a estrada à hora que eu tinha ordenado, e fiquei muito irritado por me manterem à espera."

18h25, 27 de abril de 1934.

Uvani:

"Devo agora dar-te uma visão sobre o Billy? Tenho estado a tomar notas. Acho que a hora é tua.

"Há um grande fogo, a escuridão a cair, vastas extensões de areia, sem verde à vista. Eles estão acampados e a cena é pacífica. Uma linha de camelos deitados. Há, ao redor de outro fogo, homens empenhados em preparar aquilo que saciará a fome. Junto ao outro

fogo, reclina-se Billy, satisfeito, pois já foi alimentado. Está contente, o trabalho do dia deu-lhe satisfação, muito exercício, a sensação de que a conquista é sua e que, ao fim do dia, ele tem a doçura do descanso que os seus esforços conquistaram. Ao seu lado está a sua espingarda. Ele mantém-na sempre perto de si.

"Não tenhas receios, nem dúvidas, pois tudo segue serenamente. O teu rapaz está seguro."

Depois, ao escrever para mim à parte do livro, Uvani acrescentou:

"Faz a nota de que é, com certeza, uma imagem que será confirmada corretamente, pois senti que a visão estava extraordinariamente clara. Agora, tendo dado, deixo-te." Comentários de Billy sobre isto:

"Na Fonte Sorto. Acampado nas colinas, rodeado por altos penedos de arenito. Areia por todo o lado, e uma fonte natural não muito distante, sob uma das paredes. Algum verde, senão, os detalhes estão corretos. Eu sempre mantinha a minha espingarda perto de mim quando ia dormir, em parte porque a limpava todas as noites após a marcha do dia, em parte para garantir a sua segurança, e em parte porque, os tuaregues e os invasores Goran sendo nativos da região, eu me assegurava de ter armas à mão."

12h51, 5 de maio de 1934.

Uvani:

"Na altura em que o vejo, Billy está sentado, e, com a ajuda do seu servo, está a fazer novamente a sua higiene. Muito quente, muito fatigado está o rapaz. Ele retirou as suas roupas sujas, e, agradecido, refrescou os seus membros com jatos de água que foram derramados sobre ele, e agora está a vestir roupas frescas. Quando terminar de se vestir, pretende dormir (o sol do meio-dia ainda está no seu ponto mais alto), e não irá continuar. Ele está agora num local verde e muito bonito, onde permanecerá por algum tempo. O seu servo está

a preparar comida, uma refeição ligeira, e traz-lhe até o rapaz." Uvani parou e perguntei-lhe se isso era tudo.

"Estou a tentar ver o resto da sua pequena companhia. Eles estão lá, não muito longe, sentados com os seus camelos, que estão atados nas proximidades. Tudo está em paz. Peço-te que estejas feliz."

Billy diz:

"Imagem correta. Uma boa imagem. Paragem ao meio-dia, e partida às 14h." Mais tarde, Billy ampliou esta imagem dizendo-me que este foi o dia em que perdeu de vista o resto do seu grupo por algum tempo. De acordo com o seu costume, deixou-os seguir à frente, pois, tendo ele próprio um camelo troteiro, gostava de seguir mais tarde, para assim fazer exercício e variar mais. A caravana chegou a uma fonte, no entanto, e não esperou por Billy, pelo que teve grande dificuldade em encontrar as pegadas dos seus camelos entre as muitas que já haviam sido feitas lá em diferentes momentos. Ele acabou por os alcançar, muito quente e cansado, e a imagem acima foi o que aconteceu quando se reuniu com o seu grupo.

17h47, 9 de maio de 1934.

Uvani:

"O jovem rapaz ainda está a caminho. Ele tem feito esta jornada através do vasto deserto com interesse inalterado, nunca desanimado."

Uvani parou de escrever e perguntei-lhe se estava a ver o que Billy estava a fazer.
"Enquanto falava, só consegui ter uma noção geral do seu bem-estar, sabendo que ele ainda avançava. Agora, no entanto, vejo com os meus olhos.

"O rapaz está na sua tenda. Ele está reclinado. Há pouco tempo ele dormiu. Agora acordou, e há preparativos, pois em breve ele recomeçará as suas andanças.

"À sua volta, estende-se a vasta e ampla extensão do deserto. Quando o vejo, consigo sentir o doce ar do deserto, tão vívido que me recorda a minha vida. Quantas vezes também eu atravessei essas grandes trilhas. E agora consigo ver o que está ao lado do rapaz. Um troféu que parece ser um animal selvagem que foi abatido."

"Onde, Uvani? Não está mesmo ao lado dele?"

"Não está muito longe. Vejo que ele tem orgulho, pois foi ele com as suas próprias mãos quem o abateu. Sinto tudo isto. O rapaz está muito contente."
Billy diz:

"Provavelmente foi na quinta-feira, 3 de maio. Acampado debaixo de um arbusto espinhoso. Matei um Addra nesse dia. Fiquei muito satisfeito com os resultados da caçada."

11h30, 12 de maio de 1934.

H.A. K.:

"Billy está numa vasta extensão de deserto, movendo-se lentamente, com os seus homens ao lado. Billy, montado num camelo, parece estar a pensar que chegou a hora de descansar. Vejo-o dizer: 'Vou ficar aqui', e, depois de o dizer, descer. Em seguida, deita-se e estica os seus membros. Ele parece estar muito rígido, mas está bem. Disse a um dos seus homens para lhe trazer comida, e coloca-a ao seu lado, pensando comer mais tarde."

(Nota: No meio da última frase houve uma interrupção, causada por uma grande gazela, encontrada em algumas partes do Sudão, provocada por alguém que entrou e falou comigo. Parei e a escrita continuou assim que fiquei sozinho novamente.)

"Ele parece totalmente feliz, completamente sereno, e tudo parece correr bem."

(Houve uma pausa, e eu disse: "Fomos interrompidos. Peço desculpa.")

"Não faz mal. Acho que consegui, e podes fazer a nota sobre a interrupção."

Billy diz:

"A hora é tardia, pois já tinha chegado a Abesher e despedi os meus camelos até esta data. De resto, a imagem está totalmente correta, incluindo os comentários. Assim seria."

21h23, 15 de maio de 1934.

Abdul Latif:

"O seu jovem rapaz, Billy, está agora sentado. Há outros além dos homens que ele emprega, e parece que são homens que ele encontrou, a quem oferece comida. Vejo quatro ao lado do rapaz. Não são de origem nativa, mas são como ele. Vejo que um é mais velho em comparação com Billy, com muita experiência. Os outros variam. Todos parecem ser muito alegres, amigáveis e simpáticos."

O seu rapaz está a falar. Pelo que percebo, ele já contou a história das suas andanças e agora está a ser ouvido com interesse. Eles estão, apresso-me a informar-te, numa sala grande. É muito confortável, bem equipada, e o rapaz será alojado lá, tendo um quarto onde terá uma cama para dormir. Isto será um luxo.

"Abdul Latif, ele parece ter acabado de chegar lá?"

"A mim parece-me que ele chegou recentemente, pois há no ar uma sensação de interesse, como se estivessem a ser apresentados de novo." Bill diz: "Abesher, onde o Governador convidou dois oficiais franceses (de quem recebi hospitalidade em Furawai) e a mim para jantar com ele. Estávamos ao todo cinco, além de mim."

10h35, 20 de maio de 1934.

Uvani.

"Como é que o nosso jovem rapaz se comporta? Assim! Ele agora está a viajar."

"De que forma, Uvani?"

"Neste momento ele não está sentado, como costuma, sobre um camelo. Esta é a cena:

"Um sol quente, muito pó. Tudo isto é muito cansativo, pois o rapaz está numa estrutura rudimentar que está a ser empurrada pelo mesmo método que os veículos motorizados que ele usa frequentemente. A estrutura não tem o mesmo design luxuoso. É feita de forma grosseira, é grande, e contém muita coisa. Há pessoas dentro dela, também bagagem, e não há sombra. É do tipo de carros, mas útil porque poupa muitas milhas de trabalho.

"O rapaz está agora a tirar de uma caixa alguma roupa. Ele usa isto como proteção adicional, colocando-a no banco onde está sentado. Virou-se e falou com o criado. Eu vejo-o também. Há cerca de cinco homens." Uvani parou, e eu perguntei: "Consegues ver mais alguma coisa?"

"Ele está bem e feliz com o feito. Agora ele vem até ti. Os pensamentos do rapaz estão com a viagem de regresso a casa. Madame, não tenho mais."

Os comentários de Bill são: "Viajei num camião aberto entre Abesher e El Obeid com homens e bagagem de 11 a 16 de maio. A imagem deverá estar, portanto, pelo menos quatro dias atrasada, mas é de resto correta. Despedi os meus camelos e os cameleiros em Abesher, mas o meu criado Tom ainda estava comigo."

14h, 22 de maio de 1934.

Uvani.

"Toma rapidamente a pequena visão. O teu jovem rapaz está seguro, ele está bem, ele está feliz. Mais uma vez dentro da morada de onde fez os seus preparativos. Ele está de volta." Bill diz o seguinte:

"Saí de Cartum nesse dia para Inglaterra, tendo chegado lá no dia 16."

Bill escreveu de El Fasher, o seu ponto de partida, no dia 8 de abril. Depois, não recebi notícias dele até que me enviou um telegrama no dia 11 de maio de Abesher, no qual dizia que esperava estar connosco no dia 30 de maio. Não houve mais notícias, e quando chegou o dia marcado, eu esperava confiante por Bill, ou, pelo menos, um telegrama; mas a tarde passou e não recebi nada dele. Uma sensação de ansiedade apoderou-se de mim, e fiquei atormentada com o receio de que ele ainda estivesse em algum lugar no deserto, e que talvez o que eu tinha ouvido sobre ele fosse errado. Então, quase imediatamente, voltei a acalmar-me, pois de forma clara e decisiva, a minha mão mexeu-se; era o meu marido, a dizer-me para não ter medo, que tudo estava bem, e que muito em breve teria o Bill comigo. Imediatamente a seguir, veio uma imagem de Uvani. 14h10, 30 de maio de 1934.

"Madame, dado que tem sentimentos de ansiedade quanto à não chegada do seu rapaz, gostaria de lhe dar toda a tranquilidade. Vou pintar de novo. Não se turbe. Posso dizer-lhe algo acerca do jovem rapaz. O que lhe foi dado consistentemente está correto. Ele está realmente a chegar a si rapidamente. Em breve estarão todos reunidos. Que ele não tenha enviado mais palavras é explicado desta forma: ele já não lhe anunciou a sua chegada?" Eu disse: "Sim, Uvani, e agora penso que a ideia dele deve ser enviar-me palavras quando souber a hora exata da sua chegada." (1)

"É isso. Ele também diz: 'Eu sei que a minha mãe será mantida informada.' Ele diz ainda isto: 'Eu sei que a minha mãe tem a fé suprema.'" (2)

Uvani parou, e eu perguntei: "Agora parece-te que eu não tenho?" "Não compreendo bem? Grande é a tua fé, grande o teu conhecimento, grande a tua compreensão"-Uvani parou de novo, como se estivesse a pensar-"mas, quando estamos à espera da confirmação do que nos foi dado, surgem estes pensamentos: 'Pode ser que as palavras com as quais me foram contadas as ações do meu querido rapaz, talvez tenham ido erradas.'"

"Foi isso que eu estive a perguntar-me; se por acaso podem estar erradas." "Mas vais continuar, por favor, Madame, forte. Juro-te—eu, Uvani, que por tanto tempo te tenho dado todos os conselhos—que a verdade foi observada. O teu senhor (aquele cujo amor tem, desde que te deixou, superado todos os obstáculos) também falou com verdade; Abdul Latif também; e também Frank. Agora o rapaz ainda viaja. Isto vejo claramente. "Ele está dentro do comboio. Ele esteve muitas horas dentro destes meios de transporte que o estão a levar, e penso que o momento se aproxima rapidamente em que ele chegará às tuas margens." (3)

"Pode ser que ele ainda continue durante algumas horas. Não consigo saber claramente." (4)

"Uvani, o mais importante é saber que ele está a vir e que está bem." "Ele está bem, garanto-te; robusto, cheio de vigor. Ele está contente e feliz. Ele está a ser rapidamente transportado e os seus pensamentos estão contigo. Estou a tomar nota do que está à sua volta." Nada aconteceu durante uns minutos e eu perguntei:

"Está difícil de ver?"

"Porque é que por vezes pode ser mais difícil, Madame? Isto é o que acontece. Eu olho, e como uma imagem espelhada em cristal claro mostram-se todos os detalhes. Depois, em outra ocasião, tento ver, e a minha visão torna-se, por assim dizer, turva. Então dou o que é difícil de esclarecer ao rapaz, tal a diferença na minha representação."

"Está turvo agora?"

Não está claro. Contudo, visualizo o seguinte: um interior sobrecarregado, muitas pessoas sentadas lado a lado. O rapaz está deitado de forma preguiçosa, não numa postura deitado, mas encostado aos almofadões, com as pernas esticadas, e muitos estão com ele. (5)

Há também um movimento perpétuo à medida que as pessoas caminham junto ao compartimento, procurando primeiro uma coisa, depois outra. O próprio rapaz levantou-se e saiu, caminhando ao longo de um corredor estreito, oferecendo assim uma quantidade limitada de liberdade. A viagem é algo cansativa. Fico contente que ele em breve seja restituído a vós.

Bill numerou estes pontos, e os seus comentários são:

"(1) Sim. (2) Sim. (3) Sim. (4) Aterraram em Génova na manhã do dia 30. (5)

Sim, exceto pelo facto de não haver mais ninguém no meu apartamento." No final da imagem inteira, ele colocou "Correto". Assim, os meus receios foram dissipados.

Na mesma noite, o meu marido, ao escrever, disse: "Receberás notícias de Bill logo pela manhã." Muito cedo, enquanto ainda estava na cama, chegou um telegrama de Paris a dizer que ele estaria connosco nessa mesma tarde. Ronald e eu encontramos Bill na estação de Victoria, são e salvo, sem estar em pior estado pelas suas aventuras.

Durante cinco semanas, tive os meus dois filhos comigo novamente, e as imagens não recomeçaram até à partida de Bill para Chipre, onde seria posteriormente colocado. Quando Uvani, mais de dois anos depois, me falava através da senhora Garrett, mencionou que a caravana de Bill tinha viajado durante muitas horas no deserto sem água, e o sofrimento que teria experienciado se soubesse disso na altura. Não há nada nas imagens que mostre o que aconteceu, mas

o medo desse mesmo acontecimento esteve constantemente na minha mente. Pedi a Bill que contasse a história com as suas próprias palavras. Eis o que ele diz:

"As fontes em Toukou estavam agora desertas, excepto pelos escorpiões e enormes aranhas. A próxima fonte ficava a cinco longas marchas a sul, o máximo que os camelos podiam suportar na sua condição atual. No entanto, eu tinha decidido seguir diretamente pelo deserto até Abesher e determinei que iríamos tentar, mesmo assim. Enchemos todos os depósitos de água até ao limite e, na manhã seguinte, já estávamos bem avançados, com o Ennodi a desaparecer rapidamente atrás de nós.

"Não havia nada para ver à frente, a não ser areia e uma névoa quente e a brilhar — nem sequer o horizonte, pois o céu e a terra fundiam-se imperceptivelmente um no outro. Não havia outro som senão o suave caminhar dos camelos e o som metálico dos depósitos a bater nas suas laterais. Durante o dia, o calor era abrasador. As miragens eram abundantes e o vento, soprando constantemente de frente, levava as finas partículas de areia para os nossos rostos de uma maneira muito irritante. Felizmente, à noite, quando percorremos as maiores distâncias, estava refrescantemente frio, e eu caminhava à frente dos camelos, seguindo a lanterna do guia enquanto ela cintilava à frente. Apanhei este homem em Fada, e ele marchava sempre sozinho. Todas as suas faculdades eram necessárias para manter a direção e qualquer distração poderia levar a consequências infelizes. Durante o primeiro dia e meio tivemos que amarrar os camelos ao acampar, para evitar que regressassem a Toukou.

Parecia que eles sabiam o que os aguardava; mas, uma vez suficientemente afastados da água, resignaram-se ao futuro de forma barulhenta mas fatalista, como é típico da sua espécie. "No terceiro dia começaram a aparecer pedras na areia, e as almofadas dos camelos ficaram seriamente rasgadas. Um dos homens costurou pedaços de uma pele de água vazia nos pés dos camelos, e

conseguimos continuar, mas parecia-me que o ritmo estava a diminuir. Naquela noite vimos uma gazela solitária, e pela manhã apareceu uma linha de colinas baixas com um único pico cónico ao sul, escondendo as fontes que procurávamos. A visão das colinas deu nova vida aos camelos, e começamos a mover-nos mais rapidamente. Surgiram algumas árvores espinhosas e acácias. O calor era tremendo e as nossas mentes estavam preenchidas apenas com o pensamento da água. Chegámos ao poço à tarde. Estava completamente seco.

"Durante alguns momentos ninguém disse uma palavra; mas, por fim, os homens voltaram-se para mim e disseram calmamente: 'Está a 40 milhas do próximo poço, e os camelos estão fracos. Quem sabe se há água, mesmo lá? É a vontade de Allah que morramos aqui.'"

"Só depois de uma longa discussão consegui persuadi-los a avançar, pois estavam todos completamente preparados para sentar e esperar pela morte. Restava apenas um pequeno depósito de água, e mandei dois dos homens dar-lhe água aos camelos. Fizeram-no soprando-a nas narinas dos animais, o que os reanimou de tal forma que começaram a pastar nas árvores espinhosas. Descansámos o resto do dia e desmontámos o acampamento quando o sol se punha. Desde que saímos de Toukou, tínhamos andado para o bem dos camelos, mas, nesse momento, eles já tinham muito pouca força, e embora tivéssemos feito bom progresso nos primeiros quilómetros, estavam quase exaustos. Durante a noite, um deles colapsou. O pobre animal afundou-se impotente no chão, e apesar de tentarmos reanimá-lo, estava demasiado debilitado. Dividimos a sua carga entre os outros e deixámo-lo seguir, se conseguisse. Foram os camelos os principais a sofrer. Tínhamos marchado intensamente desde que saímos de Fada, e eles não tiveram oportunidade de recuperar forças; mas mesmo os homens e eu estávamos muito cansados, e acho que devemos ter dormido algumas vezes enquanto caminhávamos, pois todas as minhas memórias sobre o que aconteceu nessa marcha são vagas.

"A alvorada encontrou-nos ainda a mover-nos, os camelos a cambalear como se estivessem bêbados; mas o guia garantiu-nos que, se conseguíssemos chegar até lá, os poços estavam a apenas três horas de distância. Continuámos a tropeçar; depois, quando o sol nasceu, paramos, e os homens exaustos viraram-se para Meca e fizeram as suas orações. A última parte da marcha foi a pior, pois o sol feriu os nossos olhos doloridos, e o calor crescente enfraqueceu-nos ainda mais, além de intensificar o tormento da sede; mas, às nove horas, chegámos ao poço, dois buracos cheios de um líquido verde e fedorento, com cheiro a esterco de camelo. Raras vezes os homens foram mais felizes por uma bebida! "Depois de dar água aos camelos e deixá-los pastar à vontade, atiramo-nos ao chão e dormimos até o anoitecer. Tínhamos marchado quinze horas sem água."

XIII

Quase assim que voltou a Inglaterra, Ronald começou a fazer planos para outra viagem ao Tibete. Desta vez, o seu principal objetivo era a fonte do rio Salween, que nasce algures a norte de Lhasa. Deixou a Inglaterra no dia 27 de fevereiro de 1935 e, com John Hanbury-Tracy e três servos nativos, entrou no Tibete através da Birmânia superior, pelo mesmo percurso que tinha utilizado na sua viagem de regresso em 1933. No início de janeiro de 1936, quando estavam a cerca de um mês da fonte, ficou impossível continuar, e foram forçados a virar-se para o sul, em direção à Índia novamente. Chegaram a Assam em dezembro de 1936 e chegaram à Inglaterra no final de janeiro do ano seguinte.

Estiveram ausentes durante vinte e três meses no total, dos quais dezoito passaram no Tibete; percorreram entre duas a três mil milhas de território até então inexplorado. A primeira carta de Ronald do Tibete, escrita no dia 31 de maio de 1936, chegou até mim no dia 22 de julho, mas foi um tempo recorde devido à grande bondade do Governador tibetano de Shikathang. Ele enviou um mensageiro especial com as cartas de Ronald e John para as fazer

chegar à Índia antes das chuvas tornarem isso impossível. Ronald escreveu novamente deste mesmo local apenas cinco dias depois, e esta carta demorou mais de seis meses a chegar até mim.

Um mês depois, chegou um lote de três cartas juntas, sendo a mais recente de quatro meses e meio atrás. No início da viagem, contudo, e antes de desaparecerem nas selvas da Birmânia, Ronald conseguiu enviar-me confirmação de catorze dos relatos detalhados que recebi sobre ele. Estes estavam notavelmente corretos. Vários dos relatos que tratavam da viagem até lá estavam cheios de pormenores minuciosos que ele conseguiu verificar, nomeadamente descrições de alguns dos outros passageiros. Enquanto Ronald esteve ausente desta vez, houve cerca de duzentas e cinquenta imagens sobre ele, e assim posso necessariamente dar apenas uma pequena parte delas aqui. A título de curiosidade, omiti algumas, simplesmente porque as várias pessoas envolvidas foram descritas de forma demasiado clara e nada lisonjeira.

11:00 a.m., 20 de março de 1935.

Uvani.

"Poderíamos inscrever uma imagem, se estiveres calma, tranquila, pronta." Respondi, e Uvani respondeu: "Então, traga-me o livro do rapaz."

"Eu estava concentrando o meu olhar, tal como te pedi para trazer o livro do rapaz Ronald. De repente, vi uma cidade banhada pelo sol, o céu azul sem nuvens, a luz do sol sobre tudo, o calor que parecia brilhar; e sobre tudo isso, uma quietude, pois, embora muito trabalho estivesse sendo realizado, reinava a calma, pois o calor torna sonolentos aqueles que estão no seu meio.

"Num grande bungalow, com escadas que levavam a portas amplas, vi Ronald. Ele estava sentado diante de dois homens brancos, aparentemente de alta posição; a sala estava luxuosamente decorada. Vi móveis macios, tapetes caros, tudo era rico."

A escrita parou, e, pouco depois, eu disse: "Sim, Uvani?"

"Isso foi visto rapidamente, e, como uma fotografia tirada apressadamente numa caixa, se dissolveu. Quero dizer, o tempo necessário para a captura de tal imagem foi tão breve. Não consigo captar todos os detalhes, mas agora estou tentando, mais uma vez, reter a mesma cena.

"Tenho novamente o rapaz à minha frente. Ele está totalmente à vontade, feliz, sem perturbação, conversando livremente, ambos os homens respondendo e aparentemente satisfeitos com ele. Vi claramente que um é alto, com cabelo fino e de tonalidade escura. Ele é também um pouco moreno, com um bigode, e é, sem dúvida, alguém que exerce autoridade sobre muitos homens. O outro não é tão alto (ao lado de Ronald parece baixo), é mais claro e mais jovem do que o outro homem. O rapaz está confiante, calmo, com uma postura que não será abalada. Ele fará progressos."

De Ronald:

"Uma boa imagem do dia 21, o dia em que cheguei a Rawalpindi. Era um dia claro, quente, sem nuvens, e tudo estava muito calmo. Tomei chá com o General X e o General Y (que acabara de chegar). A sala estava cheia dos mais deslumbrantes tapetes do Turquestão, que o General X havia colecionado por anos, e estava muito confortável de fato. O General Y é o mais alto (bem descrito), e o General X é muito mais baixo, mas deve ser realmente mais velho que o General Y, embora pareça bem jovem. O seu cabelo é branco, mas eu diria que ele costumava ser loiro, sem dúvida."

Ronald enviou-me a imagem acima antes de deixar Fort Hertz. Ele chegou lá no dia 30 de abril de 1935, depois do que não recebeu mais cartas minhas até retornar à civilização em dezembro de 1936.

11:02 a.m., 3 de abril de 1935.

Uvani.

"Esta é a cena. Uma longa linha, estendendo-se bem ao longe no espaço, de homens carregados, levando caixas sobre as costas, e enquanto marcham, falam rapidamente e com alegria. O rapaz Ronald e o seu companheiro estão entre a multidão, e há nativos superiores em todos os sentidos aos que estão carregados, que estão orientando o que deve ser feito. Ronald anda com firmeza e propósito, e enquanto caminha, conversa com o seu companheiro.

"A cena agora mudou. Vejo-os chegando a uma pequena cabana, colocando todos os seus bens no chão; e, enquanto isso acontece, os servos assumem o controle, organizando o que será usado imediatamente. O rapaz e o seu amigo estão estendidos deitados e descansando. Vejo que um dos servos está ocupado erguendo um abrigo onde vão comer, enquanto outro começa a preparação para uma refeição. Eles estão bem equipados. Tudo parece bem, ao olhar, tudo feliz."

"Uvani, achas que isso está a ser visto antes de acontecer? Acho que Ronald deve estar num trem hoje."

"Vi isso claramente, embora, sabendo que as dificuldades são causadas pelo tempo, pode ser que isso ainda vá acontecer. Estou vendo outro detalhe. Dentro da cabana (que foi onde o rapaz uma vez ficou) há um homem idoso, o cuidador, que vem oferecer seu serviço. Ele reconheceu o rapaz, e há aclamações, pois ele se mostra bem satisfeito. Ele parece bastante velho. Pergunte para ver se consegue mais esclarecimentos de Ronald."
Uvani parou de escrever no livro de Ronald; mas, ao falar comigo depois (quando comentei novamente que sentia que o tempo devia estar muito avançado, pois não achava que Ronald pudesse ter viajado tão longe), ele disse:

"Bem, caso o tempo esteja errado, espero que, ainda assim, te sintas feliz, pois posso garantir que o teu rapaz está bem; tão forte, sem nada que o afete. Portanto, pede detalhes, vê se coincidem, mas sente, por agora, certa de que o teu rapaz está bem, protegido,

guardado. Sente comigo que vislumbraste o que ele faz e fica feliz." A partir de agora, Ronald teria que comentar todas as imagens após o seu retorno, de modo que mais de dois anos se passaram até que ele fosse capaz de fazê-lo, com a ajuda de um diário muito detalhado. Ele diz sobre o acima:

"Isso é vinte e dois dias antes, e refere-se ao dia 25 de abril, quando chegamos a Masumzup, onde passei dez dias em 1933. Há um ou dois erros na imagem, embora esta seja, no geral, boa. Nesta época, nossa bagagem estava sendo transportada por mulas, e não por coolies — embora os muleiros estivessem certamente falando bastante — e comemos na cabana e não num 'abrigo'. Uvani deve ter visto rapidamente redes de mosquitos a serem montadas e interpretado isso de forma errada. A propósito, lembro-me de que, quando Bill foi para o Tibete, várias imagens mostraram as suas mulas como sendo coolies!"

"Na chegada, as caixas foram retiradas das mulas e colocadas em filas fora da cabana para a noite, exceto aquelas de que realmente precisávamos no momento, que foram organizadas pelos servos."

"Em Masumzup, fui calorosamente recebido por um velho Gurkha (o pai do cuidador) que me ofereceu uma refeição quando cheguei a Fort Hertz em 1933. Tivemos uma longa conversa, pois ele estava muito ambicioso para vir conosco, e insistia em me implorar por algum trabalho, mesmo sem pagamento."

10:20 a.m., 13 de abril de 1935.

H.A. K. "Lá está Ron com John, seu amigo, ajoelhados ao lado de uma grande montanha, parecendo uma pilha de terra, como se algo estivesse oculto dentro. Ele está chamando alguém para trazer uma cesta. Acho que é uma cesta, enfim, algum tipo de receptáculo. Os nativos não estão muito perto; estão olhando com interesse, mas a uma distância respeitosa. Os servos também estão um pouco afastados, conversando seriamente."
"O que te parece?"

"Sem dúvida ele está capturando algo, aparentemente algum animal. Ele quer apanhá-lo vivo. Ele tem luvas, então não te preocupes. Elas estão visíveis."

"Algo nas suas mãos?"

"Ele tem um bastão. Vejo isso. Provavelmente está a pegar numa cobra. Vou observar."

Aqui houve uma pausa entre as 10h30 e as 10h32, e depois a escrita prosseguiu: "Eu vi. É uma pequena serpente, que estava enrolada debaixo de uma grande pedra. Vi esta ser levantada, e logo ao fundo percebi que algo estava a mover-se. Ron apanhou-a. Está a ser colocada no cesto, e ele está bastante seguro. Tomou todas as precauções."

De Ronald:

"Esta é uma boa imagem de mim a apanhar uma certa serpente, mas, estranhamente, está quase dezasseis meses adiantada. No dia 9 de agosto de 1936, no Vale Ling Chu, no sudeste do Tibete, apanhei um espécime de Agkistrodon exatamente como descrito aqui, exceto que o 'montículo de terra' era um grande pedregulho e a serpente estava debaixo dele. John estava perto de mim enquanto eu me ajoelhava e, embora não tivesse luvas, uma mão estava coberta com um grande pano dobrado várias vezes, enquanto eu segurava um bastão com a outra. O recipiente era uma espécie de grande caneca que Lewa me trouxe e que cobri com o pano quando a serpente estava dentro."

"Agora vejo que ele corrigiu 'montículo de terra' para 'grande pedra' no último parágrafo. Isto está correto."

21h15, 29 de abril de 1935.

"Abdul Latif. Saudações.

Abdul Latif.

"Ronald, enquanto eu observava, não estava na habitação que tinha sido, ultimamente, o lar e que também é o lar do rapaz com ele. Vi-o a conversar, enquanto se sentava para comer, com um homem de semblante sombrio e porte robusto; mas Madame, irradiando luz, sua alma a conferir beleza ao tabernáculo terrestre. Vejo este homem a esforçar-se humildemente para cumprir para com todos os homens o seu dever, esquecendo-se de tudo o mais."

Abdul Latif parou, e eu disse: "Por favor, diga-me mais."

"Escute, então, pois descrevo o que vejo. Uma sala que não é bonita, nem de qualquer forma agradável aos olhos, triste nos seus móveis, e sem cortinas ou arredores belos. A sala também é sombria, iluminada apenas por uma pequena lâmpada de óleo, colocada sobre a mesa para dar luz àqueles que estão a comer. Abdul Latif deseja dar-lhe os seus olhos. Veja com ele.

"O seu rapaz sentado ao lado do homem que foi descrito, e, enquanto come, cheio de alegria, a rir e a conversar. Eles partilham uma refeição típica das terras do Oriente—muito arroz, carne com curry e todo o tipo de artigos para dar sabor; tamarindo e alimentos fortemente temperados. São servidos por um homem que parece ser o cozinheiro, e está bem satisfeito por os seus esforços serem apreciados. Estão apenas os dois, o seu rapaz e este homem. Ele, devo dizer-lhe, não é jovem, e também é muito dado ao trabalho árduo. Tem afeição por Ronald e está muito feliz por estar em companhia dele.

"Esta imagem. Será verdadeira para o tempo? Não sei, mas em relação ao facto—sim."
De Ronald:

"Esta imagem está um dia adiantada, mas de resto está muito boa, exceto que John também estava lá. No dia 30 de abril, tomámos o pequeno-almoço com Rai Bahadur Dr. Nihal Chand, imediatamente antes de partir de Fort Hertz para o norte. Tanto ele como a sua sala estão bem descritos (era um antigo bungalow

governamental), embora a lâmpada de óleo na mesa não estivesse acesa, claro. Fizemos uma enorme refeição de curry e fomos servidos pelo cozinheiro nativo."

9h56, 30 de maio de 1935.

Abdul Latif. "Agora venha, vamos observar, e isto é o que proponho. O seu rapaz, com grande probabilidade, não consegue comunicar-se. Eu direi para a sua paz de espírito que ele está bem; mas o que vou dar já vi—quando, não sei. Foi, no entanto, tão vívido.

"Estava a observar o seu rapaz distraidamente quando, de repente, ocorreu este incidente. Ele estava deitado, esticado no chão, profundamente adormecido. Estava sozinho. Havia montanhas à volta de um pequeno acampamento; uma grande e imponente formação que se erguia acima deles. Árvores e arbustos floridos de um lado; o acampamento parcialmente escondido para estar protegido de um lado, pois do outro havia rocha nua.

"Logo depois, encontrei-me ao lado do seu rapaz, e um grande estrondo, como o de um trovão, fez-se ouvir. Ele saltou para os pés e correu para a porta. Foi encontrado por outros também perturbados, com a intenção de ver o que se tinha passado. Madame, fiquei ao lado do seu Ronald. Ele estava perfeitamente sereno, muito calmo. Reuniu-se com os outros. Não viam nada à sua volta e olharam para o alto. Então, enquanto olhavam, veio outro grande estrondo, e à sua direita desceu uma grande avalanche. À medida que descia, varria tudo à sua frente. Estava a uma distância considerável dos rapazes—embora a distância pareça menor, no entanto, em tais locais. O acampamento onde os rapazes estavam estava seguro. O seu pequeno acampamento estava bem situado."
A escrita parou, e eu disse: "Abdul Latif, estou a perguntar-me se isto já aconteceu?"
"Já aconteceu, estou certo. O rapaz está seguro. Eu vi."

Mas Abdul Latif estava adiantado no tempo em mais de três meses. Ronald disse o seguinte:

"Esta é uma imagem do que aconteceu na noite de 10 de setembro de 1935, quando estávamos acampados abaixo do Chindru La. Não esperava encontrar uma cabana neste acampamento, mas, na realidade, havia duas pequenas cabanas, e os coolies, os servos e eu instalámo-nos nelas.

"A descrição da localização do acampamento está boa—num vale profundo e estreito entre montanhas altas; floresta rala de um lado, com rododendros, e do outro rocha quase nua. Exceto que eu tinha um lado do fogo só para mim, no entanto, não estava sozinho, pois na cabana deviam estar oito ou nove homens ao todo. E John não estava connosco, mas a cerca de dois dias de marcha a norte.

"No meio da noite, fomos acordados pelo estrondo de uma grande avalanche que soou tão perto que corremos até à porta para garantir que a nossa cabana estava segura. Após uma pausa, uma segunda avalanche começou, que continuou a cair durante sessenta e dois minutos, enquanto ficávamos sentados à volta do fogo, tendo decidido que, como não podíamos ver nada do lado de fora, o melhor seria ficar onde estávamos.

"No dia seguinte, descobrimos que a avalanche tinha atravessado o vale a apenas cinquenta metros das cabanas, estando, portanto, muito mais perto do que Abdul Latif pensara."

10h30, 9 de junho de 1935.

Uvani.

"Agora, hoje, não pense enquanto escreve o que estou prestes a dizer, sobre o significado até mais tarde. Eu próprio estou a fazer este trabalho. Não tem nada a ver consigo. Portanto, não sinta responsabilidade. Veja, se eu escolher, o poder de escrever está completamente retirado."

Então houve uma paragem abrupta, e eu disse: "Eu sei, Uvani."

"Então, não sinta que talvez o que está escrito possa estar errado. Apenas tome,

Madame."

"Ronald esteve fora durante muitas horas. Está a caminhar agora, acompanhado pelo seu amigo, aquele que é um companheiro chamado John, e têm consigo um servo. Foram até uma casa algo grande. Dentro dessa casa estava alguém que os cumprimentou, fazendo-lhes muitas perguntas, feliz por os ver, oferecendo-lhes uma refeição abundante e satisfatória. Eles tinham ido com a missão de ver este homem. Ele estava vestido com roupas elegantes, muito ricas em textura e cor, e parecia de nobre nascimento. Era assistido por vários, e enquanto os rapazes estavam com ele, ele tinha dois em constante acompanhamento. O servo levado pelos rapazes falou com eles numa língua, verificando as suas instruções e depois interpretando-as para o cavalheiro."

A escrita parou, e eu disse: "Sim, Uvani?"

"O rapaz Ronald foi quem falou. Ele é quem tem a ordenação do assunto. Sabe o que necessita; sente-se confiante de que conseguirá o que deseja; e inspira grande simpatia em todos com quem entra em contacto. Eles sentem uma resposta instintiva."

Veio uma nova pausa, e eu fiz a Uvani uma pergunta: "Dizes que estiveram a viajar muitas horas e fizeram estas coisas. Não estão agora a falar com este homem?"

"Não. Eu vi isto. Estiveram com ele um longo período. Nos países Orientais, o tempo não conta. Nunca há pressa desnecessária. Sentaram-se e comeram, conversando de tempos a tempos."

"Diz-me mais, Uvani."

"Enquanto faziam isto, percebi claramente que havia uma intenção bondosa na mente deste nobre. Ele irá ajudá-los, fazendo o que puder para ajudar. Ele, embora de raça tão diferente da de Ronald, também sentiu o seu encanto. Além disso, Madame, está escrito que Ronald seguirá o seu caminho. Ele apenas cumpre o seu destino; pois embora muito seja deixado ao indivíduo (a maneira como ele escolhe percorrer o caminho), o padrão que ele acabará por tecer já foi escolhido. Ronald colocou os pés no caminho certo. Tudo ficará bem.

"Agora, eu disse que vi, e vou dar a imagem presente. Eles estão já longe desta casa, numa pequena planície, rodeada de vegetação. Há muitas árvores. Ainda habitam tendas. Vejo o acampamento, e há uma sensação agradável." (Houve uma longa espera neste ponto, pois alguém entrou na sala, e Uvani parou de falar. Depois, continuou.) "Podemos continuar. Ainda tenho o meu fio. Há uma sensação agradável de paz e conforto. A eficiência reina, mas o que mais contribui para esta atmosfera é a felicidade. Há contentamento, e nos corações dos servos, portanto, também alegria, seguindo os passos dos seus senhores."

"Que hora é, Uvani?"

"O sol aproxima-se do oeste. Não vejo preparações para uma refeição. A hora ainda não chegou.

"Madame, acredite, o seu filho mais velho está bem."

Ronald diz sobre o acima:

"Esta é uma boa imagem do dia 2 de junho, o que torna o seu fornecimento um pouco atrasado, uma semana. Estávamos em Shikathang, Sudeste do Tibete, e nesse dia fizemos uma visita oficial ao Governador do Distrito—John H. T., eu mesmo, e Lewa, que actuou como intérprete, falando comigo em Hindustani e com o Governador em Tibetano.

O Governador estava vestido com seda azul escura, e, embora não fosse de nascimento nobre, era de uma família muito boa. Ele tinha muitos servos, mas apenas dois nos serviram na sua sala. Acho que Uvani não quis dizer que estivemos a viajar nesse dia (não estivemos), mas sim que estivemos a visitar durante muitas horas, o que era verdade. Quando ele diz que nos viu a caminhar, deve ter sido apenas por algumas centenas de metros no nosso caminho de volta para a cama, depois de uma longa permanência com o Governador, que incluiu o jantar.

"A segunda pequena imagem, começando com 'Eles estão já longe...', só pode referir-se ao dia 9 de junho, o único dia durante a nossa estadia em Shikathang quando eu deixei a aldeia, indo com Nyima Tondrup (um dos nossos três servos) até uma pequena planície com árvores à volta para fazer algum trabalho de levantamento.

"Curiosamente, ainda estávamos a viver em tendas, pois não havia alojamento disponível na aldeia. Esta foi a única aldeia em que paramos no Tibete sem dormir numa casa.
"Ficámos todos muito satisfeitos com os resultados desta visita ao Governador, que fez o possível para nos ajudar; e este sentimento de contentamento durou muito tempo.
"No dia 9 de junho, o jantar foi muito tarde, devido à chegada de numerosos mensageiros à noite com presentes de despedida das pessoas que conhecíamos nas redondezas. Estávamos a partir no dia seguinte."

11h23, 11 de junho de 1935.

H.A. K.

"Uma imagem muito clara novamente. Às vezes, destacam-se muito bem definidas e cortadas de forma precisa.

"Agora, isto é o que vejo. Uma aldeia muito pequena—pelo menos, algumas pequenas cabanas em ruínas e algumas casas,

alguns animais espalhados e algumas galinhas; o lugar é lamacento e sujo. No entanto, há um sol brilhante, e em toda a parte—pelo que parece ser uma grande distância—estão montanhas cobertas de neve, destacando-se. Nesta aldeia vejo um grupo de pessoas de pé, várias crianças, algumas mulheres mais velhas, algumas mais novas, um homem que parece ser influente, um homem muito idoso ao seu lado. Todos estão juntos, enquanto à frente deles há outra pequena multidão, composta por Ron e o seu amigo e servos, todos muito interessados e a conversar sobre alguma coisa. As pessoas pressionam-se à volta, e vejo as crianças curiosas a avançar também. "Tenho a certeza de que os rapazes querem alguns coolies. Apontaram para algumas cargas e evidentemente estão a fazer os arranjos monetários. Vejo alguns homens fortes, que evidentemente irão carregar as cargas, agacham-se e começam a levantá-las. Ron está a consultar o seu servo chefe, que está perfeitamente calmo e eficiente, e que está a dizer aos homens o que devem levar."

"Consegues ver os servos?"

"Consigo ver dois ao lado de Ron e John. Lewa está a movimentar-se. Sim, os três estão com eles. Estão bem. Sinto que está tudo certo."

De Ron:

"Isto refere-se à nossa chegada a Shikathang no dia 31 de maio, e portanto está onze dias atrasado. Fora isso, está bom. A descrição de Shikathang está excelente. Foi um dia de sol brilhante, e podíamos ver montanhas cobertas de neve em todas as direções. Depois da nossa chegada, houve alguma discussão sobre onde iríamos ficar, sendo a conferência feita à frente de um pequeno grupo de aldeãos que estavam todos muito interessados na nossa aparência, etc.

"O homem influente era o secretário-chefe do Governador, e o homem muito idoso era o guardião do templo que eu tinha conhecido em 1933. Quando decidimos onde montar as nossas

tendas, Lewa, o servo chefe, reuniu alguns homens para transportar a bagagem para lá. A questão do dinheiro não tinha nada a ver com estes coolies, mas queríamos trocar rupias por dinheiro tibetano, e eu estava a perguntar sobre isso. Os outros dois servos estavam por perto."

10h30, 16 de junho de 1935.

Frank.

"Ronald está muito alto. Muito acima, entre montanhas. Há glaciares por perto e enormes colinas de gelo. Esta é a característica predominante. Eu vejo isto como o principal aspecto.

"Então, com outra tentativa de obter uma ideia concreta do que está a acontecer com Ronald, uma pequena imagem se forma no meio disso. Ela se forma sozinha.

"Primeiro vejo Ronald, e ele está a caminhar com muito cuidado ao longo de um pequeno caminho escorregadio de rocha, que sai da lateral de uma montanha íngreme e precipitada. Ele está a segurar-se à rocha e segue em frente sem medo. Vejo-o a contornar uma curva. Ele agora está num grande espaço onde há segurança e muita área."

"Quem está com ele?"

"Não havia ninguém com ele no início, mas agora há. Ronald aparentemente foi à procura de algum caminho ou trilha que pretende seguir. Está a falar alegremente e é completamente seguro nos seus passos. As alturas não significam muito para ele nem para os homens com quem está. Tenho a sensação de que estão a voltar para uma pequena aldeia onde têm o seu local de repouso."

De Ronald:

"Esta é uma imagem do dia 21 de maio, e está, portanto, 26 dias atrasada. Estávamos acampados a cerca de 13.000 pés do lado

birmanês do Diphuk La. Não havia glaciares, mas havia neve por toda parte. Eu subí do acampamento para ver se o passo à frente estava suficientemente livre de neve para que os coolies carregados pudessem atravessar, mas uma densa neblina subiu pelo vale e eu perdi o caminho. Passei a maior parte do dia a escalar tentando chegar ao passo, e no meu caminho de volta ao acampamento, fiz uma escalada difícil ao redor de um penhasco. No final disso, fui encontrado por um grupo de busca com dois dos nossos servos, que foram enviados por John para me procurar.

"Não estávamos numa aldeia, mas havia duas pequenas cabanas em ruínas no nosso acampamento, e isso pode ter causado confusão na visão."

12h35, 27 de agosto de 1935.

Uvani.

"Ronald tem sido dado a muito alimento para o pensamento. Como o vejo, ele está imerso em cogitações, tendo chegado a um lugar onde um grande rio se divide em duas partes. Ele agora está a considerar se deve explorar aquele que vai mais para nordeste, ou mais para oeste. Ele tem razões para isso, pois embora deseje eventualmente ir para o leste, também tem o desejo de penetrar no lado ocidental do rio. Tão claramente vejo os seus pensamentos.

"Reúnem-se ao seu redor toda a sua companhia, e também seguidores dispersos. Eles estão num lugar onde duas ou três pequenas cabanas formam uma aldeia que lhes ofereceu abrigo durante a noite."

"Uvani, agora estou a perguntar-me sobre o tempo."

"Vejo com eles que a hora está tarde. Não vão mais longe. Vejo que ficarão por aqui durante algum tempo. O caminho será explorado até certo ponto enquanto eles estão estacionados. O rio é muito selvagem e turbulento, com profundos redemoinhos, água espumante, grandes pedras. Deve ser um rio maior do que qualquer

um que o rapaz tenha encontrado até agora. Ele vai em busca de um grande rio, não é?"

"Sim, Uvani; mas acho que ele não chegará lá por vários meses."

"Este é muito grande."

Uvani parou de escrever, e eu disse: "É, suponho, outro."

"Há rodeios muito bonitos, ainda entre montanhas que tornam tudo o resto pequeno, fazendo com que as grandes pedras e as árvores pareçam tão pequenas, também o rio parece insignificante. No entanto, tudo é majestoso em tamanho."

Houve uma nova pausa, e eu disse: "As árvores são realmente grandes?"

"Há uma floresta com árvores tão altas, subindo em direção ao céu. Elas parecem como se tivessem crescido por muitos e muitos anos e há muita vegetação rasteira. A parte, pouco frequentada, foi deixada à Natureza, que preencheu cada parte com abundância.

"Toda a companhia está bem. Ronald, como sempre, cheio de determinação e recursos, está a fazer planos. Ele não carece de decisão, como muitos que, não suportando o peso das suas próprias opiniões, procuram partilhar essas opiniões com muitos outros, diminuindo assim o seu fardo. Ele tem, tal como o seu irmão, plena confiança no seu próprio julgamento.

"Não deve temer. Ele será mantido seguro. Ele trabalha, não poupando a si mesmo, e enquanto luta, ajuda e orientação vêm sempre até ele. Não tenho mais a dizer; mas acredite sempre que ele e a sua pequena companhia estão bem."

Ronald diz sobre isto:

"Esta é uma excelente descrição de Purtsang, onde parei de 10 a 19 de agosto. Na realidade, há vinte e uma casas na aldeia, mas o

lugar é algo disperso, e onde eu estava a viver só havia duas ou três casas visíveis. Purtsang está à margem do Zayul Ngu Chu, um grande e muito turbulento rio, que se junta alguns quilômetros ao norte por um afluente vindo do oeste, que desce do Tsang Kang La. Enquanto esperava, considerei seriamente se não poderia explorar o afluente até o passo antes de continuar subindo o rio.

"O vale todo é ricamente arborizado com grandes pinheiros e vegetação densa."

11h45, 12 de setembro de 1935.

Uvani.

"Agora estamos a ver o que acontece. Acho, Madame, que o que ocorre, sem dúvida, está a acontecer mesmo agora.

"Tenho diante de mim Ronald, parecendo um pouco magro e desgastado, tendo conhecido muita responsabilidade, dado grande atenção ao ordenamento de sua companhia e a sua marcha.

"Agora vejo esta cena. Há uma pequena aldeia onde a companhia descansa, e no qual lugar ficarão por vários dias. As tendas, portanto, não são vistas. Há uma habitação rústica, parecendo que troncos de madeira foram entrelaçados, formando boas paredes, mas sem adornos, situada dentro de um pátio. Animais abundam, circulando à vontade; e aos seus olhos exigentes, Madame, a sujeira e a miséria parecem abundantes. Existem características atenuantes, pois embora assim seja, o ambiente ao redor é muito aberto, muito bonito, com o ar fresco e puro por toda a parte; e os nossos viajantes estão bastante bem, sem se incomodarem com pequenos desconfortos.

"Agora tenho que lhe dar uma descrição mais detalhada do alojamento. Há três quartos habitados pela nossa companhia. Ronald partilha um quarto de dormir com o seu companheiro John. Há uma sala contendo um monte de peles e uma espécie de tábuas, chamada por cortesia uma mesa. Sobre isso vejo muitos objetos, e Ronald está

a escrever algumas coisas, que um dia serão transformadas em mapas. Ainda não estão a ser escritas no mapa que mostra o caminho que eles seguem. Ele está sozinho. Agora vejo John e Lewa aproximarem-se, o primeiro trazendo nas mãos um grande frango, que dá a Lewa, que não estava ao lado de John, mas veio da direção oposta.

"John parece muito alegre e fala rapidamente. Tem muito para contar sobre uma peregrinação na qual esteve, e durante a qual obteve a ave. Os rapazes riem com muita alegria, então, Madame, por favor acredite, não estão a sofrer. Estão supremos em contentamento com a vida."

"Os servos estão, vejo, dentro de uma pequena sala externa e estão a preparar uma refeição. O alegre, baixo e robusto está a depenar a ave com grande habilidade e rapidez.

"Ronald pegou na sua jaqueta de lã grossa, preparativo para sair. Eu diria que o sol está mesmo agora a descansar. O frio intenso começa a se espalhar pela terra. A habitação está quente. Ficarás com o coração em paz?"

A escrita parou até que eu respondi: "Ficarei, Uvani."

"Isso é como eu desejo, pois, acredita em mim, teu rapaz está em boas mãos, seus seguidores também. Agora diria, amanhã teu senhor retratará aquilo que verá. Abdul Latif diz que também dará sua visão em breve."

De Ronald:

"Ao meio-dia do dia 12 de setembro, cheguei a Dashing, onde encontrei John novamente, que estava sozinho desde o dia 24 de julho. Estávamos numa casa construída de troncos e coberta de gesso, bem simples, com um pátio anexado. Havia gado, pôneis, porcos e galinhas nas proximidades, e o lugar estava claramente sujo. O país ao redor não era muito aberto, pois o vale é densamente

arborizado; mas da nossa varanda havia uma vista magnífica de um vale lateral sem árvores até algumas montanhas altas.

"Tínhamos apenas dois quartos, não três. John e eu dormíamos no maior, que também tinha uma mesa rústica e um monte de peles — algumas das quais eu comprei e algumas John. Os servos e a cozinha estavam no outro quarto.

"Estávamos ambos muito alegres, e John estava a contar-me sobre a sua 'peregrinação', que foi, claro, a sua jornada descendo o Ngagong Chu e suas outras explorações desde que nos separamos. Ele tinha muito a dizer sobre a ave (que ele tinha comido algum tempo antes, e portanto não podia apresentar no corpo), pois ela lhe fora dada por um pequeno oficial do vale, e depois de ser depenada e cozinhada por Nyima Tondrup ('o alegre, baixo e robusto'), acabou por ser ainda mais incrivelmente borrachuda do que uma certa ave famosa que tentámos consumir na Birmânia.

"Lembro-me de ter tirado leituras do barómetro e termómetro enquanto John falava, o que justifica a minha escrita. A cozinha estava imediatamente fora do nosso quarto, e Nyima Tondrup fez-me uma refeição assim que pôde, após a minha chegada.

"O parágrafo penúltimo está errado. Era meia-noite quando cheguei e não saí mais."

20h10, 6 de abril de 1936.

Uvani.

"A minha visão é esta. Eu vejo como falo. Um céu estrelado claro, belo em sua grandiosidade, pois os céus cintilam com diamantes e a lua os contempla, serena e como uma pérola, sem nuvens no firmamento.

"A noite está clara e fria, sem muito vento, o que é bom, pois Ronald, envolto em muitas coberturas, está ocupado a observar e fazer cálculos. Ele tem diante de si uma mesa usada para esse

propósito. Ele organiza muitas coisas com grande cuidado, olhando para o céu enquanto o faz.

"Vejo que o país em que eles estão agora é vasto e elevado (uma grande extensão de terra desprotegida com pouca vegetação); e dos edifícios vejo apenas dois. São humildes e pequenos, aparentemente isolados nesta planície. Acredito que são usados por homens que se dedicam ao cuidado de rebanhos.

"Creio que em um deles há quartos usados para abrigar Ronald. Sua companhia está dentro. Vejo apenas um outro. O servo Lewa se aproxima. Ele faz uma pergunta. Ronald responde: 'Terminei. Esses itens podem ser removidos.' Ele parece relutante em abandonar seu trabalho. No entanto, há satisfação dentro dele, pois seu esforço não foi em vão.

"O servo é um homem cheio de força, justamente o tipo de pessoa que daria tudo para ajudar seu mestre. Há fidelidade e admiração em seu coração, também amor. Ronald para ele é um sahib de grande valor. Ele faria tudo o que está ao seu alcance por ele.

"E para o próprio rapaz, vejo que ele está forte, saudável, e ainda mais ajustado a tudo o que está por vir. Seu amigo, não o vejo, mas sinto que ele também está bem. Ele está dentro."

Ronald diz sobre isto:

"Esta visão está quase dois meses atrasada, mas de outra forma está boa. No dia 10 de fevereiro, enquanto estávamos em Nakshö Biru, fiz algumas observações para a Variação Magnética. Foi a primeira noite clara que tivemos em semanas, e lembro-me bem de que a lua estava tão brilhante que foi difícil ver uma das estrelas que eu queria. Eu também sabia o quanto estava frio, pois o meu nariz ficou congelado no teodolito!

"O vale em Nakshö Biru é muito raso e aberto ao vento, e não há muita vegetação, além de grama grossa e alguns arbustos

pequenos. Embora durante o dia várias casas e um grande mosteiro fossem visíveis desse ponto, é verdade que, à noite, só se viam duas, em uma das quais estavam os nossos aposentos. Não sei sobre as pessoas na outra casa, mas o nosso senhorio certamente possuía um grande rebanho de yaks e parecia passar a maior parte do tempo com eles.

"Além do teodolito, eu sempre tinha uma pequena mesa comigo quando fazia as observações, na qual estavam meus papéis, uma lâmpada, um relógio, uma bússola, etc.

"John estava dentro durante essa observação; mas Lewa estava sempre comigo nesses momentos. É uma descrição verdadeira do caráter de Lewa. Ele é o servo mais fiel que se pode imaginar."

10h55, 31 de maio de 1936.

Abdul Latif.

"Eu estava à procura do rapaz, desejoso de obter uma visão que fosse cristalina. Eu fiz isso. Ele estava dentro de uma grande sala despojada. Havia pouca mobília. Ronald estava sentado a uma pequena mesa, fazendo cálculos. Havia um braseiro ao seu lado. Vi um homem entrar, colocando combustível nele. No canto dessa sala havia uma grande pilha de peles de tapetes. Deitado sobre ela estava o companheiro. Ele parece estar a dormir.

"Vi em seguida o servo, que é o mais confiável de todos, entrar, trazendo consigo um grande caldeirão. O conteúdo deste ele começou a despejar em tigelas, oferecendo-as. Deu primeiro a Ronald. Depois, pausando suavemente ao lado do amigo, falou baixinho. Vi o amigo mexer-se, depois, após um momento, sentar-se e tomar o líquido. Enquanto bebia, falou com Ronald, que desviou os olhos de seu trabalho.

"Agora isso estava claro para mim; mas na visão não havia nada fora do comum nas atividades que podem ser frequentes. Portanto,

eu esperei ansiosamente, esperando por mais. Finalmente, como se um véu se levantasse, senti minha visão expandir.

"Em outra sala, vi um grupo de viajantes que também haviam sido acolhidos na casa. Eles estavam a falar com um homem baixo e robusto, evidentemente o senhor da casa. Estes viajantes traziam fardos de mercadoria e abriram um pacote. Vi tapetes e sedas coloridas espalhados pelo chão. Estavam a olhar para esses artigos. Então, um deles, indo até o homem de Ronald, insinuou que o seu mestre poderia comprar. Lewa olhou, e balançou a cabeça, desdenhosamente recusando. Ele disse que o seu mestre comprava apenas aquilo que era o melhor. Seriam esses, perguntou ele, dignos? Ao ouvir isso, o proprietário levantou-se indignado (pois ele só se ajoelhara), dizendo: 'Vê, eu tenho artigos maravilhosos. Olha!'"

Abdul Latif fez uma pausa breve e depois continuou:

"Ele apressadamente desfez outro fardo. Era pequeno e estava envolto em muitas coberturas. Deste, retirou com muito cuidado três pequenos vasos. Estavam embrulhados em seda. Ele os manuseava como se fossem mais preciosos que rubis. Eu compreendi seu significado. Ele disse: 'Diga ao senhor, ao seu mestre, que o que tenho não pode ser encontrado em outro lugar.' Lewa examinou cuidadosamente esses vasos. Ele disse: 'Vou; mas meu mestre, que viajou por todo o mundo, não ficará impressionado. Ele é um dos grandes.'"

Abdul Latif parou, e eu perguntei: "Você sorriu?"

"Eu sorri, sabendo da total naturalidade do rapaz."

"E então, o que aconteceu?"

"O servo (que tem lealdade, devoção, incrustados nele) foi. Vi então que ele se aproximava de Ronald, que estava mais uma vez absorvido, traçando as delicadas linhas em seu grande papel, e ouvi-o dizer: 'Senhor, há alguns homens desejando mostrar tais artigos

como estão a transportar. Há alguns pequenos urnos, belos além da comparação. Permitirás?'"

Esperei um minuto para que Abdul Latif continuasse, e então perguntei: "O que Ronald disse então?"

"Tragam-nos." Então, apareceram dois homens. Eles cumprimentaram com salaams, e agachando-se, pegaram primeiro um tesouro, depois outro, entregando-os a Ronald. Ele os observou de maneira desapaixonada, como são os modos do Oriente. Eu percebi que tudo o que aconteceu foi feito corretamente. Então, desceu meu véu mais uma vez, obscurecendo minha visão. Mas fique tranquilo, nada de mal ocorre ao seu rapaz."

Ronald diz:

"Esta é uma visão composta, e, como tal, está excelente. A primeira parte é, sem dúvida, de Nakshö Biru e seria igualmente verdadeira para qualquer época entre fevereiro e abril, quando eu estava fazendo muitos trabalhos no mapa, quase sempre perto de um braseiro. Muitas vezes, quase nada havia para John fazer nesse período, e ele costumava dormir a maior parte das tardes. Seu leito, no entanto, não era de peles, mas de tapetes de lã e cobertores. Oito ou dez vezes por dia, um grande bule de chá era trazido por um dos servos e bebíamos em tigelas. O nosso quarto era bem grande e muito simples.
"O restante da visão também se refere a Nakshö Biru, mas deve ser dividido em três partes, ou melhor, considerado como três imagens fundidas em uma, dando uma impressão geral do que costumava acontecer.

"No dia 9 de março, Lewa foi até a casa ao lado para inspecionar as mercadorias trazidas por dois comerciantes ladakhis que estavam a caminho de Chamdo. Entre outras coisas, eles traziam tapetes e sedas baratas que não queríamos, e Lewa disse isso.

"O episódio do pequeno fardo, envolto em muitas coberturas, claramente se refere ao dia 6 de janeiro, quando Lewa, em outra casa, estava sendo abordado por um homem que tinha três caixas de ouro com amuletos (não vasos) à venda. Elas estavam embrulhadas em várias camadas de seda e guardadas em caixas de madeira. Eu acabei comprando uma delas.

"O proprietário destas, no entanto, não veio até nossa casa nesta ocasião, e o negócio foi realizado com Lewa como intermediário.

"O último parágrafo teria sido verdade muitas vezes, não apenas em Nakshö Biru, mas em outros lugares também.

"Para mim, o mais impressionante sobre esta visão como um todo é que ela é Lewa em sua essência, e mostra ele se comportando exatamente como o conheci, muitas vezes, quando havia algo para ser comprado."

Quando esta próxima visão me foi dada para Ronald, Bill estava a caminho da Palestina com a Primeira Divisão, onde os problemas haviam se tornado agudos. A descrição de Abdul Latif sobre seus feitos no navio estava, ele achava, correta; mas estou apenas colocando aqui o que me foi contado sobre Ronald.

19h20, 14 de setembro de 1936.

Abdul Latif.

"Vejamos agora para Ronald. Eu vi, por uma coisa, o sol brilhante. Eles estavam caminhando ao lado de um rio, e enquanto eu observava, atravessaram-no, a ponte formada por bambus balançando, sobre a qual eles saltavam perigosamente, cada passo tendo que ser dado com cautela. Vi talvez três desses bambus lado a lado, suspensos por laços, com um corrimão fornecido por cordas muito baixas. Elas não passavam dos joelhos de Ronald. É bom que ele tenha uma cabeça firme; mas essas coisas não incomodaram nenhum dos membros do grupo. Eles atravessaram com facilidade.

"Vi a seguir o caminho subindo por um lado de montanha íngreme, formado por rochas e terra. Flores eram vistas em manchas, crescendo até uma altura de cerca de dezoito polegadas. Sua cor parecia ser apenas branca. Também vi algumas cabanas ocasionais, construídas de forma primitiva, e não parecia haver pessoas nelas, pois não se viam, além do nosso grupo. Não parecia que houvesse comida perto dessas cabanas. Não vi sinais de cultivo, nada vivo. Estava selvagem e desprovido de qualquer coisa levantada pelo trabalho humano.

"O grupo seguiu animado, cobrindo muitas milhas, disso estou certo. Vi-os, e mais tarde vi novamente o que estava acontecendo— por esse tempo eles haviam chegado a um local onde vários coolies estavam esperando. Foi dada uma pausa. Houve muita conversa, muita discussão acirrada na qual Lewa teve um papel decisivo. Ele levantou algum ponto importante. O homem a quem ele falou dissimulou; mas depois de intermináveis discussões, uma decisão foi alcançada. Então, mais uma vez, houve paz.

"Vi a seguir as tendas sendo montadas em um terreno gramado. Havia uma superfície plana ao redor delas, e eu estava certo de que elas permaneceriam. Ronald está bem. Isso é tudo; uma visão errante, e por agora completa."

Ronald diz:

"É estranho que muitas dessas visões sobre essa época se refiram a eventos de novembro ou depois. Isso é obviamente de 1º de dezembro, enquanto estávamos nas colinas Mishmi. Nesse dia, o caminho estava, em sua maior parte, em terreno limpo, com sol brilhando o tempo todo. Atravessamos o rio Dou por uma longa ponte suspensa com uma trilha estreita de três ou quatro bambus, balançando de velhos cabos de aço. O caminho então subia íngreme e descia até uma pequena planície gramada onde montamos acampamento. Houve alguma discussão aqui porque metade dos coolies havia parado cerca de meia milha atrás, em outro

acampamento, e a princípio não estavam dispostos a trazer suas cargas. Não montámos, no entanto, tendas, embora o tivéssemos feito nos acampamentos anteriores, e sentimos que talvez tenha sido imprudente não o fazer.

"Nesta marcha, como diz Abdul Latif, passámos por muitas cabanas, mas, embora estivessem todas habitadas, não me lembro de ter visto ninguém por perto. Quase toda a terra desmatada está cultivada, mas nesta altura do ano nada estava a crescer, e havia motivo para pensar que não havia cultivo." "A ponte, aliás, balançou e oscilou."

19h10, 12 de Outubro de 1936.

Uvani.

"Quero agarrar firmemente a sua mente. Deixe-me ter toda a sua atenção. Não sinta tensão, mas apenas preste atenção como se eu realmente estivesse diante de si. Se essa música a perturba, Madame, poderá fazê-la silenciar?"

Desliguei prontamente o rádio, e Uvani comentou: "Isso está melhor.

"Esta imagem eu fixei o meu olhar enquanto a senhora conversava com um homem sobre incêndios. Reflita sobre o momento. Foi, creio eu, às onze horas do seu relógio."

Respondi: "Penso que sim, Uvani. Talvez tenha sido um pouco mais cedo."

"Serve. Foi assim que vi Ronald. Ele manteve um conclave. Havia muitos homens em pé à sua volta, vestidos com trajes estranhos, com expressões ameaçadoras. Procuravam obter mais pagamento e falavam em voz alta, dizendo: 'Não vamos carregar os fardos.' Então, o rapaz que estava sentado levantou-se. Falou com grande severidade, grande firmeza de propósito, dizendo: 'Vão-se embora. Já não são necessários.'

Houve uma pausa, e perguntei: "Uvani, poderá contar-me mais?"

"Houve um coro de vozes, e todos os que estavam à volta do rapaz falaram ao mesmo tempo. Depois surgiu um silêncio. Estes homens não desejavam que a palavra deles fosse tomada a sério. Queriam que o rapaz negociasse com eles, oferecendo talvez algum aumento inicial, depois, ouvindo os argumentos, elevando o valor até chegar a um acordo amigável. No entanto, Ronald, sabendo o que estava no coração deles (pois, já com experiência, lidara com estas pessoas), recusou-se a trocar palavras. Voltou a sentar-se, dizendo: 'Vão-se embora.' Os nativos afastaram-se resmungando entre si. Disseram: 'Ele nos dará mais. Vamos tentar de novo.'

"Um homem rude, que se fazia passar por líder, entrou à força na casa de Ronald. Não houve muita cerimónia, pois Ronald, ao vê-lo, empurrou-o violentamente para fora, fazendo-o cair. Não ficou ferido, mas fez um sinal de que estaria disposto a lutar. Ronald, saltando até à porta, disse-lhes que, se não se dispersassem imediatamente, lhes mostraria o mesmo tratamento. Com ele estava o outro sahib. Lewa empunhava um bastão forte, tal como o criado que é tão digno, mas um pouco tolo. Os desordeiros retiraram-se. Passado algum tempo, apareceu um homem superior. Exigiu saber o que havia acontecido. Sentaram-se, dando poucas respostas até serem pressionados por ameaças. Então, um deles respondeu: 'É nosso direito que nos paguem mais.'

"Com isso, a paciência do superior se esgotou. Ele amaldiçoou-os fortemente por tolos, dizendo: 'Não sabem que estes são senhores sob a proteção de príncipes; e, quanto ao pagamento, que mais querem os cães além de ossos?' Depois virou-se e, pedindo licença para entrar, procurou Ronald, que, ao vê-lo, disse: 'Onde esteve, e por que surgiu esta dificuldade?' O homem respondeu que tinha sido chamado para resolver o problema e que não haveria mais problemas, além de que ele garantiria que o trabalho prometido seria cumprido.

"Madame, talvez noutra altura eu não tivesse dado este relato em detalhe - poderia ter causado preocupação; mas tome a palavra de Uvani que tudo está agora em paz. Ronald é um líder de homens. Eles agora o seguirão. É apenas um truque destas raças selvagens para ver até onde conseguem chegar.

"Agora vou falar-lhe do seu jovem filho."

Ronald diz:

"Esta é uma imagem muito precisa de um problema que tivemos com os coolies em Shikathang no dia 19 de Novembro, e é quase totalmente correta. Estávamos prestes a partir naquela manhã, mas, quando chegou a hora, os coolies recusaram-se a começar a menos que fossem pagos todo o salário referente aos seus dezassete dias de trabalho, de forma antecipada. Não era que quisessem mais dinheiro, mas queriam-no todo de uma vez. Eu não estava preparado para isso, e depois de algum argumento, disse-lhes que poderiam voltar às suas aldeias, que não os empregaria mais como coolies e que esperaria pela chegada do Governador para que fosse feito um acordo oficial. Eu estava disposto a pagar-lhes metade do dinheiro antecipadamente, desde que, por sua vez, garantissem fazer a viagem dentro de um determinado número de dias; mas não conseguimos chegar a um acordo.

"O mais loquaz e mal-educado dos coolies, um homem grande, então entrou na nossa sala (não estávamos em tendas, mas numa casa de um único andar) sem cerimónia, e eu rapidamente o expulsei. Não creio que tenha mostrado intenção de lutar, no entanto, e não nos reunimos para nos prepararmos para o pior. Lewa, e não eu, ameaçou atacar qualquer um deles que não se dispersasse imediatamente, alegando que estavam a fazer barulho indevido no nosso pátio.

"O nativo superior era o chefe dos coolies. Ele estava ausente durante a discussão, mas voltou durante a tarde. Mais uma vez, Uvani está errado se ele pensa que os coolies estavam a exigir um

salário mais alto; mas, embora eu não possa garantir as palavras exatas do chefe para com eles, certamente amaldiçoou-os durante vários minutos, fora do nosso alcance, e depois entrou para me dizer que lamentava a perturbação que me causaram e que partiriam na manhã seguinte, recebendo o pagamento dia a dia. Depois disso, não tivemos mais dificuldades."

Essa imagem de Ronald foi vista mais de um mês antes do acontecimento real, e a de Bill (que me foi dada imediatamente após) ocorreu quase duas semanas antes. Incluir-lhe-ei como o último dos 'avistamentos' neste livro.

19h40, 12 de Outubro de 1936.

Uvani.

"Interessa-me este trabalho, que é único em muitos aspetos; pois, embora veja em várias ocasiões muitos incidentes para os habitantes da Terra, nunca surgem da mesma forma. De fato, em várias situações falhamos na sincronização; mas, embora o desejemos, a diferença também cria interesse. Vou agarrar novamente a sua mente firmemente. Esta também foi vista no meio do seu dia.

"Era um lugar desolado onde Billy estava; uma vasta extensão de terra árida com nuvens de poeira a subir; a terra, onde ele se encontrava, desprovida de verdor. Havia muitos homens, todos vestidos como soldados, com vários veículos, todos imobilizados.

"Com Billy estava um grupo de oficiais, alguns dos quais eram de grande importância, pois vejo aquele que comandava Billy a demonstrar grande deferência. Considero, portanto, que estes homens são os que têm grande experiência em guerra, com vasto conhecimento. No entanto, não havia guerra à volta do grupo. Tudo estava quieto. Julgo que se reuniram com o propósito de fazer reconhecimento da terra. Billy permaneceu em silêncio. Foi então

chamado. Ouviu o que foi dito, depois subiu para um veículo em movimento e partiu."

"Eu podia ver que ele estava bem, alerta e, como é geralmente o caso, cheio de vigor."
A carta de Bill, contendo os seus comentários sobre esta "visão", foi enviada da Palestina no dia 20 de outubro (nós ambos tínhamos escrito por correio aéreo) e isto é o que ele diz:

"O tempo está errado, e deveria ser 31 de setembro, por volta do meio-dia. O Comandante de Divisão veio de Jerusalém para visitar os nossos piquetes de estrada, e o C.O. e eu acompanhámo-lo — eu segui em outro carro.

"Quando chegámos ao último piquete (Fort Allen), o Comandante de Divisão conversou com o C.O. durante algum tempo sobre as fortificações, e depois disse-me para entrar no seu carro com ele, e fomos para Nablus, deixando o C.O. no piquete. Os outros veículos transportavam a escolta e as metralhadoras, que iam à frente e atrás do carro do General.

"É uma imagem muito boa, salvo pelo horário."

Ronald finalmente chegou à Inglaterra no dia 23 de janeiro de 1937, e Bill voltou da Palestina no início do mesmo mês. Com o regresso de Ronald a casa, todos os meus longos meses de espera pareceram tornar-se um sonho; mas depois tive a alegria de descobrir que, para além das "visões", grande parte do conhecimento interior que me chegara durante esse período de quase dois anos, tinha sido preciso.

Durante esta última viagem de Ronald no Tibete, e também enquanto Bill estava na Palestina, descobri que, por vezes, enquanto as imagens eram reveladas, eu também conseguia ver as cenas, embora não o suficiente para captar os detalhes. No entanto, em raras ocasiões, tive as visões objetivas mais distintas de ambos os meus filhos. Numa dessas ocasiões, vi Bill a dormir, deitado de

forma algo desconfortável numa espécie de sofá, e acabou por se revelar que, nesse exato momento, ele estava a dormir num comboio na Índia. Noutra ocasião, estava a olhar ansiosamente pela minha janela, à espera de ver Ronald, pois queria saber se ele teria conseguido concluir um trabalho muito importante; e, finalmente, vi-o a chegar. Observei-o a atravessar a estrada — que, exceto por ele, estava completamente vazia — e esperei até que ele chegasse à entrada principal, momento em que me apressei a correr para a porta do nosso próprio apartamento para o encontrar. Achei estranho não haver sinal dele, então escutei a sua voz, pensando que ele deveria ter querido falar com o porteiro. Tudo estava silencioso, no entanto, e meia hora depois ele fez exatamente o que eu já o vira fazer. Foi então que percebi que, tal como frequentemente acontece com as imagens, eu também ultrapassara o tempo.

XIV

Incluí Charles Glover Botham na lista anterior de médiuns que me deram evidências brilhantes; mas devo fazer mais do que passá-lo com tão breve comentário, pois tive uma longa série de sessões com ele. Estas começaram menos de três semanas após a morte do meu marido. Fui a Londres para o meu segundo encontro com a Sra. Garrett, apenas para descobrir, ao chegar à Aliança Espiritista de Londres, que ela repentinamente adoeceu e não podia trabalhar nesse dia. O Sr. Botham estava disponível, e a sessão que tive com ele naquele momento foi repleta de fatos evidenciais, igualmente convincentes à sua maneira, como aqueles que me foram dados por Uvani. Sempre o considerámos um médium excelente.

Há muitos outros médiuns excelentes de quem tenho experiência pessoal, mas até agora neste livro falei apenas daqueles que estiveram envolvidos nos testes cruzados sobre os quais realmente escrevi. Contudo, gostaria de falar de outros dois que nos deram uma evidência notável. O primeiro é o célebre médium americano, Arthur Ford, que tem um dom maravilhoso de

clarividência; foi através dele que as nossas primeiras comunicações cruzadas aconteceram e foi ele quem nos fez perceber que tal coisa era possível. Ele fez um grande trabalho para nós quando esteve em Inglaterra no outono de 1930, pois foi então que, completamente desconhecendo a sua própria participação, ele realizou uma série incrível de testes que foram organizados pelo meu marido, e nos quais (embora nada me tivesse sido previamente dito sobre isso) Frank, o meu pai e a minha mãe também participaram.

A Ruth Vaughan é o segundo médium que quero mencionar, porque a precisão das informações que me foram dadas pelo seu controle, sobre a última viagem de Ronald, foi tão impressionante. Este controle diz-se ter vivido na Itália durante o século XV e, tal como Uvani, que se manifesta através da Sra. Garrett, é grave, educado e sem emoções. Ele tem uma aptidão incomum para ver nas vidas e nos arredores das pessoas na Terra e, tendo sido médico na sua vida passada, é particularmente bom a diagnosticar doenças. Muitas vezes fiquei fascinada pela maneira como, com essa estranha ampliação da visão, ele descrevia longas e precisas descrições de homens, mulheres e crianças com quem nunca teve contacto, e das doenças de que estavam a sofrer.

Até agora, disse pouco sobre o Abdul Latif. A diferença no controle dele sobre os dois médiuns em transe, a Sra. Garrett e a Srta. Francis, tem gerado considerável especulação entre muitas pessoas, mas, em conjunto com o controle que exerce sobre mim, tive várias oportunidades de observar o que acontece. Ele falou comigo por escrito sobre isto, por isso, acho melhor dar a explicação do que ocorre nas suas próprias palavras:

"Sabe que sempre há grande controvérsia sobre este assunto do controle de Abdul Latif sobre dois médiuns. Isto é exatamente o que acontece. Eu me manifesto através de Eileen Garrett com os mesmos sentimentos que tinha durante a vida que passei como Abdul Latif: a mente analítica aguçada predominante; o mesmo estilo de fala, forte,

impaciente, rápido; mostrando, ao falar, uma resolução; atendendo a questões relacionadas com a saúde com precisão.

"Através da mediunidade de Eileen Garrett, é verdade que a minha personalidade (o Abdul Latif tal como era) se manifesta de forma mais vívida do que é possível com qualquer outro médium vivo. Pessoalmente, penso que nunca foi possível a personalidade terrena de nenhum indivíduo ser manifestada através de qualquer outro médium com a mesma intensidade. Você encontrou isso de forma impressionante com o seu próprio marido. Percebeu que com Uvani o lado característico do árabe se destaca.

"Quanto à sua experiência, é o Abdul Latif dinâmico e impetuoso, diagnosticando rapidamente, que você encontra no instrumento de Uvani; aquele que parece estar a fazer o seu trabalho e a atender aos assuntos da mesma maneira que um médico consulta os seus pacientes. Você encontra que informações sobre os mais variados assuntos, incluindo a sua saúde — cada sintoma é conhecido e discutido. De tudo o que concerne a si, Abdul Latif mostra conhecimento, e por vezes dá muitos detalhes sobre outras pessoas, até mesmo aquelas que não são parentes. Todas estas coisas acontecem através dessa fonte com ele. Ele mostra este lado; no entanto, porque, quando viveu, Abdul Latif tinha muitos interesses e também muitos lados na sua natureza, ele por vezes relaxa. Ele então se torna o homem que você vê trabalhar através da Srta. Francis.

"Agora, quando assumo o controle de Nina Francis, que é uma mulher muito gentil, mostro muito mais tolerância, menos impetuosidade. Sinto-me mais inclinado a falar sobre assuntos abstratos, e também a ter uma serenidade filosófica. Pode-se comparar isso aos sentimentos de um cirurgião que, depois de estar ocupado com o seu trabalho, se senta confortavelmente numa cadeira e se prepara para conversar com um amigo de longa data. Sou ainda o médico, no entanto, ainda mostrando conhecimento sobre a sua saúde, capaz de aconselhar e ajudar; e com você mostrei, ao longo dessas conversas, que, embora não tocando em pontos

evidenciais da mesma forma, mencionei uma série de incidentes, passados, presentes e futuros, nas vidas de si e dos seus filhos. Você sabe que é o mesmo velho amigo. Também descobriu, em certos momentos, que o sistema de controle de Abdul Latif foi invertido; assim como quando fala com o instrumento de Uvani, ele às vezes se permite relaxar, ele assumirá muito mais força através deste veículo de Lucio."

Declare como encontrou. Se, na Terra, os estados de espírito variam conforme o efeito causado por aqueles com quem se entra em contacto, quanto mais não serão as diferentes facetas evidenciadas quando se utilizam médiuns extasiados de calibre totalmente oposto? Com todos os que colaboro, manifesto características diversas; mas, fundamentalmente, o homem está presente; e isso é patente para vós, pois, vindo por qualquer uma das fontes, a mesma personalidade se revela, e a conversa toca sempre nos mesmos temas, revelando um conhecimento profundo do que reside na vossa vida.

E, indo diretamente ao encontro de vós, fazendo a inscrição, posso dar uma ajuda; pequenos vislumbres do que os vossos filhos fazem, informações sobre o que virá a acontecer. Sentis que Abdul Latif tem um interesse afetuoso; que é capaz de vos contar muitas coisas, pode organizar o que é realizado noutros locais; pode provar que o que diz é correto.

Através destes dois médiuns, Abdul Latif confirmou o que disse aqui. Darei as suas próprias palavras através de Mrs. Garrett: "Quando falamos uns com os outros na Terra, não são mostradas diferentes facetas, revelando a este aquilo que está oculto ao próximo? Então, considerai quão mais se difere a representação quando, por algum tempo, se tomam emprestados diversos mecanismos. Tomamos um, tomamos outro, mas, na maioria dos casos, apenas uma parte do que gostaríamos de expressar flui. Quando os sofredores vêm, buscando ajuda para a mente ou o corpo, utilizamos, com gratidão, o instrumento mais próximo da nossa mão.

Posso ter que vir mostrando muita jovialidade – bem, na minha vida fui um homem jovial! Por outro lado, posso exibir uma calma filosófica muito grande. Isso, também, fazia parte de mim.

"A maneira da minha vinda varia. Se, porém, no fim, ajudei alguém, o que importa como foi feito?"

Devo agora dizer um pouco mais sobre os poderes de cura de Abdul Latif, e algo também sobre os de White Eagle e Chang, o controlo chinês de Mr. Philip Sharplin. É indubitavelmente verdade que uma extraordinária força magnética emana de todos eles, e eu frequentemente a experimentei e beneficiei dela. Não só este poder chegou diretamente a mim, fora os momentos em que estive com os seus médiuns, mas também me chegou através daquele grande curador, William Hendry, que durante tantos anos da sua vida trabalhou incansavelmente, e de forma tão suave e discreta, para ajudar os outros.

Quando estive a receber tratamento para uma doença grave, vi muitas vezes cores em várias tonalidades, desde o violeta mais suave até o laranja profundo, por vezes belamente misturadas com ouro ou prata. Às vezes, a sensação foi fortemente magnética, noutras quase como um sol líquido; e uma vez – com White Eagle – vi fluir na minha direção um suave vapor branco, uma nuvem prateada, reconfortante, suave, completamente satisfatória. O resultado foi sempre o mesmo: uma sensação de renovada vitalidade, enquanto uma corrente de energia percorria as minhas veias. White Eagle fala frequentemente dessas luzes, dizendo que elas são parte dos raios cósmicos extraídos do universo, e que possuem maravilhosos poderes curativos.

Os controlos com quem me encontrei têm métodos diferentes de cura. Para além de dar cura por si mesmo, Abdul Latif, quando fala através do seu médium, Eileen Garrett, muitas vezes aconselha os seus pacientes a consultar um médico terráqueo também. No meu caso, nos primeiros dias da minha doença, ele deu-me, sem eu

mencionar o assunto, um diagnóstico preciso do que estava errado. Disse que havia uma certa injeção que eu deveria tomar, e que poderia induzir um médico a prescrever-mos. Na próxima vez que fui a esse médico, ele disse que eu devia mesmo fazer esse tratamento. Não pude deixar de pensar o quão surpreso ele ficaria se lhe dissesse que soubera com antecedência tudo o que ele diria.

O controlo de Mrs. Vaughan também frequentemente aconselha as pessoas a confirmar o seu diagnóstico com um médico; e o de Mr. Sharplin, depois de se certificar de que o seu tratamento magnético não trará o resultado desejado, também recomenda que o seu paciente consulte um médico.

Por outro lado, quando fala através de Nina Francis, Abdul Latif não mostra nenhuma disposição para aconselhar a consulta a médicos terráqueos; e raramente o faz White Eagle.

Devo admitir, no entanto, que, embora tenha recebido de fontes espirituais alívio e cura rápidos de diversas dores e desconfortos (como, por exemplo, quando fui atropelado por um carro), fui, no final, derrotado por uma doença realmente grave. À medida que o tempo passava sem eu melhorar mais do que em breves intervalos, percebi que algo devia estar a faltar em mim; a capacidade mental de alcançar alguma grande força; uma capacidade que muitas vezes estava presente em problemas menos sérios. A minha fraqueza física deu-me uma estranha sensação de não ter força suficiente para fazer isso, e ainda assim mantive a fé de que eventualmente seria curado da extrema exaustão de que padecia.

Essa doença, que durou ao todo oito anos, deu-me uma maravilhosa oportunidade de ver se aqueles do outro mundo, que tantas vezes me tinham mostrado os seus grandes poderes, poderiam curar-me. Nos últimos cinco desses anos, não consultei qualquer médico vivo, nem, por conseguinte, disse a ninguém o quão doente estava. Finalmente, no entanto, uma peritonite aguda forçou-me a ser operado em emergência, operação essa que foi completamente bem-

sucedida, embora, inicialmente, houvesse alguma dúvida quanto à minha sobrevivência. Uma vez que a cirurgia fez o seu trabalho, consegui recuperar de uma forma que surpreendeu aqueles que me cuidaram; como de facto ficaram maravilhados por eu ter conseguido continuar a viver durante todos os anos em que estive tão doente. Apesar da minha fé, não fui curado até ser tratado por médicos humanos; e isso ensinou-me que, no nosso atual estado de conhecimento, não é sempre suficiente confiar apenas na cura espiritual. Aqueles que se comunicam connosco das esferas além podem normalmente ver muito mais longe do que nós, mas não são oniscientes. A informação que nos podem dar não deve, portanto, ser considerada infalível.

Desde a partida de Mrs. Garrett para a América, em dezembro de 1933 (embora ela tenha estado em Inglaterra por um breve período no ano seguinte), eu não a vi nem mantive qualquer tipo de comunicação com ela até ela retornar a este país em julho de 1936.

Portanto, passaram dois anos e meio antes de nos encontrarmos novamente, a 23 de julho. Naquela noite, ela estava a falar no British College of Psychic Science sobre as suas experiências nos Estados Unidos, e eu escutei-a com grande interesse. Ela fez um relato do trabalho realizado com ela por vários médicos e cientistas. Estes, totalmente desconcertados pelos seus chamados controlos, Abdul Latif e Uvani, tentaram por todos os meios que conseguiram pensar, ver se não poderiam explicar esses fenómenos.

Foi a 5 de agosto de 1936 que Uvani falou novamente comigo através de Eileen Garrett. Ele disse: "Estou feliz por vir até vós desta maneira, para vos dar um relato do que fizemos desde a última vez que falámos através deste instrumento. Fostes mantidos em conforto, felicidade, compreensão, e sem alarmes excessivos. Não é assim? E o nosso digno Abdul Latif não tem apenas ministrado ao corpo, mas também dado ministrado ao espírito."

Eu perguntei: "E o que fez Uvani?"

"Eu penso que tentei, de uma forma muito prática, sempre proporcionar-vos paz e proteção para a vossa consciência. Acho que concordareis também que me elevei à posição de amigo devotado, conselheiro, ajudante. Fiquei grato pela vossa compreensão, pela vossa confiança, e pela afeição que me tendes. Já há muito vos foram dadas as formas, os meios, de vos aproximar da vossa amada. Fostes permitidos a esta proximidade, para que ele, com o seu grande desejo de trazer até vós os pensamentos e as ações dos vossos amados filhos, pudesse realizar o que tanto almeja. Foi também dado a Abdul Latif, a mim e a Frank, o vosso irmão, esta proximidade de pensamento. Isto que vos chegou é diferente do que chega a outros. Tendo recebido todas estas maravilhas, não vedes que, se outros soubessem, despertaria nas suas mentes a possibilidade do que o amor pode realizar?"

Utilizei esses outros controlos que poderiam conhecer, por todos os meios ao meu alcance, para fazer o que afirmei. Tenho dado prova após prova de que venho até vós. E agora aguardo o momento em que possa dizer, através do meu próprio instrumento, exatamente o que prometi, exatamente o que fiz. Podem falar agora. Sim, com o meu instrumento. Ela, com um propósito útil, poderá falar com alguns a respeito disso. O médico americano! Seria bom que ele fosse informado.

Sem entrar em detalhes, então, relatei à Mrs. Garrett sobre o controlo constante de mim mesmo por Abdul Latif e Uvani.

Na próxima sessão, que ocorreu doze dias depois, estava presente o médico americano que Uvani mencionara. Ele estava muito interessado na pesquisa psíquica e no controlo duplo de Mrs. Garrett e eu. Apenas Uvani apareceu, e durante a maior parte do tempo ele conversou com este médico, enquanto eu tomava notas. Ele fez um relato detalhado de tudo o que acontecera comigo ao longo dos últimos anos; mas aqui incluirei apenas a parte da sessão em que ele mencionou os nomes dos diferentes controlos com os quais ele fizera acordos para vir e falar comigo. Mrs. Garrett,

naturalmente, não sabia quem eram, e foi a primeira vez, através dela, ou de qualquer outro médium, que Uvani falou sobre isso:

"Gostaria de declarar que fizemos muito com Madame; para enfatizar o facto de que um treino rigoroso foi empregado ao longo de muitos anos, sob o mais estrito segredo. Levámos esses anos para provar a nossa própria individualidade, e falo aqui, neste momento, das maneiras pelas quais isso foi feito.

"Eu vim através da mademoiselle francesa" – (Uvani agora virou-se inquisitivamente para mim) – "ela com o monge! White Hawk. White Eagle. A menina."

Uvani voltou-se novamente para mim, e após parar para pensar quem era a pessoa a quem se referia, respondi, "Lalla", após o que ele continuou:

"Também Lily. Pode ter havido outros. Tudo isso pode ser contestado, mas através do meu próprio instrumento desejo registar isso. Fiz isso com lembrança. Não vos disse que faria isso, mas depois de o fazer voltei e discuti convosco a minha capacidade ou incapacidade de falar com vocês através de outros controlos e médiuns. Tudo teria sido inútil se não tivesse lembrança disso que fiz. É necessário que vos diga isto para mostrar que lembro, e que não há nada de despropositado no que faço."

Até Uvani falar sobre a Senhora Francis dessa forma, eu havia esquecido que ela é francesa de nascimento, e é conhecida aqui pelo equivalente em inglês de um dos seus nomes. Também me escapara da memória que, já em 1930, o controlo de Glover Botham, que é conhecido como Lily, havia mencionado a associação de Uvani comigo. Por vezes, faziam-se referências cruzadas entre Uvani e este pequeno controlo; mas, como foi muito antes de ele ter escrito através de mim, nunca foi feito qualquer teste entre ele e ela.

Estou a terminar este livro com as palavras de Uvani, através de Mrs. Garrett, pouco antes de ela partir novamente para a América:

"O principal objetivo do meu desejo de falar através dos lábios do meu instrumento extasiado antes de ela deixar este país é este: O nosso trabalho está prestes a ser colocado em forma de livro. Deveria haver valor em tal livro que apresentasse de forma clara, precisa e simples, evidências do trabalho feito por aqueles que são desencarnados com aquele que está encarnado; evidências de pessoas que estão em locais inacessíveis, onde qualquer transporte de qualquer descrição não pode trazer notícias das suas ações. De forma muito definitiva, este trabalho mostra que é possível a mente comunicar com a mente sem a necessidade de palavras. O meu grande desejo é que, na leitura deste documento, as pessoas possam obter algum conhecimento distinto do que é essencial para alcançar uma comunicação clara.

"Primeiro e acima de tudo, uma atitude compreensiva, simpática, na qual percebam que, sem estas qualidades, não poderão obter o elo que os vincula.

"Quando vêm em busca de informação, unicamente por curiosidade ou desejo de obter benefício material, não há porta aberta, nem sinalização; uma barreira, mais imutável do que qualquer muro de tijolos, oculta o que está além. Quando possuem amor que apenas deseja encontrar o ente amado, aquele que partiu da sua visão terrena, mesmo isso pode não ser suficiente.

"É necessário autodomínio, altruísmo, para que qualquer excesso de emoção não obstrua o caminho – e torne turvo o que poderia ser dado pelo controlo do instrumento. Devem compreender que a paciência é um fator muito necessário; que, se aquele que desejam encontrar não for descrito imediatamente, pode ser que, por alguma razão, outro e outro seja visto antes do desejado. Não deve haver objeção, nem manchar a visão do controlo, ou ele encontrará a sua visão tão obliterada que poderá ser incapaz de ver mais nada. Se ao menos se compreendesse claramente que quando as coisas materiais obstruem, a comunicação torna-se quase impossível, quão bom seria!

"Há muitos que pensam que podem fazer uma investigação da maneira mostrada por um detector de crimes na Terra, rígidos e críticos na sua atitude, suspeitos, duros; e, quando pouco ou talvez nada lhes chega, triunfantemente fazem grande alarde, dizendo: 'Isto é impossível, pois testei este médium e a encontrei falha.'

"Não é dado a todos ter a chama do amor puro que, ao estender-se, se funde com o amor daquele que partiu; no entanto, se aqueles que desejam aprender demonstrassem paciência, tolerância, simpatia, não seriam enviados de mãos vazias. Quero que este ponto fique claro. Isso fará muito mais para permitir que aqueles que desejam informação a obtenham do que qualquer outra coisa.

"Agora necessitam de esclarecimento sobre outras questões. Já receberam as vossas imagens de várias maneiras, e reconheceram isto: que o tempo não é sempre uma quantidade mensurável. No início, limitámo-nos a dar-vos um tempo que correspondia ao vosso, e foi notável que as imagens mais pequenas eram mais frequentemente corretas. Foi então relativamente fácil compreender o tempo dos vossos filhos com o vosso tempo. Depois vieram imagens numa tela maior, que frequentemente não correspondiam ao vosso tempo. O interesse, no entanto, continua, pois fornecemos imagens, e, na verdade, o que vimos estava correto. O que queríeis era notícias. Vimos tanto quanto possível, permitindo-vos também ver, e ao mesmo tempo dando-vos uma descrição do que apareceu diante de nós. Quando um homem tira um registo, não se limita a um pequeno item. O que ele vê, ele liga. Assim fizemos nós. Também quisemos deixar claro que o tempo não é nada; pois ontem, hoje e amanhã são um."

“Vocês receberam as suas imagens de várias maneiras. Houve momentos em que tomamos o que passava nas mentes dos meninos por ocorrências reais. Às vezes, tomávamos como uma visão do que mais tarde se tornaria uma ação concreta. Não podíamos sempre prever.

“Foi necessário, por vezes, desviar a vossa visão, para garantir que, ao abrir uma brecha na vossa mente, não sofreriam um grande choque. Sendo imperativo desviar o vosso olhar, demos-vos algo que não ferisse o vosso coração materno. Em vez de verem os vossos filhos passando por grandes dificuldades, grandes sofrimentos, talvez tenham visto outro vislumbre do que depois ocorreu quando tudo voltou à paz.

“Vocês se perguntaram às vezes por que lhes dissemos tão pouco sobre os problemas inevitáveis, especialmente nas fases iniciais do nosso trabalho. Acham que poderíamos ter permitido que sofressem? Na época em que o vosso filho foi mordido pela serpente, acham que, por um momento, vos permitiríamos ver o que estava a acontecer, para que também soubessem e ficassem dilacerados com o tormento da ansiedade? Houve o momento em que o vosso jovem filho passou muitas horas à procura de água no deserto. Isso também. Digo-vos, mesmo que tenhamos tranquilizado e dado a nossa palavra, vez após vez vocês teriam se angustiado, temendo piores coisas.

“Assim, fizemos o nosso melhor, dizendo-vos muito, permitindo que vissem, mas preservando a vossa alma de ser marcada. Já há muito tempo que se tornaram conscientes de que os dois mundos são um, como realmente são. À medida que a mente se inclina para essa ideia, assim os impedimentos desaparecem; e muito definitivamente percebem isso, ao voltarem sobre as nossas evidências e verem o que aconteceu convosco. Quanto mais revisitam, mais conseguem ver os resultados maravilhosos.

“Vocês percorreram o caminho árduo. Receberam muito. Agora pausaram para rever tudo o que foi dado, e são capazes de perceber a verdade. Não há distância entre este estado e aquele que, para a maioria, parece desconhecido. São apenas as pessoas que se interpõem.”

APÊNDICE
ABDUL LATIF E UVANI

Estas notas foram retiradas de dois livros, *Healing Through Spirit Agency* e *Health*, ambos de R. H. Saunders.

Abdul Latif ibn Yusuf nasceu em Bagdá em 1162 da era cristã e morreu em 1231, aos sessenta e nove anos. Não há uma biografia adequada em inglês deste grande persa, sendo as referências a ele nas enciclopédias inglesas de caráter muito breve. Ele é mais conhecido na França e na Alemanha. O melhor trabalho escrito sobre ele é o francês de Baron Silvestre de Lacy, cuja apreciação de Abdul Latif o levou a transcrever as numerosas referências sobre ele encontradas na literatura árabe.

O Sr. Saunders fala sobre o livro na Biblioteca Bodleiana em Oxford: "É conhecido como *Al Mokhtasir*" (O Compêndio). Tem pergaminho de 15 centímetros de largura e 23 centímetros de altura, e consiste em 133 páginas escritas nos belos caracteres árabes. Está amarelado com a idade de cerca de sete séculos, mas a escrita está clara, sem nenhuma alteração ou correção, sendo da própria caligrafia de Abdul Latif. Trata das suas viagens no Egito, com observações sobre as suas condições em 1200 d.C., e é a mina de onde historiadores cavaram durante séculos para obter informações sobre esse período.

Uvani também deu ao Sr. Saunders algumas informações sobre si mesmo através da mediunidade de Eileen Garrett. Eu não vi isso por um tempo considerável após ele ter dado detalhes sobre sua vida para mim. Ele disse que se chamava Uvani, significando "O Filho da Felicidade", mas que o seu nome verdadeiro era Yusuf ben Hafik ben Ali, e que ele era membro de uma nobre família de mercadores de Basra, principalmente ligada à exportação de frutas. Ele próprio era soldado e foi morto há cerca de cem anos, lutando contra os turcos, quando tinha cerca de quarenta e oito anos.